



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EMMANUEL ALVES CARNEIRO

BELAS TARDES DE DOMINGO: MATURIDADE E DANÇA NO CEARÁ

FORTALEZA

2022

EMMANUEL ALVES CARNEIRO

BELAS TARDES DE DOMINGO: MATURIDADE E DANÇA NO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda.

Coorientadora: Profa. Dra. Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima.

.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C288b Carneiro, Emmanuel Alves.
Belas tardes de domingo : maturidade e dança no Ceará / Emmanuel Alves Carneiro. – 2022.
146 f.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda.
Coorientação: Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima.
1. Feminino. 2. Independência. 3. Maturidade. 4. Dança. I. Título.

CDD 370

EMMANUEL ALVES CARNEIRO

BELAS TARDES DE DOMINGO: MATURIDADE E DANÇA NO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 27/09/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Cleide da Silva Ribeiro Leite Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Ao meu pai (in memoriam) e à minha mãe, que com sabedoria e exemplo de vida me deram a liberdade necessária e me ensinaram a fazer escolhas, acreditar e trabalhar duro em busca dos meus sonhos. À minha querida irmã e amiga, Sara Jéssica, que está sempre ao meu lado independente dos momentos; ao meu irmão, exemplo de homem e cidadão.

Aos meus filhos, José Igor, Anne Louise e José Murilo, fonte de amor, alegria e que me inspiram no percurso da minha vida. A toda minha família pelo incentivo e torcida.

Ao meus queridos amigos e amigas que me proporcionaram apoio necessário para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas, pelo dom da minha vida, e por me dar perseverança, serenidade, nos momentos difíceis vividos por meio da busca intensa pelo aprendizado e conhecimento.

À minha mãe, Ivone Alves Carneiro, pelas orações diárias dedicadas à minha proteção e ao meu cuidado, pela sua presença, atenção e força, durante esse meu percurso. Ao meu pai, José Edilson do Nascimento Carneiro (in memoriam), por todos os ensinamentos dados em vida.

Aos meus irmãos, Samuel Alves Carneiro e Sara Jéssica Alves Carneiro, pelo constante apoio fraterno durante minhas ausências dedicadas ao desenvolvimento desta tese.

Aos meus filhos, José Igor, Anne Louise e José Murilo, pela força que sempre me dão de ser exemplo de pai e amigo.

À Profa. Dra. Patrícia de Carvalho Holanda o meu sincero reconhecimento pela oportunidade de realizar esta tese, ao lado de uma grande mulher que exala sabedoria, a quem dedico toda minha admiração e respeito pelo seu dom de transmitir tão bem seu conhecimento.

À Profa. Dra. Socorro Lucena, agradeço pela participação, contribuição especial, entusiástica e ativa em todas as fases da preparação desta tese.

Ao Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves, umas das minhas grandes inspirações como profissional, ser humano e professor de educação física, do qual tive a honra de ser aluno, colega de trabalho e agora tê-lo como membro da banca deste trabalho importante na minha trajetória acadêmica.

Aos professores Dr. Luiz Botelho Albuquerque e Dr. José Albio Moreira de Sales, pelas significativas sugestões e contribuições durante o percurso de minha tese.

Aos companheiros do Curso de Doutorado em Educação Brasileira pelo convívio construtivo nos momentos de alegrias e crescimento, em especial, Jarles, Ossian Soares, e Vanessa.

À Linha de Pesquisa História da Educação Comparada (LHEC), do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, pela recepção ao projeto de pesquisa e aos conhecimentos partilhados em reuniões, congressos, aulas e eventos. Gratidão a todas as professoras e a todos os professores que ajudaram por meio das disciplinas e do conhecimento de forma integrada por meio da educação.

Aos companheiros Dayton Ramos, João Paulo, Roberto Marcelino e Carlos Alexandre, a quem tenho como amigos e confidentes, agradeço pelo apoio e escuta, nos momentos mais exigentes, difíceis e duradouros desta caminhada.

A todos os e todas as participantes desta pesquisa, que se propuseram voluntariamente a cooperar com suas histórias de vida e de amor à dança de salão, em especial às senhoras que se propuseram a participar desta pesquisa, bem como os responsáveis pela idealização dos bailes que abrem uma possibilidade de trabalho e de lazer.

Às grandes amigas e ex-alunas, Castelúcia de Fátima e Moema Lúcia, que me incentivaram no início da minha trajetória profissional de dança a estudar, me motivando a prosseguir pelo caminho da educação até conseguir minhas grandes conquistas.

A todos que contribuíram para a minha formação desde a dança até a educação física, como professores e alunos que me ajudaram neste percurso de vida e profissão.

À Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade de aprender em uma instituição pública e de qualidade, abrindo, assim, um espaço de sociabilização entre professores e alunos por meio do saber.

Ao Instituto Federal do Ceará – Campus Fortaleza, Departamento de Turismo, Hospitalidade e Lazer, Direção, Chefes de Departamento, professores e alunos, pela compreensão do motivo de me afastar muitas vezes, mesmo que parcialmente para o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

*Dorme, que a vida é nada!
Dorme, que tudo é vão!
Se alguém achou a estrada,
Achou-a em confusão,
Com a alma enganada.*

*Não há lugar nem dia
Para quem quer achar,
Nem paz nem alegria
Para quem, por amar,
Em quem ama confia.*

*Melhor entre onde os ramos
Tecem dosséis sem ser
Ficar como ficamos,
Sem pensar nem querer.
Dando o que nunca damos.*

(Fernando Pessoa – Dorme, que a vida não é nada)

“Que nada nos defina, que na nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substancia. Já que viver é ser livre”.

Simone de Beauvoir

RESUMO

O estudo aborda a relação do feminino e sua maturidade com a prática de dança de salão por frequentadoras dos Clubes Sociais da cidade de Fortaleza - Ceará, prática essa que nos remete a entender como categoria de investigação a sua independência e autonomia para realização dessa atividade. Tem como objetivo geral compreender a relação entre dança, maturidade e universo feminino na dança de salão das tardes de domingo nos clubes sociais na cidade de Fortaleza na atualidade. Na fundamentação da pesquisa recorreu-se a vários teóricos dos campos estudados: Beavoir (2018), Goldenberg (2011), Freitas (2005), Monteiro (2007), Bosi (1994), Capucha (2005), Navarro (2017), Morais (2013) Tonial (2011), Moreira (2008), Cavalcante, Holanda e Fernandes (2015), dentre outros. Optou-se pela metodologia de abordagem qualitativo-descritiva, exploratória do tipo estudo de caso, com o uso das técnicas: observação direta por meio do lócus da pesquisa, entrevistas com dirigentes e diretores dos clubes sociais e levantamento estruturado pelo questionário aplicado com os sujeitos da pesquisa. A relevância da pesquisa em andamento está na aproximação e aprofundamento do fenômeno em questão em diferentes tempos na sociedade, onde são focalizados a independência feminina prioritariamente em relação ao lazer e a sua autonomia, tendo na dança uma possibilidade de prática de lazer, um espaço de desenvolvimento de sociabilidade e de atividade emancipatória, protagonismo feminino na sua construção identitária.

Palavras-chave: feminino; independência; maturidade; dança.

ABSTRACT

The study approaches the relationship between the feminine and their maturity with the practice of ballroom dancing by frequenters of social clubs in the city of Fortaleza - Ceará, a practice that leads us to understand, as a research category, their independence and autonomy to perform this activity. The general objective is to understand the relationship between dance, maturity and the feminine universe in the ballroom dancing on Sunday afternoons in social clubs in the city of Fortaleza today. The research was based on several theorists of the studied fields: Beauvoir (2018), Goldenberg (2011), Freitas (2005), Monteiro (2007), Bosi (1994), Capucha (2005), Navarro (2017), Morais (2013) Tonial (2011), Moreira (2008), Cavalcante, Holanda and Fernandes (2015), among others. He opted for the methodology of qualitative-descriptive, exploratory approach of the case study type, with the use of the techniques: direct observation through the locus of research, interviews with leaders and directors of social clubs and survey structured by the questionnaire applied with the research subjects. The relevance of the research in progress is in the approximation and deepening of the phenomenon in question in different times in society, where the female independence is focused primarily in relation to leisure and its autonomy, having in dance a possibility of leisure practice, a space for the development of sociability and emancipatory activity, female protagonism in its identity construction.

Keywords: female; independence; maturity; dance.

RESUMEN

El estudio trata de la relación entre lo femenino y su madurez con la práctica de los bailes de salón por parte de las mujeres que frecuentan los clubes sociales de la ciudad de Fortaleza - Ceará, práctica que nos lleva a comprender su independencia y autonomía para realizar esta actividad como categoría de investigación. El objetivo general de este estudio es comprender la relación entre la danza, la madurez y el universo femenino en los bailes de salón de los domingos por la tarde en los clubes sociales de la ciudad de Fortaleza en la actualidad. La investigación se basó en varios teóricos de los campos estudiados: Beavoir (2018), Goldenberg (2011), Freitas (2005), Monteiro (2007), Bosi (1994), Capucha (2005), Navarro (2017), Morais (2013) Tonial (2011), Moreira (2008), Cavalcante, Holanda y Fernandes (2015), entre otros. Optó por la metodología de enfoque cualitativo-descriptivo, tipo estudio de caso exploratorio, con el uso de técnicas: observación directa a través del locus de investigación, entrevistas con gerentes y directores de clubes sociales y encuesta estructurada por el cuestionario aplicado con los sujetos de investigación. La relevancia de la investigación en curso está en la aproximación y profundización del fenómeno en cuestión en diferentes momentos de la sociedad, donde la independencia femenina se enfoca principalmente en relación al ocio y su autonomía, teniendo en la danza una posibilidad de práctica de ocio, un espacio de desarrollo de sociabilidad y actividad emancipadora, protagonismo femenino en su construcción identitaria.

Palabras clave: femenino; independencia; madurez; danza.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ordem cronológica das contribuições por meio da Gerontologia Ambiental.....	27
Quadro 2 – Principais conceitos da dança e a essência de sua manifestação.....	59
Quadro 3 – Técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa	69
Quadro 4 – Resumo dos tipos de entrevista	72
Quadro 5 – Categorias intermediárias geradas de agrupamentos de categorias iniciais.....	77
Quadro 6 – Categorias finais geradas como temas a partir das categorias intermediárias.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ENVELHECIMENTO: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES.....	21
2.1	Estudo do idoso na cultura e no ambiente.....	27
2.2	Educação e Envelhecimento.....	32
2.3	Belos velhos.....	37
3	FEMININO: CAMINHOS DE VALORIZAÇÃO E SUPERAÇÃO.....	39
4	DANÇA: ORIGEM E TRADIÇÕES.....	50
4.1	Dança de salão no Brasil e os bailes dançantes.....	55
4.2	Dança como expressão, sentimento e comunicação.....	58
4.3	Dança, empoderamento e suas relações.....	62
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	65
5.1	Natureza e tipo de pesquisa.....	65
5.2	Campo social da pesquisa.....	67
5.3	Participantes da pesquisa.....	68
5.4	Período de realização da pesquisa.....	68
5.5	Base principal para interpretação dos discursos.....	69
5.6	Procedimentos e descrição da aplicação das técnicas de coletas de dados.....	69
5.7	Análise de dados.....	75
5.8	Aspectos éticos.....	79
6	ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS.....	81
6.1	Percurso histórico dos bailes nos clubes sociais da cidade de Fortaleza.....	81
6.2	Percursos de vida: infância, formação profissional e família.....	89
6.3	Dança e percurso de vida.....	92
6.4	Dança de salão, seus benefícios e contribuições na vida social de quem a pratica..	102
6.5	Independência: minhas conquistas, minhas escolhas e minha felicidade.....	104
6.6	Quanto mais danço mais os males espanto.....	107
6.7	Festas e bailes dançantes: minha diversão, minha alegria.....	111
6.8	Trajetórias de vida feminina: “ser mulher”, (in)dependência e dedicação para a vida.....	115
6.9	Corpos envelhecidos: amadurecimento, liberdade e estética.....	121
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130

REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	141
APÊNDICE B- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS APLICADOS AOS REPRESENTANTES DOS CLUBES SOCIAIS.....	142
APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO.....	143
APÊNDICE D- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	144

1 INTRODUÇÃO

A aproximação e a relação interdependente de uma mulher com a dança de salão tem sido o fio condutor da minha caminhada investigativa. O meu interesse pelas questões do movimento corporal ao constituir-se como objeto de estudo tem acompanhado meus trabalhos de pesquisa desde a formação no Curso de Licenciatura em Educação Física. Neste espaço, tive acesso aos estudos iniciais do ensino da dança de salão, registrados em sua maioria como manifestação corporal do sexo feminino, chamando-me a atenção para a corporeidade feminina, com vistas a sua independência por meio da práxis na dança de salão, o que me permitiu perceber a necessidade de entender melhor essas relações e como se deu esse percurso nas vivências dos bailes noturnos e diurnos no dia a dia da cidade de Fortaleza.

Além das experiências vividas por meio da pesquisa, como citado anteriormente, pude participar também durante a graduação de atividades extracurriculares, despertando mais ainda para os assuntos que envolvem as questões do envelhecimento e das atividades de dança para os idosos. Em 2004, ingressei num projeto de qualidade de vida para idosos, na Vila Olímpica de Messejana. Tal experiência foi tão relevante que considero um divisor de águas na minha formação acadêmica, pois a partir dela encontrei oportunidade de me aproximar de professores e orientadores que acreditavam na importância de se desenvolver e olhar com mais empatia para os idosos, pensando na qualidade de vida desses indivíduos na sociedade em geral.

Decidi, então, escrever sobre a minha experiência com essa faixa etária nesse local, participando de um encontro científico e publicando um artigo¹, indexado em revista, produzido pela própria instituição em que estudava, colaborando com dados relacionados à saúde dos idosos e a relação do seu desenvolvimento saudável, a partir das aulas de dança e ginásticas realizadas pelo projeto de extensão.

Durante a sequência da minha formação acadêmica pude desenvolver outro estudo por meio da elaboração de uma Monografia² de Especialização, cujo viés condutor foi “danças de salão e a prática para idosos”, considerando as mulheres participantes desse universo, que em sua maioria era idosa, bem como as ideias relacionadas à saúde, lazer e cultura.

¹ Índice de Conicidade como Modelo preditor de doenças Cardiovasculares em Idosos na Vila Olímpica de Messejana. Encontro de Iniciação Científica da Faculdade Integrada do Ceará (2005).

² “A dimensão das danças de salão e sua prática com idoso na cidade de Fortaleza – Ceará”, Monografia de Especialização em arte, educação e cultura popular brasileira – Faculdade Darcy Ribeiro (2010).

Chegando ao mestrado, continuei com o interesse pelo assunto, desenvolvendo uma Dissertação³ que dialogava a dança na educação e a negação por parte dos profissionais em difundi-la na escola. Nessa pesquisa, buscava entender se havia o ensino da dança na escola e possíveis contribuições para os que a praticavam. Posteriormente, em um segundo curso de mestrado⁴, pude explorar como categoria principal a qualidade de vida dos servidores públicos do Instituto Federal do Ceará (IFCE), sendo essa a instituição onde atualmente leciono e coordeno um projeto de extensão chamado “Dançar é Lazer”, fruto de outro projeto em que pude ser precursor, chamado “Dançar faz bem”, tendo como espaço a Universidade Federal do Ceará – UFC, funcionando há quase vinte anos, e que até hoje tem como atividade principal a prática e o ensino da dança de salão, ofertados à comunidade.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira por meio das discussões e leituras fomentadas pelas disciplinas e atividades, desenvolvidas na linha de História da Educação Comparada, fui gradualmente afinando meu objeto de pesquisa, percebendo, então, a necessidade da discussão sobre a relação entre independência feminina, o envelhecimento e a dança de salão na cidade de Fortaleza. Baseado no meu percurso acadêmico e nessa relação aqui apresentada, reafirmo meu interesse nesse estudo, e por também supor que a dança de salão colabora no processo de sociabilidade e de independência feminina no processo envelhecimento.

Assim, a pesquisa em questão busca compreender a relação entre a independência feminina e o investimento mercadológico relacionado à dança de salão, que se pode perceber nas últimas décadas, focado em mulheres acima de sessenta anos de idade, frequentadoras dos clubes sociais que ofertam bailes dançantes nas tardes de domingo na cidade de Fortaleza - Ceará. Essa dança, atividade exercida de forma ativa pelo grupo, aparece como variável importante para entender uma possível conexão entre o envelhecimento, gênero feminino e sua independência, já que se trata de uma atividade que geralmente está relacionada com a “busca pela felicidade”, pelo “prazer”, mas que acontece de forma paga.

Neste estudo, pretendo textualizar uma vivência relacionada à dança de salão⁵, que envolve, diariamente, mulheres e homens nas festas dançantes na cidade de Fortaleza. As

³ O ensino de dança na escola: a negação do professor de Educação Física em sua práxis pedagógica na cidade de Fortaleza-Ceará”, realizada na Universidade Americana, Py (2011).

⁴ “A qualidade de vida dos servidores do Instituto Federal do Ceará”. Mestrado em tecnologia e gestão do meio ambiente, realizado Instituto Federal do Ceará - IFCE (2015).

⁵ Neste estudo “dança de salão” será apresentada como um conjunto de variados ritmos de danças vivenciado a dois. Integram este conjunto danças com ritmos considerados tradicionalmente brasileiro ou originados de outros países, como o bolero, a salsa, zouk. Sendo estes últimos, apesar de sua origem ser de outro país, foram

aproximações apresentadas a partir desse encontro possibilitam lançar um olhar sobre algumas situações relacionadas à vivência feminina e ao processo de possível sociabilização por meio da prática do lazer na cidade.

Toma-se, aqui, as festas e bailes dançantes de dança de salão como espaços de relação social e de desenvolvimento de uma vivência e/ou experiência que, realizada entre pares, dispõem de dúvidas a cerca do que significa ser feminino, envelhecer, namorar, dançar, viver, estar nos bailes. Tal vivência pode ser idealizada ainda como uma atividade que gera performance⁶, onde a criatividade e a ruptura temporária do fluxo da vida social são marcadas por atividades e eventos simbólicos e culturais.

Neste contexto, a dança de salão pode ser interpretada como uma possibilidade de reflexão a partir do feminino, para se desenvolver uma nova forma de pensar sobre o envelhecimento, bem como de interferir nas relações entre o feminino e o masculino. Através da prática do lazer proporcionado pela dança de salão, uma determinada interação pode ser concebida e novas aproximações sociais são buscadas; e o vínculo, nesse caso, é realizado por meio de experiências entre mulheres e homens de diversas idades, condições econômicas, pois, no geral, observam-se senhoras idosas interagindo com homens mais novos, e ambos trocando vivências que possibilitam sentir certa relação social na realidade ao qual estão inseridos.

Além disso, essas senhoras dançarinas apresentam formas de sociabilidade que surgiram nessas últimas décadas. Na cidade de Fortaleza, como em outras cidades brasileiras, percebemos um considerável número de espaços e/ou atividades conhecidas como específicas para os idosos. São grupos de convivências, universidade da terceira idade, praças esportivas, grupos de orações, palestras, cursos, academias de dança e bailes dançantes, sendo este último cenário principal desta tese.

Esses bailes provocam uma experiência privilegiada para entender algo da cultura sexual no Brasil. Geralmente ocorre assim, como destaca Motta (1998, p. 54), “A mulher ao adentrar na velhice é como ela deixasse de ser ela para ser ‘velha’, ou seja, ‘uma pessoa neutra’”. O ser “velha”, nesse sentido, corresponderia à ideia de assexualidade, envolvendo ao mesmo tempo as relações mulher/homem e as mais banais manifestações da feminilidade. Como complementa Motta, “O velho que manifesta seu gênero de maneira explícita enfrenta

reinventados ao chegarem no Brasil e são dançados de forma particular, com uma série de variações que as diferem da forma original.

⁶ Performance é uma das formas de narrar uma vivência ou experiência, transformando-a em algo comunicável para os demais agentes por meio de sua atuação. A performance é um processo por meio de um determinado público em formato de plateia a frente de uma apresentação onde a dança é a performance nesse caso (HANNA, 1988).

acusações de uma forma ou outra. Se não é mais ‘bruxa’, como em outros contextos, é ‘infantil’ ou, simplesmente ‘ridículo’, ‘caduco’, ‘esclerosado’” (MOTTA, 1998, p. 25).

A busca do direito ao lazer e o resgate das atividades lúdicas, comuns ao tempo de juventude, vêm permitindo às mulheres participantes desse estudo uma nova postura perante o comportamento que decidem assumir. Tal comportamento, ao quebrar a barreira da “vozinha” tradicionalmente posta na sociedade, e até mesmo retratada na literatura, reflete a independência feminina na sociedade atual.

Para Goldenberg (2013, p. 186), na sociedade atual, com o aumento da vida útil das pessoas é possível verificar as tentativas de reparação das perdas e do envelhecimento, bem como as buscas de superação. O autor destaca o papel do corpo na sociedade brasileira como uma importante forma de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento, no mercado erótico, e também como um veículo de ascensão social, tão desejado pela classe média e outras classes sociais.

Desse modo, a presente investigação contribui para o debate a respeito da dança de salão, compreendida como espaço de independência feminina e de lazer, apontando, assim, para uma reflexão sobre a mudança de paradigma sobre as novas formas de pensar e agir no decorrer da vida, inclusive, sobre o envelhecimento, que no tocante ao lazer é visto com tabu na sociedade atual, como se tal corpo não pudesse estar em movimento, tanto que quando alguém burla essa lógica social, causa surpresa nas pessoas, sendo, muitas vezes motivo de risos e preconceitos. Consequentemente, a pesquisa apresenta também relevância social para as discussões referentes ao lugar que a mulher tem na sociedade atual e sua relação de independência e autonomia diante de práticas sociais e recreativas que fazem bem a sua vida, e que, muitas vezes, são marcadas por preconceitos e discriminações.

Nesse cenário, é recorrente o fato de amigos ou familiares que frequentam as festas dançantes nos clubes e que não fazem parte do cenário olharem e questionarem repressões para com indivíduos que recusam a imposição desta neutralidade ou, até mesmo, da assexualidade. Como veremos adiante, é constante nas descrições das senhoras dançantes que elas escutam de outras pessoas diálogos em relação a atitudes duvidosas quanto a sua dedicação à prática da dança, como o fato de as considerarem susceptíveis a serem enganadas e exploradas por jovens.

Assim, aqui, de uma forma plural, buscamos apresentar configurações sobre a independência feminina, em relação a clientes dos bailes, notando as vivências e experiências na busca pelo prazer, exercício da sexualidade, diversão e lazer como algo que passa pela reflexão do consentimento do outro mediante a sua condição. E, ainda, neste caso, as trocas econômicas vão muito além do monetário, apresentam-se por meio de uma rede de significados

simbólicos para a delimitação das fronteiras entre o feminino e o masculino, suas interdições e transgressões.

As perguntas de partida que suscitaram o desenvolvimento desta tese foram: Dança de salão de mulheres maduras é lazer ou trabalho de corpo em uma perspectiva psicossocial? Dança de salão de mulheres maduras é transgressão ou sociabilidade possível? A dança de salão de mulheres maduras é uma sociabilidade possível por meio do lazer e da independência feminina? Será que existe algum movimento redefinido em relação a novas formas de viver a velhice, a partir do momento em que a sociedade passa a investir economicamente em sujeitos que vivem na fase do envelhecimento? Assim, a pesquisa parte em busca dessas respostas, partindo da hipótese de que a dança de salão promovida nos principais clubes que ofertam essa atividade no domingo agrega mulheres aposentadas solteiras, divorciada ou viúvas, que na juventude tiveram ou não acesso à dança como lazer, e que hoje tentam resgatar essa prática, usando-a como benefício para o corpo e para a mente.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a relação entre dança, maturidade e universo feminino na dança de salão das tardes de domingo nos clubes sociais na cidade de Fortaleza na atualidade. Para alcançar tal objetivo, planejamos os seguintes objetivos específicos: 1) Compreender a dança no processo de independência feminina na sociedade atual; 2) Situar os clubes sociais no contexto sociocultural e recreativo da cidade de Fortaleza; 3) Contextualizar a dança das “tardes de domingo” como prática de lazer e sociabilização dos sujeitos da pesquisa e sua relação com o poder socioeconômico dos sujeitos pesquisados.

A dança compõe um conjunto de iniciativas tanto na dimensão física como na dimensão simbólica de sentir-se em movimento. O fato é que as mulheres que dançam tentam ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade e ancorar-se no coletivo de mulheres que encontram outros modos de vida e lazer. E como todos os comportamentos que causam estranhamento, este lazer-recreação que é a dança representa também um espaço de rebeldia e autoafirmação para seus adeptos. O modelo da idosa que faz bolinhos para seus netos, que cuida da casa, da cozinha, a velhinha “rezadeira” é substituído pela figura de uma mulher mais decidida que investe nos contravalores para as pessoas mais velhas. As senhoras que dançam, mesmo com o corpo envelhecido, lutam para superar o que Caradec (2011, p. 56) chama de “tensão entre a atividade e a inatividade do corpo e da mente e sua ressonância social”. Dessa forma, as mulheres da terceira idade buscam um envelhecimento bem sucedido por meio da dança, o que resulta numa baixa predisposição a doenças, mantendo corpo e mente ativos, lutando contra um processo de inatividade de corpo e também contra preconceitos por parte de homens e mulheres da sociedade, em geral.

Portanto, esta investigação é resultado de um trabalho que focalizou a relação da independência feminina, sua sociabilização com o envelhecimento das participantes da dança de salão nos bailes promovidos pelos principais clubes sociais na cidade de Fortaleza – Ceará.

Na segunda seção abordaremos as questões do envelhecimento em relação às construções e desconstruções de seus conceitos, trazendo a ideia de uma percepção sobre esse fenômeno em diferentes olhares e de maneira mais ampla, nas concepções física, social, psicológica, ambiental, espiritual e cultural; assim como podemos entender a figura das idosas que fazem da dança seu momento de lazer em busca de sua felicidade.

Na terceira seção apresentaremos sobre o feminino, suas superações e valorização, para poder compreender a importância do papel da mulher na história. Além disso, discorreremos sobre a autonomia e a independência feminina em escolher a dança como parte de seu estilo de vida, e a forma que essas senhoras dançarinas investem neste lazer.

Na quarta seção recorreremos a uma abordagem sobre a dança de salão, em sua origem, sua história, sua chegada ao Brasil, bem como sua relação com a sociabilização e a comunicação, assim retratando sobre seu significado na vida das senhoras dançarinas que frequentam os bailes das tardes de domingo da cidade de Fortaleza- Ceará.

A quinta seção compõe o percurso metodológico da pesquisa, apresentando sua natureza e metodologia de análise que envolvem os sujeitos da pesquisa, o lócus da pesquisa, as técnicas de coleta, período de realização do estudo, usando como base principal para interpretação dos discursos as contribuições de Simone de Beauvoir e Mirian Goldenberg.

Na sexta seção foram apresentados os resultados, por meio da aplicação das entrevistas com os representantes dos clubes sociais e com os questionários respondidos pelas senhoras dançarinas, com abordagens desde a oferta dos clubes a práticas dos bailes nas tardes de domingo, quanto à relação da dança nas fases da vida das participantes, bem como sua percepção em relação ao feminino, ao envelhecimento e a forma que as entrevistadas frequentam as festas dançantes por meio de autonomia e independência, advindas da escolha pela dança de salão.

Na última seção fazemos as considerações finais do trabalho, apresentando as respostas advindas dos principais questionamentos deste estudo, bem como a confirmação dos objetivos, e a conclusão referente ao protagonismo conquistado por estas senhoras dançarinas, como um ato de coragem, deixando de serem modelo de vovozinha que só cuidam dos netos, para serem modelos avós que dançam, que são independentes e autônomas e que por meio desse grito de liberdade passam a ser vanguardas, mediante a prática de dança de salão nos clubes sociais na cidade de Fortaleza – Ceará.

A abordagem se deu após um longo tempo de observação, sendo a frequência aos bailes o ponto de partida, bem como o fato dessas senhoras contratarem o serviço⁷ de um *personal dance*⁸; daí elas mesmo foram indicando outras de mesmo perfil até chegarmos a oito senhoras dançarinas, com idades acima de sessenta e cinco anos, que fazem partes dos sujeitos deste estudo.

No segundo semestre de 2019 foram iniciadas as observações *in loco*, contudo, todo o processo de coleta de dados programado para o primeiro semestre de 2020 foi realizado de forma remota, de modo que não pudemos contar com as entrevistas presenciais, pois o aparecimento do Covid-19⁹, que colocou os idosos num grupo de risco, levando milhares deles a óbito. Mesmo assim, não desistimos de tê-las como sujeitos e realizamos a coleta de uma forma que não as colocassem em risco, mantendo o distanciamento social e seguindo todos os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial de Saúde- OMS.

Isso posto, damos enfoque a um grupo comumente esquecido ou pouco lembrado, que é o grupo de idosos. Nesse sentido, a pesquisa parte de um entendimento que o envelhecimento não possui e nem deve ser visto como algo homogêneo. A indústria turística tem criado alguns projetos e programas voltados para a terceira idade, com a promoção de passeios, ginásticas, projetos sociais, no entanto, tais programas não são direcionados a todos. Aposentados que vivem de salários mínimos, muitos em situação de pobreza, continuam envelhecendo com dificuldades, o máximo que às vezes conseguem fazer são atividades organizadas por Centros Sociais, realizadas em lugares periféricos das cidades, como atividade de lazer, e algumas atividades feitas por asilos em comemoração ao dia do idoso. Aposentadorias com proventos mais elevados, no geral, permitem diversas possibilidades de opções de consumo, entretenimento e lazer.

⁷ Serviço conhecido como “vip” ou mesmo exclusivo, esta modalidade atente a certo grupo especial de pessoas. No serviço exclusivo a senhora dançarina contrata o dançarino para acompanhar nas festas a sua disposição em relação a dança no evento. Cada dançarino pode atender até mais de uma pessoa não ultrapassando de três senhoras, todo o processo é previamente definido no anteceder da negociação, contudo esse serviço também pode ser ampliado, nas questões de o dançarino poder tanto pegar quanto deixar a senhoras em casa, antes e depois do baile, não ficando a na condição do acompanhante a compra do ingresso nem da alimentação, e sim de quem contrata, durante todo o baile.

⁸ *Personal dance* – É um profissional de dança que desenvolve para seu cliente (aluna) uma atividade exclusiva, seja em aula ou em bailes por meio de sua atividade de dança.

⁹ A COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde.

2 ENVELHECIMENTO: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES

Todos mudam durante a vida, mas sem perder a identidade que já existia quando éramos jovens. As raízes, o passado, o ancoradouro no mundo permanecem. É por meio deles que se definem os objetivos de um projeto de vida. Assim, não é possível investigar arbitrariamente projetos para si mesmo. É preciso que estes projetos estejam inscritos no passado de cada um, com exigências a serem realizadas (GOLDENBERG, 2013, p. 26).

A presente seção está relacionada ao campo das Ciências Sociais, na qual apresentamos uma constituição histórica e generalista de inúmeros conceitos e entendimentos sobre o idoso e o processo de envelhecimento, em relação a sua independência, ao seu estilo e sua qualidade de vida. Tais descrições apresentarão diversas formas de desenvolvimento humano em diferentes óticas e outros campos de atuação, como o biológico, social, psicológico, ambiental, espiritual, educacional e cultural, a fim de que percebamos a complexidade sobre o estudo desse fenômeno, e como esse desenvolvimento é vivenciado por eles e elas, e entendido pela sociedade como um todo.

Envelhecer é a maneira como cada organismo individual se desenvolve, definida por seus estados dinâmicos, nos quais as forças internas criam tensões produtivas, gerando expansão e crescimento em algumas dimensões, contração e degradação em outras, evitando qualquer padrão de permanência. O envelhecimento é um processo contínuo de transformação do ser humano como ser único em seu tempo vivido. Isto é, o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um individualmente (MONTEIRO, 2001, p. 27).

A relação de subjetividade que envolve o processo de ser idoso leva-nos a entender que o envelhecimento e como ele se dá no percurso da vida humana perpassam por diversos fatores e diferenças que cercam esse fenômeno, tornando, assim, cada vez mais difícil encontrar uma forma ou fórmula de explicar esta fase da vida humana. Isto reflete um “tempo interno” que o ser humano assume perante o envelhecimento.

A autora Beauvoir (1990), em seu campo de investigação encontrou também inúmeros e diferentes grupos da sociedade primitiva cuja evolução é variada e diversificada pelo fenômeno do envelhecimento. Em sua obra ela enaltece o quanto esse processo, naturalmente da ordem do biológico, é representado cultural e socialmente, reafirmando a forma como as sociedades ocidentais historicamente lidam com esse fenômeno.

No plano biológico, a noção de declínio tem um sentido claro. O organismo declina quando suas chances de substituir se reduzem. Em todos os tempos, os homens tomaram consciência da fatalidade dessa alteração. Sabemos que desde a antiguidade procuraram suas causas. A resposta dependeu da ideia que a medicina, considerada em seu conjunto, fazia da vida (BEAUVOIR, 2018, p. 21).

Diante das numerosas formas de conceituar o envelhecimento, principalmente de relações culturais distintas, como citado anteriormente, o campo da Biologia é uma dessas formas, pois nos traz fórmulas não apenas biológicas, mas químicas, para explicar a complexidade, ainda assim, com conceitos que estabelecem entendimento e complexidade, relacionada a diferentes tecidos específicos, por meios de mudanças moleculares e fisiológicas relacionadas à idade de cada indivíduo.

O envelhecimento é um processo biológico inevitável e caracterizado por declínio geral das funções fisiológicas, isto é contrabalançado por reparo e fatores de manutenção que contribuem para a longevidade do organismo. Assim, definiram o envelhecimento como um fenômeno multifatorial associado com a diminuição das funções fisiológicas e celulares, ao aumento na incidência de numerosas doenças degenerativas e à diminuição da capacidade para responder ao estresse (BECKMAN; AMES, 1998, p. 192).

É complexo definir a origem do envelhecimento, em se tratando dos aspectos biológicos, sociais e psicológicos, por isso existem divergências entre os estudiosos da biologia do envelhecimento. Diante das teorias existentes, para alguns, o processo de envelhecimento surge a partir da maturação sexual, e, para outros, se dá desde a concepção.

A idade biológica é definida pelas alterações mentais e corporais que acontecem ao longo do processo de desenvolvimento e constitui o processo de envelhecimento humano, que pode ser entendido como um processo que se inicia antes do nascimento do indivíduo e se estende por toda a existência humana.

Tal concepção das Ciências Biológicas que entende o envelhecimento como um processo biológico natural e inevitável do corpo humano aponta que tal processo é contrabalançado por reparo e outros fatores que contribuem para a longevidade do organismo. Assim, tal afirmação destaca também que o envelhecimento passa também pela subjetividade de cada indivíduo, sendo possível observar diferentes formas de explicar o processo de envelhecimento. Não nos interessa aqui nos debruçar sobre todas essas explicações, mas apontamos que, dentre esses conceitos, boa parte até se contradiz, outros apoiam conceitos já existentes, mas nessas contradições e confirmações fica evidente a dimensão “multifatorial” do envelhecimento.

A relação social entre os indivíduos e essa dinâmica natural da vida é parte importante para se entender sobre o fenômeno do envelhecimento; boa parte desta relação é caracterizada por meio de sentidos e/ou sentimentos de cada um que envelhece, fazendo com que dentro desta perspectiva sejam criados direitos e deveres. Inclui-se nessa questão as leis de

proteção social ao idoso na nossa sociedade, que vão se modificando dependendo do nível de desenvolvimento em que cada espaço se encontra.

A conquista de inclusão do idoso nas políticas públicas articula direitos ao segmento social formado pelos idosos cuja condição de cidadania necessita ser assegurada e realçada, especialmente em países como o Brasil, que por não fundamentarem a convivência social em padrões de civilidade, sempre relegaram a segundo ou a terceiro plano a condição de cidadania da pessoa idosa e dos segmentos sociais mais fragilizados (SILVA, 2016, p. 221).

A história de desenvolvimento social no Brasil é escrita sob o julgo da escravidão, tal situação fez com que não pudesse ser estabelecida uma convivência social baseada nos princípios da civilidade e igualdade entre os cidadãos. Somente na história mais recente é que se percebe a convivência social baseada nos valores democráticos, de justiça, cidadania e ética, impulsionada nas últimas décadas frente aos movimentos sociais organizados e no marco legal da constituição vigente, tida como cidadã. Tal situação vai de encontro ao crescimento do número de idosos no Brasil.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sistematizou dados demográficos com relação à população idosa no Brasil. De acordo com o censo, entre 2000 e 2010 a população idosa passou de 14,5 para 20,6 milhões de pessoas. Em 2011, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) estimou cerca de 23 milhões, representando 12% da população. Nesse sentido, a estimativa do IBGE é que o número de idosos ultrapasse a 3º milhões (BRASIL, 2013, p. 69).

O crescimento apresentado estatisticamente vai de encontro ao crescimento epidemiológico, científico e tecnológico, assegurando uma melhor expectativa de vida ao ser humano, ao mesmo tempo em que se diverge, quando esse quadro é analisado na perspectiva de acesso às condições de vida por parte dessa população, podendo comprometer uma boa condição de envelhecimento saudável e ativo. A compressão da longevidade como conquista da humanidade requer ações e políticas de Estado, destinadas ao segmento social do idoso e de todas as gerações.

Observando a partir do viés demográfico, ainda com dados referidos do IBGE, o crescimento do envelhecimento populacional também se deu por dois fatores considerados primordiais: o primeiro está relacionado à diminuição da taxa de fecundidade, que caiu de 6,3 filhos por mulher, em 1960, para 1,7 filhos, em 2012; o segundo é a diminuição da mortalidade infantil, que passou de 131%, em 1960, para 14,8%, em 2012 (BRASIL, 2013, p. 212). Esses dados estatísticos, desde a década de 1960 estão diretamente relacionados a modificações nos âmbitos educação, social e saúde, como a implantação de unidades terapêuticas intensivas,

descoberta de medicamentos relacionados aos antibióticos, às vacinas, e mudanças no estilo de vida saudável por parte da população. “A população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017” (BRASIL, 2020, p. 72).

Em 2012, a população com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões. Os 4,8 milhões de novos idosos em cinco anos correspondem a um crescimento de 18% desse grupo etário, que tem se tornado cada vez mais representativo no Brasil. As mulheres são maioria expressiva nesse grupo, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo) (BRASIL, 2020, p. 76).

Diante dos dados descritos acima, percebemos um aumento de longevidade no Brasil nos últimos anos, assim como inúmeros ganhos no campo social e da saúde, ao mesmo tempo em que também percebemos novos desafios nas relações sociais e econômicas no país. Diante destas perspectivas e desafios que a Gerontologia vem se expandindo desde meados do século XX até os dias de hoje, justificando a necessidade de novos estudos multi e interdisciplinares, como este proposto por essa tese.

Silva (2012) aponta que diante do crescimento populacional de idosos que cresce em ritmo acelerado no Brasil, as necessidades da pessoa idosa passam a ser compreendidas como uma das expressões da questão social contemporânea, destacando que isso requer por parte do Estado e governos estaduais o redimensionamento da agenda pública e dos investimentos, a fim de superar ações pontuais e localizadas, com políticas públicas de alcance social e com diretrizes institucionais nos diversos níveis administrativos que compõem a república federativa.

Para melhor entender as necessidades sobre as questões sociais em relação ao idoso, o presente estudo apresenta uma análise comparativa inicial em relação a um estudo, de Carvalho (2010), em Portugal, onde esta questão se encontra organizada em torno de três eixos: eixo de proteção social, eixo de proteção à família e o eixo de solidariedade. Neste caso, o sistema previdenciário de lá substitui rendimentos de trabalho perdido, em verificação de eventualidades legalmente definidas como doenças, invalidez, velhice, morte etc. Observa-se que, no que se refere ao sistema de segurança social, o processo de envelhecimento se encontra no campo das eventualidades, que contradiz com o paradigma de longevidade enquanto conquista da humanidade.

Historicamente, o sistema de seguridade social em Portugal evoluiu em relação às primeiras manifestações de suas ações, contudo percebemos que ainda precisa evoluir muito para melhor garantir a todos os idosos uma qualidade de vida minimamente digna, de acordo

com os direitos de cidadania do próprio país. Tais comparações nos alertam que as mudanças devem ser feitas de maneira mais global, respeitando as individualidades e as condições de cada país e as suas leis vigentes, sem perder as condições básicas de qualidade de vida. Capucha (2013) revela a necessidade de que a “rede de prestação de cuidados e de serviços sociais” seja intensificada. No caso do Brasil, observamos que, muitas vezes, as necessidades dos idosos são despercebidas por familiares e pela sociedade.

Um envelhecimento sem qualidade de vida não pode ser prevenido fora do quadro da melhoria nos níveis de prestação do sistema de segurança social, de um lado, pelo aumento das pensões mais baixas e, por outro lado, através da promoção da qualidade e do alargamento da rede de prestação de cuidados e serviços sociais, com particular concentração do esforço público nas respostas às necessidades dos idosos mais carenciados (CAPUCHA, 2013, p. 337).

O fenômeno da velhice não pode ficar alheio, isso vale para todos os indivíduos e cidadãos.

Do ponto de vista pessoal, há uma grande probabilidade de que a vida se prolongue velhice adentro. Do ponto de vista de sua interação com outros, a população de velhos está aumentando tanto, no Brasil e no mundo, que será impossível não interagir com ela (ABREU, 2017, p. 14).

O aspecto social referente ao entendimento sobre o envelhecimento contribui não só para os direitos e deveres do idoso, mas para perceber sua importância na sociedade.

Entender o envelhecimento por meio da questão social em uma visão subjetiva pode fortalecer uma perspectiva melhor sobre o olhar do futuro em que cada ser humano poderá vir a ter. É necessário que socialmente o envelhecimento não só seja entendido, mas sentido, assim podendo quebrar paradigmas da velhice como uma parte da vida triste e que só se diz respeito ao outro que nela se encontra. É preciso que sejam considerados os exemplos de boa conduta vivida na velhice por meio de inúmeras interações sociais.

Monteiro (2003) reforça que para melhor envelhecer socialmente temos que viver diferentes e sucessivas novas interações sociais, desprender-nos de relações que não mais contribuem, para angariar novos conteúdos, à medida que as novas relações e novos traços venham a compor novas narrativas da vida. Geralmente saímos de cena ao longo da vida quando não contribuimos mais; na velhice não é diferente, o bem-estar do idoso tem relação direta com o sentir-se útil e motivado a fazer algo, a exemplo das interações proporcionadas pelos encontros de dança de salão nos clubes sociais da cidade de Fortaleza – Ceará, que proporcionam prazer e a valorização das potencialidades do grupo participante.

O preconceito é um fator considerável nos estudos sobre o envelhecimento, embora a velhice seja um construto social e temporal e a idade fator predominante discutível. Os indivíduos mais velhos, boa parte das vezes, são definidos como idosos a partir dos seus 60 anos de idade, independente do seu estado psicológico, biológico e social. No entanto, a idade deve ser considerada de forma multidimensional, ou seja, a idade cronológica não é uma medida significativa para a definição de desenvolvimento humano. Diante disso, consideramos que, especificamente, a dança é um espaço de questionamento, porque não está ligada diretamente a essa multidimensionalidade, sendo assim um espaço de desenvolvimento humano, uma vez que existe na sociedade atual uma cultura de eterna juventude.

Determinar o início da velhice é uma tarefa complexa porque é difícil a generalização em relação à velhice, e há distinções significativas entre diferentes tipos de idosos e velhices. A idade é um fato pré-determinado, mas o tratamento dado aos anos depende das características da pessoa. Assim, torna-se difícil saber que critérios utilizar para se definir o início da velhice, pois os aspectos que caracterizam este período são questões ainda controversas (SHINEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 05).

Um dos principais conceitos sobre o envelhecimento que se utiliza do pressuposto da idade cronológica é o da Organização Mundial de Saúde (OMS), que, em 2005, considera que nos países desenvolvidos o idoso se inicia com idade de 65 anos, e nos países em desenvolvimento, o início da vida idosa começa a partir dos 60 anos. No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso (2003), gratuidade em transportes públicos urbano, vagas privativas e/ou atendimentos específicos em estabelecimentos públicos e privados são direito das pessoas a partir dos 65 anos de idade, ainda que o mesmo documento reconheça como pessoa idosa aquela que tem igual ou superior a 60 anos de idade.

Ademais, a atitude social de “generalização” impede ou dificulta que se veja a pessoa em sua singularidade. Cada vez mais o envelhecimento humano é entendido como processo influenciado por outros aspectos importantes, como: classe social, cultura, saúde coletiva e individual, questões de gênero etc. Percebe-se uma dificuldade para se determinar um padrão em termos de conceitos que norteiam a velhice, pois as etapas do desenvolvimento natural pouco correspondem com a idade cronológica, justamente porque essas divisões da vida não são absolutas, como assim entende Pontes (2002). Portanto, concordamos com o autor, ao afirmar que cada idoso em suas especificidades, por meio de suas construções de vida, suas relações interpessoais, suas formas de ver as limitações e as potencialidades da vida, determinam a chegada ou não de sua velhice.

2.1 Estudo do idoso na cultura e no ambiente

Dentro das multiplicidades e formas de conceituar o envelhecimento, levar em conta as questões culturais e ambientais em que os indivíduos vivem em seu processo de desenvolvimento humano é considerado relevante para entender como as pessoas ficam idosas. Esse fenômeno fez com que a ciência despertasse os olhos para uma área de estudo recém-criada, chamada *Gerontologia Ambiental*, na qual estudos e evidências contribuem para uma promoção de um envelhecimento saudável e para a construção de sociedades parceiras dos idosos.

Gerontologia Ambiental é concebida como o campo dedicado a descrição, explicação, modificação ou otimização da relação entre as pessoas idosas e seu entorno sócioespacial, e, enquanto campo multidisciplinar, alimenta-se das contribuições advindas das diversas ciências. O desenvolvimento desse campo tem permitido compreender os determinantes contextuais do envelhecimento e sua influência sobre a heterogeneidade na experiência dos idosos (BATISTONI, 2014, p. 648).

Para entendermos melhor sobre as inúmeras influências que as questões ambientais em nível de conhecimento no estudo do idoso, principalmente na área acadêmica internacional, apresentamos uma ilustração dos principais estudos clássicos nos últimos anos na referida área.

Quadro 1 – Ordem cronológica das contribuições por meio dos estudos da Gerontologia Ambiental

Modelo teórico	Descrição Principal	Referência/Ano
Pressão competência	Comportamento na velhice é uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental.	Lawton & Nahemow/1989
Congruência pessoa-ambiente	O comportamento é uma função da congruência entre as características pessoais (como necessidades) e o que o ambiente tem a oferecer (capacidade de suprir tais necessidades).	Kahana/1973
Socioecológico	Ambientes sociais e físicos influenciam o comportamento individual e vice-versa.	Moos & Lemke/1995
Visão transacional das pessoas idosas em seus ambientes	Aspectos físicos, sociais e autobiográficos do indivíduo como consequências de viver e envelhecer em um dado lugar.	Rowles, Oswald, Hunter/2007
Estresse	Processos dinâmicos de avaliação, enfrentamento e reavaliação embasam as transações pessoa-ambiente.	Schooler/1982
Complementar congruência	O bem-estar na velhice é influenciado pela correspondência entre os recursos ambientais e necessidades pessoais.	Carp & Carp/1894

Fonte: Batistoni (2014, p. 649).

Observamos, mediante o quadro apresentado que novos campos de estudo surgem com o objetivo de contribuir e entender melhor como se dá o processo do envelhecimento do ser humano; o ambiente doméstico, ambiente de trabalho, as questões de moradia, contextualização urbana/rural, segurança, questões de vizinhança, acessibilidade, políticas públicas, dentre outros, são fatores a serem considerados no estudo do idoso. Assim, a Gerontologia Ambiental, ao ocupar-se da descrição, explicação, modificação ou otimização da relação entre as pessoas idosas e seu entorno socioespacial contribui para uma melhor compreensão do envelhecimento.

O aumento das doenças mentais, sociais e físicas no idoso é proporcional ao aumento do envelhecimento da população mundial, comprometendo, assim, a qualidade de vida desses indivíduos. As questões de meio ambiental e a cidadania são temas que ajudam os idosos a buscarem uma valorização nas suas histórias de vida, ocasionando a inserção desses indivíduos nesta discussão. A Política Nacional da Educação Ambiental (PNEA) e a Política Nacional do Idoso (PNI) no discurso sobre a importância da sustentabilidade vão estruturando um novo cenário sobre a relação idoso e meio ambiente, abrindo possibilidade para uma melhora na qualidade de vida individual dos idosos e do ambiente em que eles vivem.

Galon, Matos e Mantovaneli Junior (2017) abordam a relação ambiental e a cidadania a partir da concepção de que

O idoso consciente dos seus direitos de cidadania em suas múltiplas instâncias, “direito a educação, cultura e lazer”, direitos essenciais para a eficácia da educação ambiental, e usufruindo uma qualidade de vida sustentável, a qual religasse as dimensões biopsicossociais, certamente participaria plenamente como educador ambiental, contribuindo para o almejado desenvolvimento sustentável (GALON; MATOS; MANTOVANELI JUNIOR, 2017, p. 5).

Tal concepção mostra a diversidade e complexidade do entendimento sobre o ato de envelhecer, principalmente mediante suas variáveis, sejam elas sociais, culturais, psicológicas, ambientais, bem como outros fatores que interferem nesse processo de envelhecimento.

O corpo, na concepção física, muitas vezes, não reage diante das variáveis aqui citadas, pois se limita pela perda de capacidade ora frustrante ao ato de dependência ora confiante pelo ato de missão cumprida pelos anos vividos. O corpo é o ponto inicial, se esquecemos dele, somos muitas vezes levados ao mundo da ilusão e dos sonhos.

O corpo, principalmente através do sentido tátil, fornece um senso de realidade objetiva, porque é no limite da pele que sabemos que estamos conectados ao mundo, possibilitando-nos o relacionamento com os outros corpos, sem que percamos a

referência espaço-temporal (MONTEIRO, 2003, p. 36).

Há uma necessidade de valorização do corpo, além do respeito que se deve ter para com o mesmo. A visão do corpo precisa ser além da concepção como “máquina do trabalho”, mas precisa ser entendido como instrumento pelo qual o ser humano explora e enriquece a experimentação, adquirindo e doando o aprendizado primordial para a vida de todos os seres humanos. Rugas e cabelos brancos anunciam apenas uma referência, o corpo velho não pode ser visto apenas como um corpo, mas como uma identidade que preza personalidade e de estimada contribuição social, econômica e cultural.

A cultura é um sistema diversificado, complexo e integrado, que compreende conhecimento, artes, habilidades, crenças, leis, moral e costumes. Uma definição mais contemporânea do termo cultura se baseia a partir de três sentidos diferentes: na perspectiva do indivíduo, de um grupo ou classe, ou do conjunto da sociedade (ELIOT, 2011).

As diferentes sociedades e os diversos momentos históricos variam em relação ao comportamento cultural, especificamente do indivíduo. Nesse sentido, Netto (2000) destaca alguns comportamentos de povos e suas relações com os idosos.

Documentos datados a 3000 a.C. ressaltam que os egípcios prezavam por uma vida com saúde e longevidade, com destaque para os primogênitos com obrigações de cuidar dos seus pais velhos; isso significava um sinal de consideração e respeito. Os povos judeus também respeitavam e valorizavam seus idosos, como podemos depreender do principal livro dessa cultura, a bíblia, escrita 200 a.C, onde verifica-se que ser ancião era sinônimo de poder e valor político. O Sinédrio, órgão máximo do povo Hebreu, tinha 70 “anciões do povo”.

Segundo Netto (2000), ao contrário da valorização aos idosos nas civilizações citadas acima, para os gregos, o envelhecimento era algo pouco valorizado, pois representava declínio do vigor, da juventude e virtudes valorizadas pela cultura helênica; em Esparta, o conselho de cidadãos idosos era mais valorizado. Em Roma, o Senado, instituição com maior nível de poder, deriva seu nome do Senex (idoso), dando importância à experiência alcançada com o passar dos anos.

Ainda segundo o autor, a velhice e o ser idoso, após a revolução burguesa, passaram a ter sentido e valorização, devido à tranquilidade e um repouso feliz alcançados com a velhice, além de posses e bens materiais, o que lhes garantiam respeito social. Na Índia, ser idoso era significado de aquisição de conhecimentos e experiências para o grupo ou para a família, tornando, assim, o envelhecimento a fase da vida mais importante da sociedade, quiçá, uma meta a ser atingida.

De acordo com inúmeros exemplos e manifestações relacionados aos aspectos culturais e a valorização dos idosos em diferentes momentos da sociedade, entende-se que a velhice sempre existiu em todos os tempos e em todas as culturas, contudo a representação dos idosos e a posição destinada a eles mudam conforme a época e o lugar, sendo, assim, algumas vezes exaltados ou eliminados, de acordo com a cultura vigente.

No Brasil o rendimento médio dos idosos é de 850,00, passando a ocupar um papel de destaque na sociedade brasileira. Um exemplo importante é encontrado no fato de mais de 60% dos idosos serem responsáveis pelos domicílios, sendo comum também essa assistência a filhos e netos e etc., na maioria dos casos (IBGE, 2016, p. 78).

De acordo com os exemplos citados acima, é importante que se perceba que atualmente é valorizada na sociedade atual uma cultura de produtividade, o que reflete numa menor participação por parte dos idosos, uma vez que não se encaixam no processo de produção por apresentarem uma “baixa potencialidade”. Isso nos leva a uma contradição, pois essa mesma sociedade que desvaloriza ou pouco valoriza a importância do envelhecimento e dos idosos como indivíduos que possuem potencialidades de trabalho, usufrui de produtos, serviços e legados de uma época de maior produtividade.

Importante que seja destacada a preservação dos hábitos, a cultura do seu povo, porém, muitas vezes o que acontece é certo isolamento social, pois pessoas que estão na fase da terceira idade demoram mais se aproximarem a novos grupos do que os membros mais jovens de suas famílias.

É necessário que se crie um espaço para a existência, socialmente produtiva, dos velhos; acreditando ser possível sua participação e contribuição para a sociedade. A subcultura preconceituosa deve ser combatida, criando-se oportunidades para que esse segmento importante possa se desenvolver social e culturalmente (SALGADO, 1996, p. 36).

A cultura quanto à valorização dos idosos precisa ser modificada em nossa sociedade; boa parte desses idosos, uma vez oportunizados, são indivíduos com várias potencialidades de trabalhar, exercitar-se e contribuir com suas experiências de vida. Aumentar o número de profissionais de saúde com capacidade de lidar com problemas de saúde, econômicos e sociais pode contribuir aos poucos diante do fenômeno do envelhecimento e, assim, proporcionar uma melhor qualidade de vida, aumentando a longevidade dos mesmos.

Diante dessa reflexão, entende-se que a identidade do ser idoso se define não por possuir apenas uma essência, uma substância, e, sim, por ser uma construção cultural elaborada e reconstruída consecutivamente.

No conceito de saúde, enquanto bem-estar biopsicossocial, relacionado ao processo de envelhecimento é visto com interações diversificadas entre as estruturas em que são vividas, as diferentes interações em relação as funções do corpo, as condições de saúde e a participação, isto é, componentes culturais, ambientais e componentes pessoais (BOTELHO, 2000, p. 56).

Em uma perspectiva dinâmica sobre o envelhecimento, um dos fatores determinante é, ao longo da vida, ser ativo. Trajetórias sociais nos contextos geográficos e históricos, dependendo dos diferentes contextos vividos, têm impactos na vida da mulher e do homem que envelhece.

O género, enquanto determinante transversal, é preponderante numa sociedade com grande longevidade. As mulheres vivem mais tempo mas com menos saúde do que os homens. Nesta diferença reside uma boa parte das preocupações políticas que procuram conhecer as razões a que estão associadas a de modo a introduzir as correções necessárias que ocorrem ao longo da vida. As mulheres, que constituem a grande maioria dos idosos, chegam à velhice em condições económicas muito desfavorecidas. São frequentemente as mais pobres de entre os pobres, usufruindo de baixas pensões, devido a carreiras contributivas curtas e com baixos salários, e acentuada descapitalização (FERNANDES, 2008, p. 56).

Com isso, podemos compreender que género e cultura são determinantes, podendo ser considerados transversais, uma vez que se contextualizam e abrangem diversas situações. Um exemplo para melhor ilustrar essa questão é dizer que o envelhecimento é apenas visto como algo associado à doença, por isso, haverá menos condições de desenvolver mecanismos de prevenção e proteção das pessoas já doentes ou com alguma incapacidade. Na mesma situação podemos dizer que, culturalmente, não se desenvolve uma proximidade e uma convivência intergeracional, “segregação a partir das idades”, ou seja, dificilmente se constrói na sociedade atual a promoção das políticas públicas de integração e interação dos mais velhos.

2.2 Educação e Envelhecimento

A educação e o envelhecimento possuem proximidades e relações a serem destacadas, além da gerontologia ambiental descrita na subseção anterior. Aqui iremos abordar o histórico e conceitos sobre a gerontologia educacional, práticas educativas, dentre outros fatores relacionados à educação e o envelhecimento, bem como sua contribuição para o desenvolvimento de uma boa longevidade e educação por parte dos idosos.

As primeiras pesquisas gerontológicas surgiram nos campos disciplinares da Psicologia, da Medicina e da biologia, que colocaram sob relevo questões relativas à saúde, às relações sociais e às capacidades cognitivas dos idosos. A intersecção entre

a Educação e a Gerontologia vai aparecer apenas em um segundo momento, quando, nos anos 1970, surgem as primeiras propostas científicas que abordam as relações entre esses dois campos de estudo (DOLL; RAMOS; BUAIS, 2015, p. 10).

Durante algum tempo, a educação e a gerontologia tiveram pouca proximidade, enquanto as relações teóricas e as práticas educacionais estavam ligadas à fase inicial da vida humana, como as fases da infância e da juventude, a ciência que estuda o idoso priorizou a fase final da vida e só nas últimas décadas que as áreas tiveram mais interatividade e proximidades.

A literatura mundial apresenta que as primeiras revistas que surgiram sobre Gerontologia e Geriatria foram publicadas na década de 1940 nos Estados Unidos e só em 1976 foi que a Revista *Educational Gerontology* apresentou um artigo sobre a relação entre Gerontologia e Educação, por um professor chamado David A. Peterson, que trabalhava na Universidade de *Nebraska*, no qual propôs uma estruturação na Gerontologia educacional da seguinte maneira:

No estudo do idoso e suas relações com a educação, foi possível observar três diferentes aspectos: o primeiro relacionado as atividades voltadas para a educação de pessoas com meia-idade ou idosos, a segunda relacionado ao público geral ou específico sobre o envelhecimento e pessoas idosas por meio de atividades educacionais e a terceira e última, como uma preparação educacional para os que trabalham ou pretendem trabalhar com pessoas idosas de forma profissional ou como profissionais. O autor ainda reformula o conceito de Gerontologia Educacional que é o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre a velhice e indivíduos idosos (PETERSON, 1976, p. 62, tradução nossa).

Diante dos conceitos e dados históricos citados anteriormente pela literatura, é importante destacar que para além do que está descrito existiam muitas práticas educacionais e educativas desenvolvidas no Brasil e em outros países, antes mesmo dessa época. Segundo Braz (2008), no Brasil, em meados dos anos 1960, o Serviço Social do Comércio – SESC já desenvolvia programas de interação social com idosos e promovia atividades de ocupação ao tempo livre de jovens aposentados. Em média 2000 grupos de idosos ativos eram contabilizados na França no início da década de 1970, mesmo não sendo diretamente relacionados com atividades educacionais, mas em perspectivas assistencialistas.

Os dados baseados na Gerontologia Educacional e nas pesquisas desenvolvidas ao longo desse tempo apontam que a preparação em geral da população em relação ao envelhecimento e a formação de profissionais que trabalham com pessoas idosas foram pouco exploradas no campo da Educação; fato que nos faz refletir que é necessário um maior investimento em conhecimento nessa área de formação, a fim de direcionar as ações com atenção, cuidados e educação desse segmento referido e, ademais, que a população possa ter

uma percepção clara do envelhecimento como algo do interesse de todas as faixas etárias, uma vez que entendemos que esse processo acontece ao logo da vida.

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimento sobre a matéria (BRASIL, 2004, Estatuto do Idoso, Cap. V, art. 22, s. p.).

É importante destacar que a Pedagogia está também relacionada às discussões de cunho cultural, vários lugares são possibilidades de aprendizados, seja no ambiente formal como as graduações e pós-graduações que já incluíram nos currículos o ensino de envelhecimento com relações diretas aos estudos de Gerontologia Educacional, bem como em ambientes considerados não formais, como no cinema, na mídia, na cultura popular, comunicação de massas e nas relações e organizações religiosas e políticas. Tal fato, inclusive, justifica e ganha reconhecimento quando assim é citada pelo próprio Estatuto do Idoso essa possibilidade de evolução e valorização desse conhecimento.

Entendendo a pedagogia da esperança como necessidade, afirmada por Freire (1992, p. 10), justificando-se “como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate re-riador do mundo”.

Vale destacar alguns feitos no sentido de fortalecer o elo entre educação e envelhecimento, como a criação de várias universidades abertas para o idoso, grupos de interação e convivência, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que, particularmente, no Brasil, recebe um número considerado de idosos, treinamentos específicos e campeonatos esportivos exclusivos para essa faixa etária, chamados muitas vezes de Master, cursos de informática, dentre outros. O próprio idoso é estimulado à diversificação desses interesses educacionais por meio de sua participação nestas atividades aqui apresentadas.

Educação e a Gerontologia ocorre em um vasto contexto de experiências e interesses. Para além das relações formais de conhecimentos, importante considerar, as trocas intergeracionais, experiências da vida em instituições com longa permanência, relações familiares, contatos de amizade com outros idosos e diferentes grupos geracionais, se afirmam como espaços de ensino e aprendizado nos cotidianos da própria vida (DOLL; RAMOS; BUAIS, 2015, p. 15).

Entendemos que o idoso, por meio do processo educativo, tem boas possibilidades e condições de interagir e socializar-se, além de se perceber inserido no universo social maior, desenvolvendo suas relações pessoais, aproximando-se de novas realidades, perdendo possíveis medos e percebendo todo o espaço que pode ser explorado por meio de vivências e

conhecimentos. Freire (1971) compreende que, para o ser humano, o mundo é uma realidade objetiva independente dele, possível de ser reconhecida. É primordial, contudo, partir do pressuposto de que o ser humano é um ser de relações e não só de contatos, está com o mundo e não apenas está no mundo.

Ainda segundo Freire, “Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o ser humano e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há seres humanos isolados”.

Fazendo uma relação mais atual sobre o idoso e a educação, discussões atuais ainda se enquadram com grande evidência no contexto nacional. Apresentam-se, tanto no âmbito educacional como no social mais amplo, principalmente nas condições que enfrentam nos dias de hoje, relações familiares, marginalização em relação a sua faixa etária, preconceito e discriminação, sendo essa última uma caracterização em que o idoso passa a ser como uma pessoa improdutiva e sem capacidade de aprender.

A educação é o reflexo da sociedade capitalista, bem como a sociedade é reflexo desta educação. Todo o homem em qualquer lugar, em qualquer circunstância, está envolto no processo educativo. Não é possível pensar e fazer educação desvinculada da realidade. A educação precisa voltar-se para a realidade, mas principalmente transformá-la (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2010, p. 55).

Diante da citação acima e na busca por uma educação mais consciente, voltada para os aspectos da cidadania, acredita-se que seja necessário tornar a educação mais acessível às camadas mais populares, no entanto, a educação cumprirá um caráter social e político à medida que possa criar espaços de discussão com intuito de formar sujeitos comprometidos com a transformação da realidade envolvendo não só os jovens e adultos, mas tão importante quanto os idosos, nas mais diversas possibilidades.

Segundo Saviani (2003), é necessário pautar-se numa teoria crítica que dê substância concreta ao esforço de subsidiar uma educação de qualidade nas condições históricas atuais, além de evitar que a mesma seja articulada e apropriada segundo os interesses da classe dominante. Essa reflexão permanente é de grande relevância para a terceira idade e as políticas educacionais da atualidade nessa faixa etária. No que se refere à educação permanente, segundo Saraiva (2004, p. 31),

Educação permanente como formulado originalmente, era uma crítica à ideia que separava em etapas ao longo da vida os períodos de formação (correspondentes à infância e a juventude), trabalho produtivo (idade adulta) e tempo livre (velhice, tempo posterior à aposentadoria), substituindo-se pela educação permanente, trazendo a ideia de contínua atualização de conhecimentos. Essa atualização é necessária frente ao ritmo acelerado da mudança social e tecnológica, além de diminuir o fosso cultural

da terceira idade, já que, devido à redução dos índices de natalidade e elevação da expectativa de vida, a população tende ao envelhecimento.

Percebe-se, nesse sentido, que a educação permanente é um processo que não tem fim, assim, pode-se dá uma motivação contínua na vida dos idosos, melhorando o sentido de viver, mesmo daqueles que já se encontram desacreditados pela sociedade. Ações como essa possibilitam e dão significados e/ou oportunidades contínuas, aprimorando os saberes, atendendo às necessidades de interação como forma constante de atualização do ser humano.

Coadunamos com Castro (2001, p. 68) que a educação é um importante meio de transformação e valorização das pessoas, e a entendemos também como um processo de ação que possibilita um olhar diferenciado em relação ao idoso e a velhice, tanto para a sociedade despertar e aprender sobre o idoso, como para o idoso ter novas concepções de se abrir para o mundo, vivenciando novas experiências e conhecendo seus direitos.

O idoso se percebe como ator em sua vida a partir do momento em que conquista um espaço mais respeitado no cenário familiar e social, pois, como afirma Paulo Freire, “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor” (FREIRE, 2005, p. 59).

O idoso tem condições por meio do processo educativo de socializar-se, além de inserir-se num contexto social maior, ampliando suas relações pessoais, conhecendo novas realidades, desmistificando medos e percebendo todo o espaço que pode conhecer e vivenciar (FREIRE, 1992, p. 59).

A legislação vigente direcionada à terceira idade é um fator que merece destaque, a saber, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e no Estatuto do Idoso, que em consonância podem desenvolver ações que envolvem as políticas públicas de maneira em geral na educação para os idosos, bem como possibilidades de projetos, programas, encontros e conferências que ajudam na aproximação da educação com a terceira idade, possibilitando uma maior valorização social.

Segundo o Estatuto do Idoso (Lei 10741/03), no Capítulo 5, artigos do 20 ao 25, o idoso tem direito à educação, respeitando a peculiar condição de sua idade. A educação como a política pública para as pessoas idosas está amparada também pela lei 8842/92, com apoio na cultura, ao qual “expressa a totalidade das experiências materiais e simbólicas adquiridas e acumuladas pelas pessoas ao longo da vida e revela os comportamentos apreendidos no aprendizado social” (SAFONA; PESSOA, 2008, p. 32).

O papel da aprendizagem ao longo da vida é fundamental para resolver questões globais e desafios educacionais. Aprendizagem ao longo da vida, “do berço ao túmulo”, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento (UNESCO, 2009, p. 06)

Os idosos, no âmbito da legislação internacional, possuem espaços diversos e de forma crescente, destacados aqui pelas declarações de Jomiten (1990), Hamburgo (1997), Dakar (2000) e Belém (2009), sendo esse o último fruto da Conferência Mundial de educação para adultos, que tinha como tema “Educação e Aprendizagem para todos”, que serviu como base para a sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos. Todas essas declarações são Conferências Mundiais organizadas pela ONU e UNESCO.

O Estatuto do Idoso, organizado em sete títulos com 118 artigos, dispõe especificamente sobre a educação no Capítulo V, juntamente com as referências às matérias de cultura, esporte e lazer. A redação original do Estatuto que o “idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. A referência a Educação como direito do idoso é também titularizado por ele, ademais trata da instituição explícita e direta do dever da família, comunidade, sociedade e do poder público de assegurar com prioridade e efetivação o direito do idoso a educação (BARBOSA; ARAÚJO, 2018, p. 155).

É importante destacar que uma legislação própria, específica e atuante para o idoso, possibilita meios de avanço e reconhecimento e uma preparação para a velhice, melhores condições para os enfrentamentos frente às questões de globalização e inserção e permanência no mercado de trabalho. Boas leis de assistência ao idoso considera que este se sinta mais integrado e articulado a grupos sociais, o que melhora significativamente a sua qualidade de vida.

A presente tese traz para além dos conceitos gerados nessa seção possibilidades por meio das problematizações educacionais atuais, questões relativas ao envelhecimento, a sua importância dentre os fatores educacionais, e a necessidade de se aprender mais sobre o ser humano velho, a velhice, o envelhecimento e profissionais relacionados ao estudo do idoso, de diferentes perspectivas e olhares.

2.3 Belos velhos

A discriminação com a pessoa idosa, quiçá o medo do envelhecimento, tem levado ao desenvolvimento de uma “cultura do novo” e a comportamentos mercadológicos em diferentes áreas do comércio e da indústria. Dialeticamente, os velhos e, em particular, as mulheres que dançam na terceira idade, podem ser considerados sempre belos.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2005), “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13). Para que o envelhecimento seja uma experiência positiva, não basta apenas ter uma vida longa, mas também oportunidades nos campos da saúde, participação e segurança.

Goldenberg (2013) chama de *belos velhos* aqueles que inventaram para si um lugar no mundo, que se reinventaram e reinventam-se permanentemente, que continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc.; que não se aposentaram de si mesmos, recusando as regras que os obrigariam a se comportar como velhos.

A invisibilidade é uma concepção a ser compreendida mediante uma cultura que percebe o corpo como produto do capital. O envelhecimento pode ser tratado com um momento em que não mereça certa atenção, por ser visto como um conjunto de perdas, destacando, inclusive, a perda do capital sexual.

Essa questão passa também pela questão subjetiva de sentir-se velho, como explica Beauvoir (1976, p. 86), “Acredito que a maior parte das vezes os indivíduos de mais idade só se sentem velhos por meio do olhar dos outros, sem ter experimentado grandes transformações interiores, ou mesmo exteriores. Velho, para quase todos, é sempre ‘o outro’”.

O envelhecimento ativo aplica-se tanto para grupos populacionais quanto para indivíduos. Permite-se que as pessoas percebam seu potencial para o bem estar física, social e psicológico ao longo do tempo de sua vida e que essas pessoas participem da sociedade de acordo as capacidades, necessidades e habilidades, ao mesmo tempo que propicia cuidados adequados, segurança e proteção quando necessários (MIRANDA E BANHOTO, 2008, p. 71).

Beauvoir (1976) traz para a sociedade moderna a importância de estudar a velhice com uma visão mais positiva em relação às demais fases da vida. Ela defende que esses estudos devem alcançar desde cedo os mais jovens, que a fase do envelhecimento é inevitável e que deve ser compreendida e respeitada como tal.

Para que se possa chegar à realidade do conceito acima, precisa-se vencer na sociedade atual os estereótipos em relação à velhice, que comprometem a possibilidade de uma qualidade de vida melhor. Precisa-se quebrar o preconceito muitas vezes imposto em definir o indivíduo velho associado a perdas, desajuste social, dependente, incapaz, solidão, que velho é chato, triste, implicante, oneroso ou demente. A generalização desses termos na velhice uma vez estereotipados, aliados à dificuldade de entender o envelhecimento normal e patológico, leva à negação da sociedade à velhice ou a negligência de suas necessidades desejos e oportunidades.

Isto posto, encerramos esta seção que tratou das diversas interfaces dos estudos sobre o envelhecimento em diferentes olhares, tentando construir e ao mesmo tempo desconstruir um conceito sobre envelhecimento, o que resultou no afinamento de ideias e preposições dessa pesquisa. Assim, prosseguiremos com um estudo mais detalhado sobre o feminino, tendo em vista que trazemos como sujeitos as mulheres da terceira idade participantes da dança de salão dos clubes sociais da cidade de Fortaleza – Ceará.

3 FEMININO: CAMINHOS DE VALORIZAÇÃO E SUPERAÇÃO

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro (BEAUVOIR, 1967, p. 65).

A presente seção percorre em uma construção histórica sobre o feminino, bem como as suas representações nos espaços de liberdade, autonomia e independência. Apresenta as características e a participação da mulher com sua evolução social no sistema patriarcal, características do feminismo cultural; a evolução do feminino em alguns países no mundo e no Brasil e as superações nos tempos atuais mediante as conquistas e o empoderamento.

Escrever sobre o feminino é fazer uma viagem na história da humanidade para poder compreender a importância do papel da mulher na história e observar o quanto seu papel foi excludente, mas nem sempre foi assim, e é importante reavaliar a história desde o princípio para melhor compreensão do assunto.

A partir do período do Paleolítico, quando ainda não havia a divisão de sexos, a figura feminina era de tal importância que o feminino ocupava um lugar de grande relevância e um dos motivos era o fato de não haver várias religiões, mas uma forma, e nela o feminino era exaltado e respeitado.

A Grande Mãe do Paleolítico atravessa toda a chamada “revolução agrícola” para firmar, no período seguinte, sua adoração. O Neolítico é considerado um momento de grande prestígio do feminino, fato atestado pelo impressionante número de esculturas, gravuras e outras imagens representando imponentes personagens femininos, cujo poder e natureza divina se afirmam nitidamente [...]. Caracterizado pelo surgimento da agricultura, o período Neolítico marca um momento de extrema valorização dos aspectos positivos da Grande-Deusa como deusa da fecundidade, criadora da vida e, pensam historiadores e arqueólogos, também da mulher vista como a criadora no âmbito do humano (OLIVEIRA, 2005, p. 3).

O fato é que a Grande-Deusa adorada na revolução agrícola continua a ser venerada como criadora da vida e da fecundidade humana, possuindo várias facetas, desde as teorias arqueológicas acerca de sua adoração em tempos pré-históricos até seu retorno ao momento atual, interpretado pela busca de outras formas de relacionamento entre a natureza e a humanidade.

Na fase da Revolução Neolítica, marcada pela ausência do homem em busca de caça e alimento, ficava sob a responsabilidade da mulher a plantação e a domesticação de animais, logo se presume que a agricultura tenha sido criada pela mulher. Nesta fase, segundo Lins (2013), acreditava-se que a fecundidade da mulher influenciava a fertilidade dos campos.

Tal associação fez com que ela alcançasse um prestígio nunca antes vivenciado. A mãe era personagem central na sociedade. Os homens não tinham motivos para se sentir superiores ou exercer qualquer tipo de opressão às mulheres.

Ainda de acordo com Lins (2013), durante muito tempo acreditou-se que a pré-história não era patriarcal, com certeza teria sido matriarcal. A estrutura social pré-patriarcal era igualitária. Apesar de a linhagem ter sido traçada por parte da mãe e as mulheres representarem papéis predominantes na religião e em todos os aspectos da vida, não há sinais de que a posição do homem fosse de subordinação.

A grande incidência de esculturas de figuras femininas desde o Período Paleolítico até o século III a.C. contribui para que se explore não apenas a ideia de um possível “matriarcado”, mas também a presença de uma religiosidade que girava em torno de divindades preponderantemente femininas ou, como preferem alguns, esculturas que representavam uma “Grande Deusa”, pois se especula que os vários nomes a elas destinados, bem como as várias representações artísticas referiam-se a uma mesma deusa (BARROS, 2013, p. 6).

É fato comprovado que o feminino ocupou um lugar de destaque e importância na história, mas que por algum motivo tal importância foi se perdendo com o passar dos tempos.

A mudança de valores ocorreu em diferentes momentos. No caso das culturas situadas na região da velha Europa, o processo teve início por ocasião das primeiras invasões indoeuropeias. Esses povos nômades trouxeram consigo uma nova ordem social dominada pelos homens e por deuses masculinos que se reflete no panorama mitológico e religioso (OLIVEIRA, 2005, p. 5).

A partir desse momento na história diminui-se a importância da mulher, tudo o que era ligado ao feminino passa a ser visto de forma negativa e inferior, não existe mais a igualdade e a parceria entre homem e mulher e, sim, um domínio dos homens como deuses, responsáveis pela procriação, seres pensantes e superiores, a começar pela superioridade física.

Entre os séculos XVII e XVIII surge a Igreja e com ela a ideologia de que tudo que é ligado ao feminino leva ao pecado e à destruição. A mulher já não é mais vista como uma deusa, mas uma criatura do mal, capaz de levar o homem à destruição e morte. Essa forma de pensar dominou a humanidade, a começar pela história contada na Bíblia judaico-cristã, onde Adão é superior à Eva, que para ser criada foi retirada da costela de Adão, totalmente dependente e subserviente a ele.

O grande desejo dos homens era excluir totalmente a participação e importância da mulher na sociedade. O ventre materno foi de tal modo desvalorizado que, segundo a história

da Bíblia, Maria, a mãe de Jesus, para ser pura não teve contato com homem, mas com o Espírito Santo, o Pai Criador e serviu apenas de receptáculo para receber Jesus, o filho de Deus.

Surgiu, então, segundo Lins (2013), o patriarcado, uma organização social baseada no poder de pai, e a descendência e parentesco segue a linha masculina. As mulheres são consideradas inferiores aos homens e, por conseguinte, subordinadas à sua dominação. E assim, a ideologia patriarcal dividiu a humanidade em duas metades, acarretando desastrosas consequências que refletem até os dias de hoje.

Segundo ainda a autora, a sociedade patriarcal é marcada pela divisão de sexos, sendo as questões referentes ao masculino como superior e o feminino como inferior, o homem que tem o controle máximo sobre a mulher e subdivisão das tarefas classificada pelo sexo.

Como não consegue excluir por completo a participação da mulher na sociedade, o homem passa a dominar a mulher de todas as formas, com o intuito de preservar sua espécie, passa a tratar a mulher como objeto de procriação, responsável em levar adiante linhagem de um homem, a legitimidade dos filhos, momento em que a mulher perde sua liberdade, sofre agressões por qualquer ato que venha a prejudicar a legitimidade de um filho e sucessor do homem (LINS, 2013, p. 38).

Nessas circunstâncias, a mulher recebe a ordem e a função de permanecer e desenvolver as tarefas de casa, cuidando dos filhos, não sendo função as perspectivas de opinar, ter ideias ou tomar decisões, a opressão, a desvalorização e a punição para qualquer erro fora do que está definido. No patriarcado a mulher perde toda sua valorização e não sobram vestígios de deusa.

A imagem de Deus não podia ser reproduzida. Adorava-se um Deus invisível. Desenvolveu-se assim a ideia da superioridade da alma sobre o corpo. Essa elevação de Deus a um nível mais alto de intelectualidade tornou as pessoas mais orgulhosas, sentindo-se superiores aos que permaneceram sob o domínio do corpo [...]. Na medida em que Deus perde a forma humana e se torna invisível, afasta-se totalmente da sexualidade e é elevado ao ideal de perfeição ética. A restrição à liberdade sexual é então instituída (LINS, 2013, p. 46).

Essa fase que marca a presença do patriarcado e não mais o matriarcado leva à criação de leis e normas determinadas pelo homem, principalmente no que concerne à sexualidade. A mulher, como símbolo da sexualidade passa a ser vista como a pecadora, a culpada pelos deslizes do homem. Cria-se, então, a Bíblia, conjunto de livros escritos somente por homens, que determina a forma de viver e pensar de toda a humanidade. “Deus pôs o homem no jardim dizendo-lhe que podia comer qualquer fruto que desejasse menos os da árvore

do conhecimento, pois se os comesse morreria, criou a Eva e lá havia a serpente que tentou Eva” (LINS, 2013, p. 49).

Esse mito de que Adão e Eva não deveriam comer o fruto da árvore para não serem expulsos do Jardim do Éden nos leva a pensar que ambos não poderiam ter conhecimento, nem tampouco a prática do sexo por prazer, a não ser para a procriação. O que diz a mitologia é que quem comeu o fruto primeiro foi a Eva e ela induziu Adão ao erro, ou seja, a mulher é colocada como culpada, má e leviana. E, assim, por causa da desobediência de Eva, ambos foram expulsos do paraíso.

Longos anos se passaram e a mulher continua sofrendo por ser considerada uma inimiga, ocupando um papel que antes era de esplendor, mas agora como um ser inferior, escrava e subordinada aos homens.

A forma patriarcal de pensar e agir tomou grandes proporções, afetou até mesmo as próprias mulheres, que acreditando no que era dito passaram a adotar um discurso misógino, recriminando a si mesmas e a todas as mulheres que estavam fora do padrão do pensamento da época.

O sistema do patriarcado era tão radical que somente os filhos homens tinham direito à herança dos pais, enquanto que as mulheres não. Essa forma de pensar só foi modificada na França, na Revolução Francesa, e Viena foi uma das cidades que mais criou debates sobre o feminino e o masculino. Interessante enfatizar que nessa cidade as mulheres esposas não tinham direito ao conhecimento, nem poderiam adentrar as bibliotecas da cidade, enquanto que as damas de companhia tinham acesso e eram criadas e treinadas para o estudo e conhecimento da economia e política da época, pois somente assim poderiam acompanhar os nobres, opinar e dar conselhos durante seus encontros e reuniões. Às esposas lhe restava o papel de cuidar dos filhos e da casa.

Segundo Schartz (2011), a posição feminista de Rosa Mayreder pode ser classificada como *feminismo cultural*. Sua crítica à construção patriarcal da civilização oferece uma reavaliação do trabalho das mulheres e sua contribuição para o desenvolvimento da civilização e uma reescrita da história do ponto de vista feminista, com sua afirmação de que “a civilização, em seu aspecto tecnológico, parece estar em suas origens são uma conquista feminina porque as mulheres em toda parte eram as primeiras agricultoras, ceramistas, tecelãs, fabricantes de tendas, enfim, os primeiros técnicos” (p. 21).

Além disso, Mayreder ofereceu sugestões sobre como ir além do que geralmente era considerado uma crise da cultura do fim do século. Somente reposicionando o

feminino e reavaliando os papéis e a participação das mulheres no trabalho cultural será possível uma “harmonia entre cultura e civilização” (SCHWARTZ, 2011, p. 27).

Percebemos, então, que vem daí a ideia criada pelo homem de que o lugar da mulher era interno, cuidando do lar, enquanto os homens teriam seu lugar reservado ao espaço público. Essa ideia ganhou força e por isso a mulher sofre até hoje com esse preconceito.

Entramos no período da Revolução Francesa, onde o lema seria “*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*”, ou seja, igualdade jurídica para todos. No que tange à mulher, a concepção dos iluministas não é unânime, os pensamentos são diferentes e contraditórios, para eles o enfoque está nas diferenças fisiológicas e intelectuais que separam radicalmente o feminino do masculino. Em suas concepções, afirmam que homem e mulher são seres complementares, porém, os homens manifestam-se superiores às mulheres, pois neles domina a razão, enquanto que nelas predomina o útero, que define a sua personalidade, maneira de pensar e agir.

Um dos principais pensadores e filósofos da Revolução Francesa assim escreveu sobre a mulher:

Na união dos sexos cada qual concorre igualmente para o objetivo comum, mas não da mesma maneira. Dessa diversidade, nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco; é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista pouco. Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradar ao homem (ROUSSEAU, 1973, p. 415).

Conforme o autor acima, já havia naquela época uma visão coletiva e preconceituosa com relação ao papel da mulher na sociedade. Nota-se que tais definições vêm de um filósofo iluminista, o que nos leva a observar que para a época do pensamento poderia haver um entendimento desta forma e que era aceito pela maioria. Nos dias atuais tal visão é totalmente inapropriada, visto que a mulher lutou, se empoderou e hoje ocupa um lugar de destaque no seio social e já não aparece mais como fraca e passiva, feita especialmente para agradar ao homem. Hoje, mesmo em meio a alguns preconceitos, a mulher galgou e atingiu um lugar de respeito e busca a igualdade de direitos junto aos homens. Mas, para o médico e filósofo Pierre Russel, o pensamento é que a mulher seria o inverso do homem.

As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentários por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães (HUNT, 1991, p. 50).

Para o filósofo Diderot, a mulher não seria inferior, mas sagrada, estando acima das leis. Para a Madame D'Épinay, escritora francesa e participante ativa nas discussões sobre o feminismo junto aos filósofos da Revolução Francesa, uma simples igualdade, valeria mais que um pedestal, ela pensava que não se nasce mulher, mas torna-se mulher.

Por conseguinte, dadas às opiniões dos pensadores da época, a mulher nunca seria igual ao homem, porque segundo eles, as mulheres eram frágeis fisicamente e não faziam uso da razão, e embora a luta fosse pela igualdade de todos, isso de fato não aconteceu como deveria.

Poucos pensadores iluministas reconheceram a mulher como ser humano, igual ao homem, como destaque temos o marquês e filósofo Condorcet, pois para ele a mulher deveria ser tratada no mesmo patamar de igualdade que o homem. Uma figura marcante na França revolucionária e que contribuiu bastante para o reconhecimento do papel da mulher na sociedade foi a francesa Marie Olympe de Gouges.

Marie Olympe de Gouges foi uma das mais atuantes líderes do feminismo popular. Filha bastarda do marquês de Pompadour. Sensível à realidade política das mulheres, ela gastou a maior parte de sua herança imprimindo panfletos políticos de sua própria autoria e escrevendo e representando peças teatrais de cunho político. Participou intensamente dos movimentos políticos da Revolução, fazendo-se presente nas galerias da Assembléia Nacional, nos salões literários, nos cafés e nas manifestações de rua. Era "acima de tudo patriota e acreditava na capacidade das mulheres para salvar a França" (MARAND-FOUQUET, 1993, p. 87).

Apesar de sua luta e militância em prol dos direitos da mulher, no decorrer da Revolução Francesa, que derrubou a monarquia, Gouges não se limitou a criticar as mazelas do Antigo Regime. Criticava também os abusos do novo regime, escrevendo contra Jean- Paul Marat e Maximilian de Robespierre, líder dos jacobinos, setor mais extremista da revolução, que ocupou o poder entre 1792 e 1794 e instaurou o terror contra os opositores. Gouges foi presa, sem direito a defesa e decapitada a 03 de novembro de 1793, aos 45 anos de idade, sob a ordem de Robespierre, conhecido como "o incorruptível", que não perdoou a ousadia dela em questionar os "valores republicanos". Antes de ser executada, Gouges repetiu uma frase que já tinha divulgado em panfleto: "Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna". Mais de dois séculos depois, a memória de Gouges passa por fase de maior reconhecimento na França.

Séculos XVII e XVIII, na Europa Ocidental surge o Iluminismo, fase marcada pela razão científica, também chamada de *Século das luzes*, os filósofos e pensadores da época acreditam que é a fase do desenvolvimento do pensamento humano e que apresentou uma das

maiores rupturas epistemológicas do pensamento ocidental. Foi nesse período que se iniciou uma maior discussão sobre o papel social das mulheres.

Como disse *Mary Wollstonecraft*, “as mulheres tinham adquirido todas as falhas e defeitos da civilização, e tinham perdido o seu proveitoso fruto” (Idem, p. 186). No século XVIII, com autores como William Alexander, *Mary Astell*, *Catharine Macaulay* e a própria *Mary Wollstonecraft*, finalmente as mulheres começariam a tirar proveito desse “fruto” (WOLLSTONECRAFT, 2002, p. 74).

A Revolução Francesa e o Iluminismo foram de grande importância para a volta da mulher ao papel social, embora não tenha sido com grande êxito, mas o fato de haver mulher participando nas discussões junto aos filósofos já foi um grande passo. Embora a maioria dos filósofos não concordasse com a ideia, outros a defendiam, como o filósofo Condorcet.

Condorcet (1743-1794), filósofo, matemático e deputado durante a Convenção, foi um dos poucos iluministas que defendeu, nos seus escritos, a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Por isso, quando o parlamento francês negou às mulheres a cidadania política, ele protestou na imprensa, dizendo que, "sem o menor escrúpulo, privaram uma metade da espécie humana dos "direitos civis". Ao fazerem isso, os constituintes violaram o princípio da igualdade dos direitos" (MARAND-FOUQUET, 1993, p. 86).

A autora Lins (2013, p. 59) comenta a visão do filósofo Kant:

Belo marca do gênero feminino – o belo sexo, sentimento de amor à beleza. A beleza da natureza da mulher não consiste em raciocinar, mas em sentir. A virtude do sexo masculino é a nobreza da razão e do amor, qualidades morais: dominar as paixões por meio dos princípios é sublime.

A mudança do século XIX para o XX é marcada por um novo discurso, no qual o feminino entra e torna-se parte da história, surge a Psicanálise de Freud, com a problematização da diferença de sexos.

Podemos considerar essa fase como o movimento de afirmação do feminino. Para Lins (2013), a psicanálise é umas das expressões máximas dessa valorização histórica, social e cultural do feminino, e Freud, sem sombra de dúvida, um promotor desse movimento de afirmação do feminino.

A Psicanálise possui uma dupla tarefa:

Ter que considerar a presença do feminino e ao mesmo tempo, limitar os contornos de sua presença no espaço social. Duplo movimento: dar voz a esse outro, o feminino, que aponta para a alteridade e para a diferença e por outro lado, restaurar na cultura o papel do masculino como universal (LINS, 2013, p. 95).

A partir dessa nova forma de pensar e explicar a presença do feminino, surge a crise histórica, crise da identidade, sobre a qual a que Freud foi tão chamado para explicar, conforme descrito por Lins (2013, p. 96):

- 1) Crise de identidade: “eu insatisfeito” – questiona a possibilidade de qualquer identidade permanente.
- 2) Crise histórica: subversão do corpo anatômico – questiona o dualismo cartesiano corpo-espírito e interroga o saber iluminista herdeiro dessa dicotomia.
- 3) Crise da identidade sexual: incerteza quanto à identidade sexual: quem sou eu: homem ou mulher? Mostra que a sexualidade humana não é natural, e não nascemos, mas nos tornamos homens ou mulheres.
- 4) Descentramento do inconsciente para a pulsão: cruzamento entre o pulsional e a inscrição psíquica, não cessa de oscilar entre a excitação pulsional indizível de um lado e a linguagem e o simbólico do outro.

Chegamos à fase de interrogar a certeza do saber masculino, na qual aparece a presença marcante da filósofa francesa Simone de Beauvoir, com seu livro *O Segundo Sexo*. Segundo ela,

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres poderiam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar? Será um bem essa mudança? Trará ou não uma partilha igual do mundo entre homens e mulheres (BEAUVOIR, 2009, p. 18).

São várias as questões e poucas são as respostas, a mulher sempre aparecerá como inferior ao homem, mesmo passando pela fase de esclarecimentos e iluminação dos pensamentos, homens considerados sábios, letrados surgem com pensamentos inferiores quando se trata da mulher e sua participação na sociedade e na cultura.

Esse período foi bastante conturbado, de choque de ideias e pensamentos, onde Freud em suas teses tenta explicar a diferença entre os sexos e se coloca em completa oposição às teses naturalistas e essencialistas da sexualidade.

O pequeno ensaio de 40 páginas publicado em 1905 por Freud – *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* – subverte os esquemas explicativos tradicionais. A concepção de "pulsão natural versus pulsão perversa" é abandonada, e o debate centra-se na diferença entre o objeto sexual e a finalidade sexual (entre o objeto desejado e a atividade sexual almejada com o objeto). Se a pulsão não tem objeto fixo, nada existe que seja biologicamente programado: toda forma de atividade sexual resulta de um percurso pulsional, de uma história individual e única. Ou seja, a sexualidade em cada ser humano, devido à singularidade da história de cada um, terá um destino particular: não há uma única maneira que se proponha certa e universal para as manifestações da

sexualidade. A civilização comete uma grande injustiça ao "exigir de todos uma idêntica conduta sexual" (SALLES; CECCARELLI, 2010, p. 22).

Com o passar dos tempos, já nos anos 1920, Freud mostra que a construção do feminino se revela particularmente difícil e complexa, apresentando-se como um destino enigmático e incerto, um tornar-se ou não mulher.

Lins (2013) explica que em *A feminilidade* Freud termina sua obra sobre a sexualidade feminina com uma confissão sobre o inacabado: "Eis tudo o que eu tinha a vos dizer sobre a feminilidade. É certamente incompleto e fragmentário". Ainda para Lins (2013), o término da obra de Freud sobre o feminino deixa no ar uma pergunta. O que temos a seguir é uma teoria inacabada ou que pode ser finalizada com a coparticipação do leitor. "Se vocês querem saber mais sobre a feminilidade interroguem suas próprias experiências de vida, enderecem-se aos poetas, ou então esperem que a ciência possa vos dar informações mais aprofundadas e coerentes" (FREUD, 1933, p. 165).

É importante observar que essa visão do ser feminino vem da cultura ocidental, a forma de ver e viver da época, que como parte da história, muda a cada instante, não é de fato uma verdade absoluta. Por mais estudos que Freud tenha feito a respeito, ele chegou à conclusão que é tudo muito complexo de se explicar.

As mudanças oriundas do modernismo proveniente da Europa e Estados Unidos contribuíram para a forma de ver e pensar das mulheres no Brasil no final do Século XIX e início do século XX. Enquanto na Europa as mulheres lutavam pela cidadania e sua inclusão e participação na sociedade, no Brasil, na década de 1919, período marcado pela Ditadura Militar, momento de lutas e conflitos políticos, surge, então, liderado por Bertha Letz, brasileira, cientista feminista e política, o *Movimento Sufragista no Brasil*, onde também se luta pelo direito de igualdade jurídica entre os sexos e, principalmente, pelo direito da mulher ao voto. Em 1922, representa as mulheres brasileiras na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras nos Estados Unidos e lá é eleita Vice-Presidente da Sociedade Pan-Americana, e após dez anos de lutas, em 1932, o direito ao voto feminino é instituído no Brasil, pelo então Presidente da época, Getúlio Vargas, através de decreto-lei. A luta de Bertha Letz foi de grande importância para o progresso e desenvolvimento da forma de pensar o feminino na década de 1920, período conturbado da história política do Brasil, desde o então chamado golpe militar de 1964.

Havia uma parte expressiva de grupos feministas que estava articulada às influências marxistas, clandestinos à época, com o objetivo de ser oposição à ditadura militar,

contribuindo para que o movimento feminista criasse características próprias. Entre essas pessoas estavam Alexandra Kollontai e Simone de Beauvoir.

No Brasil, tais mulheres, ditas “feministas” eram consideradas mulheres rebeldes, fora do padrão, aquelas que queriam ser “homens”. Não costumavam participar das conversas masculinas sobre negócios, pois no pensamento dos homens as mulheres deveriam cuidar da casa e da família, o papel de tratar de negócios era exclusivo do homem.

Na cultura tradicional do Brasil nos anos de 1945 a 1964, período também chamado de “Anos Dourados”, a distinção do papel do homem e da mulher era bem evidente, havia regras e comportamentos sociais, inclusive nas leituras direcionadas às mulheres. Ao homem, “chefe de família” era habitual a leitura do jornal no café da manhã e à mulher cabia o papel de servir o café da manhã, ou melhor, providenciar o café da manhã para o marido antes do mesmo sair para o trabalho, e à ela revistas “femininas” com informações dotadas de padrões sociais para a época. “Os anos que vão de 1946 a 1964 costumavam ser vistos como período democrático. Comparados aos anteriores e aos imediatamente posteriores, eles delimitam um intervalo de tempo com maior liberdade de expressão” (PINSKY, 2014, p. 16).

Em 1975 foi instituído pela ONU o *Ano Internacional da Mulher*. Foi também o ano da Organização do Movimento Feminino pela Anistia, liderado pela Assistente Social e Advogada Terezinha Zerbini; ano marcado pela volta ao Brasil das mulheres exiladas na Europa e Estados Unidos, que vieram trazendo uma nova visão de mundo da mulher como ser e seu papel na sociedade.

Assim, ao longo da história de lutas e conflitos, os movimentos feministas no Brasil lutaram não só pela participação fundamental do papel da mulher na organização e política do país como também pela sua independência e liberdade relacionada às questões sexuais e divórcio, além de sua independência financeira.

O feminismo foi se expandindo dentro desse quadro geral de mobilizações diferenciadas. Inicialmente, ser feminista tinha uma conotação pejorativa. Vivia-se sob fogo cruzado. Para a direita era um movimento imoral, portanto perigoso. Para a esquerda, reformismo burguês, e para muitos homens e mulheres, independentemente de sua ideologia, feminismo tinha uma conotação antifeminina. A imagem feminismo versus feminino repercutiu inclusive internamente ao movimento, dividindo seus grupos como denominações excludentes (SARTI, 2001, p. 39).

Pressupõe-se que as mulheres dividiam opinião no que se refere ao feminismo. Algumas aceitavam o idealismo masculino de que a mulher deveria ocupar um papel secundário para não parecer “imoral”. Outras, com entendimento mais avançado, não aceitavam tal papel e lutavam pela igualdade dos sexos e por espaços na sociedade.

É a partir de lutas íntimas, portanto, que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcados por uma grande diversidade de reivindicações. Antes das historiadoras foram as feministas que fizeram a história das mulheres. O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feita por historiadoras (DEL PRIORE, 2001, p. 78).

Para Tânia Silva (2008), o movimento pós-moderno teria revelado às mulheres aquilo que os homens sempre haviam tido sucesso em ocultar: não há um poder, o poder é criado. As mulheres tomaram consciência que se os homens tinham sempre estado no poder, era porque eles assim se colocavam.

As mulheres foram descobrindo ao longo dos tempos que a falta de acesso às informações fez do papel feminino um papel totalmente excludente na história, não porque não tiveram participação marcante, mas porque não foram reconhecidas com a devida importância.

Atualmente, as mulheres que lutam pela igualdade estão em grande número, especialmente com a criação e ampliação das redes sociais, onde a comunicação entre as mulheres e suas histórias tem despontado a cada dia e com isso a mulher está alcançando cada dia mais seu respeito, seu espaço e seu papel de grande importância na sociedade.

Segundo Louise Tilly (1990), os melhores trabalhos sobre história das mulheres, não estudam a vida das mulheres de uma maneira isolada: eles se esforçam por vincular estas vidas a outros temas históricos, como o poder das ideias ou as forças que governam as transformações estruturais. Procedendo desta maneira, a história das mulheres já mudou nossa percepção do que é importante na história.

E quando falamos da superação da mulher, entre tantas criações e situações, neste caso nós voltamos para o papel dela na dança e, então, percebemos como tudo foi mudando ao longo dos tempos. No século XVIII, em comparação com o século atual, mulher que dançava não tinha valor e respeito, e ao dançar deveria ser conduzida pelo homem, até na dança havia a superioridade do homem e a mulher não tinha autonomia, pois quem conduzia ou deveria conduzir a dança era o homem.

Nos dias atuais, em meio a tantas transformações ocorridas, a mulher se empoderou, acreditou, fez da dança um ato de resistência, adquiriu o respeito de dançar, conduzir e dançar com quem quiser, fez da dança uma forma elegante de ser vista, e de alguma forma, conquistou o poder e a liberdade, a liberdade que a dança proporciona, não importa a idade da mulher, a liberdade de ser mulher e escolher com quem quer dançar, tornando-se cada vez mais independente e autônoma, consciente da sua história e do seu papel na sociedade.

4 DANÇA: ORIGEM E TRADIÇÕES

“Se você já foi ousada, não permita que a amansem.” “A arte não é, de modo nenhum, necessária. Tudo o que é preciso para tornarmos o mundo mais habitável é o amor.” “O corpo diz o que as palavras não podem dizer” portanto uma sequência de movimento, deve revelar ao mesmo tempo, o caractere de quem a realiza, o objetivo pretendido, os obstáculos exteriores e os conflitos anteriores que nascem desse esforço (RUDOLF LABAN, 1978, p. 57).

Partindo da necessidade de comunicação entre os homens, a dança é uma das manifestações artísticas mais antigas, com origem nos gestos e movimentos naturais do corpo humano para expressar emoções e sentimentos. O homem já dançava desde a pré-história e um dos motivos que mais o motivavam a essa prática era o uso da dança, entre as fogueiras para se aquecer, comemorações de conquistas de novos territórios, para demonstrar a fertilidade e ter uma boa caça.

Antropólogos e arqueólogos assumem que o homem primitivo dançava como sinal de exuberância física, rudimentar tentativa de comunicação e, posteriormente, já como forma de ritual, dançou-se assim, desde os tempos imemoráveis, em torno de fogueiras e diante de cavernas; gestos rítmicos, repetitivos, às vezes levados ao paroxismo, serviam para aquecer os corpos antes da caça e combate (PORTINARI, 1989, p. 17).

O ser humano não se percebia e nem imaginava que com o passar das gerações aqueles exercícios rítmicos e repetitivos, muitas vezes inconscientes, poderiam se transformar em uma arte valorizada com a evolução da humanidade. Importante pontuar que o homem em determinado povo tinha também como objetivo a aclamação por meio da dança aos deuses como forma de não receber castigo.

Rocha (2007) constatou que cada povo tinha suas adorações aos deuses partindo de sua relação com seu próprio povo, por exemplo, os egípcios dançavam para o deus Bes, para as mulheres terem partos rápidos. Já os gregos, dançavam para a titã Réia, mulher de Cronos, devorador da prole, para proteger o filho Zeus. “A identificação, pela dança, com os movimentos e as forças naturais representa uma forma de o homem se sintonizar com o ritmo da natureza, auxiliando-o na programação de suas ações” (LANGENDONCK, 2008, p. 03).

Nesse sentido, é importante considerar que essa época era o tempo dos primatas, para o qual a dança era algo vital, o que pode ser comprovado pelos registros de figuras e/ou desenhos por meio de artes rupestres, gravações em rochas e paredes das cavernas, momento vivido entre paleolítico, mesolítico e neolítico.

Com o passar dos tempos, a evolução da dança entrou na era conhecida pela história como a *época milenar*, quando a dança teve grande repercussão nas civilizações egípcias,

indianas e, principalmente, na grega, sendo elas integradas a cunhos religiosos, mesmo antes de fazer parte das manifestações de relacionadas à arte teatral.

A dança era muito valorizada entre os gregos. Para eles, o ideal de perfeição estava na harmonia entre corpo e espírito, que deveria aparecer em um corpo bem moldado, adquirido graças ao esporte e à dança. As crianças eram educadas para a guerra e acreditavam que a dança contribuía para o equilíbrio da mente e aprimoramento do espírito, como também lhes daria a agilidade necessária para a vida militar (LANGENDONCK, 2008, p. 05).

Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles muito contribuíram por meio de suas escrituras quando citavam a dança. Eles acreditavam que a prática rítmica tinha uma influência representativa na educação das crianças, jovens e adultos, além da preparação do corpo para as atividades diárias e o enfrentamento de guerras.

Na idade média, ainda na era milenar, período que mostra a dança em declínio, não mais acontecendo de forma tranquila, os praticantes de dança eram perseguidos pela igreja católica, meados de 495 a 1453, um grande período vivido pela humanidade, por ser considerada uma atividade de pecado. A igreja, por sua vez, tinha um pensamento muito “contraditório” sobre a dança, visto que santos diziam que a dança era atividade dos anjos, a exemplo de Santo Basílio de Cesárias, ou seja, ao passo que Santos da Igreja Católica afirmavam a dança como algo celeste, divino, a Igreja colocava como pecado. Segundo Portinari (1985, p. 51), “[...] em relação à dança, a atitude da Igreja foi dúbia: condenação por um lado, tolerância por outro”. Isso mostra que a dança, através dos tempos, já havia conquistado o seu espaço e, mesmo com a interferência de fortes influências, como a da Igreja, foi seguindo o seu caminho desde a época que o homem a praticava, à volta do fogo, com o intuito de se aquecer, de acordo com Rocha (2007).

Na idade média a Igreja não conseguiu interferir nas danças populares camponesas, visto que quando praticadas eram meio que camufladas na constituição de personagens representados, como santos e anjos, realizadas na época da colheita, sementeira e primavera, sendo adotadas posteriormente pela igreja dentro dos ritos religiosos.

Após a Idade de Média, entre os séculos XI e XIV, ainda com registros intensos da participação da igreja na liberdade de expressão nos movimentos dançantes, a história da dança é marcada por um período bem doloroso, com a vinda de muitas doenças epidêmicas e uma peste muito conhecida como *peste negra*, que invadiu toda a Europa, ocasionando muitas mortes. Diante disso, as pessoas passaram a dançar diariamente, porque acreditavam espantar a morte que assolava todas as regiões.

O teatro religioso medieval abordava temas baseados no Antigo e no Novo Testamento, como a vida dos santos, aparições e milagres. Suas peças tinham um objetivo moralista. A dança macabra participava da história, na maioria das vezes em frente à “boca do inferno” do cenário, como representação do castigo para remissão do pecado ou do flagelo da peste enviada por Deus (LANGENDONCK, 2008, p. 06).

Passados os quatro séculos descritos anteriormente, mesmo com a presença da igreja católica em algumas proibições, as representações de danças vestiram roupas mais leves, que davam uma facilidade nos movimentos. E, por mais que dançassem para espantar a morte, perceberam que a dança proporcionava um bem-estar físico. Foi quando a dança passou a ser valorizada pela melhoria dos componentes físicos e, conseqüentemente, como requisito para uma qualidade de vida.

Podemos acrescentar, ainda, que até o momento a dança era apenas uma representação da dança, a pedagogia e os processos de ensino e aprendizado não incorporavam os processos metodológicos, pode-se dizer até que era uma dança inocente, sem passos preestabelecidos. Com a vinda do Renascimento começa a se escrever uma nova história sobre a dança e sua difusão para todo o mundo.

A partir do século XVI, a dança inseriu-se nos salões da nobreza e ganhou o seu status. Os nobres passaram a achar importante saber movimentar ritmicamente seu corpo ao lado de sua parceira. Mas somente a eles era dada a oportunidade de receberem as devidas aulas, ao contrário das classes mais baixas (ROCHA, 2007, p. 83).

As cortes reais, com a necessidade de mostrar suas riquezas, começaram a criar grandes festas para comemorar datas festivas, aniversários, nascimentos e casamentos, sendo essa última a primeira manifestação na época considerado *balé*, entretanto, essas comemorações eram realizadas com muita dança, que significavam poder e riqueza entre os nobres. A Itália passa a ser nesse período o primeiro país da Europa a iniciar essas atividades, convidando grandes celebridades e artistas na preparação destas festas.

Neste período, por volta de 1500, essas festividades dançantes são oriundas do que se comemoram até os dias de hoje, como festas de carnavais, com uso de máscaras e fantasias, bailes dançantes e grandes casamentos. Outros países, como Inglaterra e França, passam a realizar essas atividades festivas, que tinham em média seis horas de duração.

Nessa época, o espetáculo era uma mistura de canto, dança e poesia e constituía um passatempo para o rei e a corte. Os temas escolhidos eram mitológicos, em sua maioria. O rei participava interpretando uma divindade, que as pessoas da corte adoravam (LANGENDONCK, 2008, p. 07).

A dança, neste período, tinha uma ligação principalmente com as festas; no tempo em que a presença do feminino era quase escassa, boa parte das representações dançantes era quase que exclusiva do masculino, com o advento e a criação do balé, aos poucos começou haver a presença de damas da corte, e assim foram ganhando seus espaços. Dessa forma, começou a se formar o primeiro copo de balé, movimentos em grupos, sequências ensaiadas, espaços exclusivos para dança, direções de dança e coreografias previamente estabelecidas.

O homem, que até então era visto como simples cavaleiro acompanhante da dama pelo salão, começa a reverenciar, a cortejar e a proteger a mulher, que, por sua vez, passa a expressar-se através de maneirismos que refletiam uma sutil aceitação da sedução do homem. Nesse contexto percebe-se, em nossas leituras, que a dança é uma experiência do corpo em movimento, e quem assiste a um espetáculo, ou coreografia, tem uma experiência essencialmente visual do outro (ROCHA, 2007, p. 83).

A dança revela muitas transformações ao longo de sua história. Está presente desde os primórdios da humanidade, como podemos ver nas representações das cavernas, por meio de pinturas rupestres, sendo considerada até mesmo como atividade de sobrevivência, quando em determinado momento as pessoas dançavam para espantar a *peste negra*; depois nota-se a sua importância para o bem-estar do indivíduo que a pratica. A partir do Renascimento, passa a ter uma maior valorização na história, ainda que existissem diferenças entre povos e praticantes desta atividade milenar.

Segundo Ried (2002), “As classes nobres diferenciavam-se das classes baixas, entre outros, através das danças típicas, cuja aprendizagem fazia parte da educação. A aristocracia praticava as danças da corte, e o povo as danças folclóricas”. Mesmo diante das diferenças, a prática era inevitável e a cada tempo que passava se fortalecia como atividade natural do indivíduo.

A presença do balé na corte vai ganhando espaço no fim do século XVI para o século XVII, não apenas nas festas dançantes, mesmo que ainda muito ligada a esta manifestação, as poesias, os deuses e heróis vão dando espaço a personagens plebeus, com paixões humanas; daí surge o trio Colombina, Pierro e Alecrim na Itália, sempre acompanhado pela França que aos poucos se desenvolvia nas representações, principalmente aos cantos e danças.

O rei Luís XIV em meados do ano de 1653 proporcionava um grande desenvolvimento para a dança. Exímio bailarino criou vários personagens para si próprio, como deuses e heróis. Sua grande aparição foi como “Rei-Sol”, aos catorze anos de idade, no balé real A Noite. O personagem derrotava as trevas, usando um traje de plumas brancas (LANGENDONCK, 2008, p. 07).

Com o início do corpo de balé se firma a presença do masculino, feminino e música, uma tríade perfeita para o surgimento de uma nova modalidade conhecida hoje como danças sociais, dança de pares, ou dança a dois, com o objetivo de se divertir e socializar. Segundo Ried (2003, p. 156), “Já na Idade Média, os pares davam a volta no salão, girando em torno de si mesmos em postura fechada, para finalizar uma rodada da dança”. Segundo Meira de Paula (2008, p. 96), “A dança de salão pode ser chamada de social por ser praticada por pessoas comuns, em festas de confraternização, propiciando o estreitamento de diversas relações sociais, como a de amizade, de romance e de parentesco entre outras”.

A palavra salão surge da necessidade de grandes espaços e salões para evolução dos dançarinos, e pela prática comum nos salões da corte nobre entre os países da Europa, os estilos que surgiram foram sendo evoluídos e disseminados em outros continentes, como África, América e Ásia, se tornando um divertimento, uma prática social e de lazer entre a população.

Para Meira de Paula (2008), a dança se define como uma modalidade de dança em que praticantes alinham passos, figuras e giros, no ritmo da música, mantendo-se dentro das normas sociais em relação ao contato entre os pares e com os outros casais no salão. O ritmo influencia na execução. Ademais, pode ser caracterizada como uma atividade física moderada.

A valsa, por volta do século XV surge dentre os estilos de dança sociais, como uma das primeiras manifestações de danças a dois, importante destacar que mesmo sendo futuramente uma dança praticada entre os nobres da corte, ela surge entre os camponeses e a aristocracia, que incluíram algumas modificações na evolução da dança, acompanhadas de outras conhecidas, como galope e polca.

Se estilos de dança são constituintes de relações sociais, rastrear a história desses estilos e seu alastramento de um grupo para outro, ou de uma área para outra, bem como as mudanças que ocorrem nessa transmissão, pode ajudar a desvendar as ideologias mutantes atreladas ao discurso corporal, como afirma Desmond (1997); bem como auxilia a análise das representações de gênero nas formas culturais. Essas não refletem apenas definições sociais de feminilidade e masculinidade, mas estão ativamente envolvidas nos processos por meio dos quais o gênero é construído (BURT, 1995). Assim, estudar o caminho da migração da dança, as suas representações de gênero e as mudanças resultantes na sua significação é importante eixo de análise.

O toque, nesse jogo dançante, estabelece a comunicação mais íntima entre os pares. Claro, aqueles que não querem se envolver, não tocam e não percebem o toque como canal de emissão de mensagens. São capazes até de dançar sem se tocar. Para os que querem perceber mais, o toque lhes fala (VOLP, 1994, p. 173).

Assim, os estudos culturais como um caminho teórico a ser trilhado nos trabalhos em dança e gênero podem ser úteis, bem como os estudos culturais se enriqueceriam com novas corporificações textuais, abarcando a arte da dança e outras práticas culturais em seus aspectos históricos, pedagógicos, técnicos e cênicos.

A valsa vai ganhar o cenário francês e, com isso, se difundir como prática por todo o mundo ocidental. Deste modo, as danças da corte francesa ganharam o adendo de uma dança onde os pares entrelaçam os braços e dançam frente-a-frente, se livrando das coreografias preestabelecidas pelos mestres de baile (TONIAL, 20017, p. 78).

Em meados do século XVIII surge mais uma forte representação de dança em pares, que é o nascimento do tango, que por sua vez, só fica conhecido na Europa, popularizando-se em 1907. Advinda dos grandes hotéis e chás de tango, essa dança foi se encaixando como moda e verdadeira mania entre os praticantes, fato esse evoluído para os padrões do período.

A dança Onestep invadiu as pistas desenvolveu-se para o Foxtrot, e danças como Cakewalk, Boston, Ragtime e Twostep acabam por ultrapassar danças tradicionais giratórias, como a Valsa e Polca: inicia-se aí o dançar com deslocamentos para frente e para trás (ROCHA, 2007, p. 84).

O tango perde popularidade, principalmente nos países França e Alemanha, devido à proibição da dança na I Guerra Mundial. Bem diferente fazia a Inglaterra, que para animar, oferecer lazer e distrair os soldados, disponibilizava novos ritmos trazidos de outros lugares do mundo, para que pudessem praticar, e assim, aos poucos foi surgindo o “estilo inglês” no cenário das danças sociais no mundo.

4.1 Dança de salão no Brasil e os bailes dançantes

“O se movimentar é, assim interpretado como uma conduta humana, onde a pessoa do “se movimentar” não pode simplesmente se vista de forma isolada e abstrata, mas inserida em uma rede complexa de relações e significados com o mundo” (KUNZ, 199, p. 174).

A dança de salão chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores portugueses, ainda no século XVI, e mais tarde, pelos imigrantes de outros países da Europa, que vieram para o país. As influências culturais com os povos indígenas e africanos deu origem a novas danças, conforme aponta Ellmerich (1987).

No Brasil, a chegada da corte portuguesa trouxe novos gostos e hábitos vividos na Europa na época, principalmente as danças que eram dançadas nos bailes. Devido a essa

influência, por muito tempo existiu no Brasil a tradição de em ocasiões especiais, como casamento, datas comemorativas, formaturas e chegada de amigos e familiares, vindos de grandes distâncias, realizar celebrações com baile dançante. Surgem também os professores de dança, especialmente franceses, que eram contratados para manter os membros da nobreza brasileira em dia com as danças que estavam na moda nas mais importantes capitais europeias.

A dança de salão, uma vez firmada no Brasil, foi colocada em um contexto pluricultural distinto, estabelecendo um contato que agregou novas informações para esta prática. Isso contribuiu para a elaboração de uma dança com características próprias, que foi paulatinamente diferindo-se de sua matriz europeia. Esse percurso traçado pela dança de salão faz com que ela se torne uma prática de lazer e cultural integrante da recente história do Brasil, sendo que suas várias formas de apresentação e seus diferentes estilos contribuíram para a sua disseminação em todos os segmentos da sociedade brasileira como prática social e cultural. Assim, a dita “dança de salão” extrapola os salões, ganha cada vez mais um refinamento técnico e se incorpora a um mercado cada vez mais dinâmico. Tudo isso contribui para a criação e disseminação de “academia de dança de salão” e a multiplicações de “bailes dançantes”, foco desta pesquisa.

Hanna (1979) afirma que “dançar é humano”, e a humanidade quase que universalmente se expressa pela dança. A dança se relaciona com outros aspectos da vida humana, tais como: comunicação, aprendizagem, sistema de crenças, relações sociais e dinâmicas políticas, amor, ódio, urbanizações e mudanças. A dança pode, inclusive, interferir no desenvolvimento biológico e evolucionário da raça humana, que quando suprimida por imposições externas interfere na essência do indivíduo que a pratica.

Para Gomes J. (2000), a prática das danças sociais até a década de 1960 era, muitas vezes formada por bailes, considerados eventos sociais importantes e populares, onde era possível se divertir, fazer negócios, novos amigos, encontrar amores e fazer as pazes depois de desentendimentos. Muitas vezes, até problemas de ordem política e econômica que afetavam o país eram discutidos em bailes diplomáticos.

Para Monteiro (2003), toda experiência nova é sempre uma maneira que o organismo tem de mudar o curso de sua história. Sendo assim, o viver humano constitui-se em possibilidade de construção, desconstrução e reconstrução de configurações totalmente diferenciadas a cada instante em suas experiências, formando o seu sentido histórico através do espaço relacional com o mundo e com os outros.

Logo, a dança de salão é uma experiência corporal positiva, que não se apresenta como algo indispensável para a sobrevivência física das pessoas, mas, sim, como uma atividade

que se estabelece diretamente a dois, mediada por um contato direto entre os corpos, colocando as subjetividades das pessoas em contato, uma vez que estas têm mais do que se aproximar, têm que se tocar. Mas, isso ocorre dentro de um determinado contexto que transcende a unidade do casal, pelo fato da prática dançante não deixar de ser uma representação artística. Ela se relaciona com o salão e as pessoas que estão dançando e também observando. A própria unidade do casal é socialmente constituída. As relações que se estabelecem no casal encenam significados, sentidos históricos, sociais e culturais.

Gomes (2000) descreve que a dança de salão é uma das mais tradicionais e fortes características culturais brasileiras. É uma expressão alegre e espontânea de seu povo, com seus ritmos e formas de dançar próprios, que despertam a atenção e a admiração dos turistas estrangeiros. Seu potencial cultural, educativo e turístico é enorme e, mais uma vez, demonstra sua vocação de metrópole formadora de opinião para o resto do país. A riqueza e a diversidade da dança de salão em território brasileiro são atraentes para nós mesmos; o brasileiro é um dançarino nato, extremamente criativo e musical.

Nesse sentido, nesse desenvolvimento pensado como um fazer e prazer artístico, Freud contribuiu dizendo que não pertencia às sensações do consciente.

[...] A natureza deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio do trabalho que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista [...] Eis que o autor imprime na arte, as sensações não pertencentes à razão, mas sim ao conhecimento da sensível e subjetivada na essência humana (FREUD, 1910, p. 64).

O impacto que a dança de salão gera hoje é ainda maior; não só ela é mais vista como aqueles que ainda pensam o salão de baile de forma mais convencional estão tendo que se adequar à nova situação, como no caso de homens mais velhos que procuram os bailes, principalmente os idosos, com a expectativa de encontrar uma parceira. Nos espaços da dança de salão, além da exiguidade de mulheres jovens, as próprias senhoras que lá estão encontram-se motivadas muito mais pela possibilidade de exercitarem o domínio e sedução de seus corpos com os dançarinos profissionais, mais jovens do que elas, do que em interagir com os homens mais velhos, cujos corpos perdem assim visibilidade.

Segundo Monteiro (2003), os velhos precisam compreender que eles contêm a soma de várias experiências recrutadas ao longo dos anos de vida. É necessário que eles revejam e revisem suas condutas, abandonando algumas e inventando outras para que continuem no caminho da ação, da flexibilidade e da possibilidade humana.

A dança, em especial as danças que são consideradas como sociais ou de salão, é um meio de atividade física importante, principalmente para os idosos. Essa atividade tem por premissa auxiliar na melhora das condições de saúde, além de ser uma maneira de expressar os movimentos conduzidos pela música, despertar prazer, emoções positivas e uma boa socialização.

A dança pode resgatar no idoso a melhora da autoestima, pois desperta a alegria de conviver com novas amizades nas quais celebram a vida esquecendo por um momento das doenças adquiridas pela idade ao serem tomados pela música que é capaz de envolver e contagiar as pessoas (ARAÚJO LOIOLA *et al.*, 2015, p. 06).

Parte do envelhecimento está aliada à perda de capacidade física, processos patológicos, e outros fatores que ajudam pessoas a se sentirem algumas das vezes frustradas diante da realidade, contudo a prática da dança de salão age como processo inverso às sensações oriundas das relações frente à própria aceitação da chegada do envelhecimento.

Parte da faixa etária, em especial a mais avançada, desenvolve um parâmetro de atividade diária em relação à prática as atividades físicas, consegue resultar em benefícios biológicos e psicossociais. Participar de um programa regular de atividades físicas, como musculação, dança, hidroginástica, dentre outros, pode ser muito mais vantajoso do que parece. Em geral, idosos ou pessoas que estão em fase e início do envelhecimento que participam de atividades físicas frequentemente mantêm o corpo em boas condições físicas.

A dança é uma grande aliada na qualidade de vida e na terceira idade, ocasionando bem-estar físico e psicológico. O significado da dança vai além da expressão artística, podendo ser entendida como um meio de se obter conhecimentos, como fonte de prazer, opção de lazer, aumento da criatividade e importante forma de comunicação. Dança é a arte de movimentar o corpo expressivamente associados de movimentos ritmados, que podem ser ao som da música ou não (HERMANN; LANA, 2016, p. 25).

4.2 Dança como expressão, sentimento e comunicação

Se pudéssemos dizer uma certa coisa, não precisaríamos dança-las. Entre a mimica e a dança, existe a mesma diferença entre o conceito, que resume o que já existe, e o mito que excede o que existe para sugerir um possível. A dança não conta uma história... Como um mito, a dança é um indicador de transcendência (GARAUDY, 1980, p. 23).

As danças, em diferentes manifestações corporais, como já citato nesta seção, têm origem nos movimentos naturais e se desenvolveu no processo criativo, colabora com a diversidade de novas danças que nos leva a um mesmo fim: descobrir e desenvolver o corpo no

espaço, levando aos praticantes experiências nas relações emocionais que expressam seu interior e íntimo.

O autor Duarte Júnior (1995) explica que a dança é arte, porque é capaz de criar e desenvolver diversas formas expressivas dos sentimentos humanos, sendo uma forma de comunicação. A dança quando praticada apresenta uma riqueza em expressões não verbais e essa linguagem não deve ser desconsiderada. É necessário buscar subsídios nas formas mais puras da linguagem, a oral e a escrita, para entender e descrever a linguagem deste corpo que fala e constantemente se manifesta.

“O corpo constitui nosso espaço cotidiano: é nele e por ele que sentimos, desejamos, agimos e criamos”. Percebemos, assim, que é difícil descrever sucintamente os sentimentos através do discurso da dança de salão, pois em qualquer atividade artística, os sentimentos se concretizam na forma que pode ser percebida (BREGOLATO, 2000, p. 71).

As manifestações dançantes, como citado no início dessa subseção nos mostram que, de fato, a dança é uma arte e uma forma de se comunicar, onde seus gestos e a sua expressão é algo inerente da manifestação do movimento humano. A dança chama a atenção para a estética e a musicalidade que se prevalecem no mais íntimo dessa expressão, e são muito importantes para sua essência.

O presente estudo apresenta diferentes conceitos sobre a dança como possibilidade de perceber e entender melhor sua compreensão a partir de diferentes autores, que conceituam como movimento, outros como expressão e comunicação, como apresentado no quadro abaixo.

Quadro 2 – Principais conceitos da dança e a essência de sua manifestação

AUTOR	ANO	CONCEITO
ELLMERICH	1964	“A dança é um ritmo mudo, é a música visível”
LABAN	1978	“A dança é um dos meios através do qual todos os povos expressam sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens”
GARAUDY	1980	“A dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração”
PORTINARI	1985	“A dança é uma comunicação dispensando jogo de palavras”
ACHCAR	1985	“É a arte do movimento e da expressão, onde a estética e a musicalidade prevalecem”
MENDES	1987	“A dança é composta por movimentos e gestos, dentro de um ritmo, fator importante e indispensável para que a atividade seja considerada como dança.
STOKOE; HARF	1987	“A dança é a necessidade de poder se expressar tal como é, de forma que esta expressão possa ser compreendida por ele e por outras pessoas”.
NANNI	1995	“Dança é a expressão da harmonia universal em movimento”

FERREIRA	1995	“Sequência de movimentos corporais executadas de maneira ritmada, em geral ao som da música, baile, bailado, coreografia, movimento e agitação”
----------	------	---

Fonte: elaborada pelo autor.

Como se observa no quadro acima, a dança além de poder ser entendida como comunicação, expressão ou movimento, pode ser interpretada também como uma criação coletiva ou individual, fundamentada no corpo e nos movimentos básicos que todo ser humano possui, mas, integrado à forma individual e única de se expressar, onde cada um mostra suas possibilidades e potencialidades.

O quadro apresentado de conceitos sobre a dança nos apresenta também possíveis evidências por essas definições, e a principal dela é que a dança surge como movimento relacionado à criatividade e à expressão, além de ser considerada como uma atividade social como elementos de forma e imitação.

O movimento corporal é uma linguagem que cada pessoa possui para manifestar-se e, a expressão corporal é o resgate dessa linguagem individual. Por conseguinte, o corpo tem a capacidade de se manifestar, o que, na expressão corporal, se apresenta através do vivido corporal. Este vivido corporal, equivale à maneira pela qual o corpo apresenta-se disponível (SILVA; SCHWARTZ, 1999, p. 168).

Segundo Salzer (1983), vários são os critérios para se classificar a Expressão Corporal: como Expressão Espetacular, Não Habitual, Cotidiana, em si mesma, Centrada da Relação Dual, centrada no grupo, em formação, busca por terapia, lúdico, análise sociológica e lazer. Esta última facilita perceber laços duradouros, fazendo com que as pessoas se reencontrem fora do grupo, ou seja, amplia o valor da amizade.

A conscientização e a expressão do ser é fruto das atividades corporais com destaque especificamente na arte. Essas atividades buscam resgatar composições, como consciência corporal, autoconceito, imagem e esquema corporal direta ou indiretamente. Schwartz (1999) complementa afirmando que a arte age de uma forma a canalizar emoções e sentimentos descontrolados, ajudando a melhorar as condições não verbais.

Entende-se, portanto, que o conhecimento e a conscientização das partes do corpo e do corpo como um todo trazem grandes benefícios para o indivíduo que dança, pois essa conscientização dá uma maior valorização de si, melhora a estruturação da personalidade, desenvolvendo melhor uma autoestima e uma relação mais eficaz e harmoniosa entre o seu corpo, “o do outro e das coisas”.

Para Laban (1978, p. 67), “*O corpo é nosso instrumento de expressão por via de movimento*”. Desta forma, o movimento é a representação do corpo no mundo. Corpo este que pensa, sente e age.

Segundo Lomaquine (2001, p. 12), a dança contribui para além dos sentimentos e características internas do ser que dança proporcionando

[...] ao seu praticante o desenvolvimento da autoconfiança, cria socialização e divertimento, estimula a circulação sanguínea, desenvolve capacidades físicas básicas. Como coordenação motora, agilidade, flexibilidade, resistência muscular e ritmo, melhora o sistema cardiorrespiratório, diminui o estresse, contribui na perda de calorias, além de desenvolver a percepção corporal melhorando a autoimagem do ser dançante.

Relacionar esses conceitos citados acima e trazer para a realidade das danças de salão, consideradas como danças populares ou sociais, pela prática ser a dois com principais objetivos de sociabilização e divertimento, ao tempo que se apresenta como categoria da presente pesquisa, tem um grande potencial educativo, pois por meio do seu aprendizado, expressa sentimentos, ideias, pensamentos, emoção ou mesmo princípios políticos, filosóficos e sociais. Pode ir até mais além e encontrar sua sensibilidade e redescobrir sua corporeidade.

A dança de salão é realizada em pares, na qual a presença do homem ou da mulher, mesmo que de forma teatralizada, contém uma busca de sintonia, de sentimento e de emoções ao ato de se expressar, o que constitui características importantes, sendo ela elaborada individualmente ou em pares.

Na dança de salão são instituídos dois papéis bem claros que são constituídos por entidades ligadas ao gênero masculino e feminino, e tudo isso tem como referencial o ideal romântico burguês de amor, que são encarnados por um homem e uma mulher e, ainda, nesta teatralização, os dançarinos devem assumir papéis específicos em relação aos seus gêneros. Outro ponto é que a dança de salão não está somente ligada a apropriação da técnica da dança, mas também a relação aos padrões de comportamento em relação ao par (TONIAL, 2011, p. 38).

Como citado anteriormente, entende-se que a dança de salão em sua expressão de sentimentos se apresenta algumas vezes como um ideal de romantismo, onde os atores principais possuem papéis previamente definidos, relacionados com técnica que a dança exige, onde cabe à mulher ser conduzida, bem como feminina, aceitando o convite de ser guiada na dança; já o homem se apresenta como um ser de atitude, viril, com a iniciativa de tirar e conduzir a dama. Tudo isso cria um ambiente que se diferencia da vida comum e ocorre em lugar específico que é o salão, no tempo que durar a determinada música. Na dança de salão é como

se tivesse algo “em jogo” que vai para além das necessidades da vida e dá um sentido a ação; isso vai se conectar com um ideal romântico da nossa sociedade.

Voltando à influência do ideal romântico como valor dentro do universo da dança de salão, é possível pensar em outro significado para a importância da cortesia e dos galanteios que fazem parte da cultura deste tipo de dança. A sedução tem tanto espaço e tanta força no imaginário da dança de salão porque existe também uma valorização da ideia romântica de se postergar o período da sedução e de não efetivá-la imediatamente. No romantismo, o período do encantamento, do enamoramento do casal, é cultuado, o que também se dá de forma teatralizada na dança de salão (MASSENA, 2006, p. 97).

Para além do romantismo encontrado na dança de salão, que se deve considerar, várias ações como essas acontecem em vários salões, fazendo com que hoje se percebam vários gêneros de dança de salão. Além dos salões, essas práticas também acontecem em academias espalhadas em diversos lugares no Brasil e no mundo. Assim, a dança de salão não é uma única dança, mas existem várias danças de salões diferentes.

A dama deve acompanhar o cavalheiro na direção em que ele conduzir. A dama nunca deverá começar a dança por si só, devendo ela acompanhar o cavalheiro em qualquer tipo de condução esteja ele dançando bem ou mal. Por isto, ela deve estar sempre sensível e atenta ao toque do cavalheiro em suas costas. O cavalheiro deve sempre conduzir com as palmas das mãos abertas e apoiadas nas costas da dama, para que ela, por sua vez, entenda o movimento e possa acompanhá-lo (GONZAGA, 1996, p. 20).

A indicação dos passos, figuras e movimentos deve ser percebida pelos movimentos dos corpos e sentida por meio da comunicação entre os corpos dos seus pares, portanto, ao cavalheiro é ensinado que quando se deseja mudar de direção ou passos e figuras, devem aumentar ou diminuir a pressão nas mãos e no corpo de sua parceira.

Compreende-se por meio das descrições acima que independente da técnica ou das instruções aprendidas nas escolas, academias e clubes sociais, a dança não perde sua essência trazendo a técnica para o seu desenvolvimento, pelo contrário, aumenta a sensação de desafio para quem dança na busca de se autossuperar em sua prática e nos sentimentos absolvidos por cada evolução e por cada música dançada.

4.3 Dança, empoderamento e suas relações

Distanciando-se um pouco do contexto histórico da dança e sua importância em relação à dança de salão na modernidade, nesta tese, considerando a evolução e o potencial de autonomia e empoderamento referente às transformações sociais por meio do corpo,

referenciamos a educação, entendendo as atividades relacionadas ao movimento, que acontecem no espaço de academia, baile e aulas particulares, como importantes no processo de independência e enriquecimento das qualidades críticas, criativas e morais de quem a prática (SHAPIRO, 1998).

Na busca pelo movimento e suas devidas consequências relacionadas a um corpo-sujeito, pensante e resultante desta busca, visualizamos um movimento gerado pelo corpo, antes pensado como relação de mover-se apenas, e agora munido de fala e voz.

Importante nessa discussão trazer a inúmeras possibilidades de conquistas pela sociedade como um todo, principalmente em relação à independência e autonomia, opinião de conhecimento político e na construção de um senso crítico, deve-se se pensar como se pode contextualizar esta longa luta em relação aos movimentos de classe que buscam seu espaço, sua voz e representatividade, por exemplo, e discutido no parágrafo anterior, como o movimento feminista, dentre outros, como negos, LGBTQIA+, considerando a família brasileira com perfil conservador.

Educadores sustentam que corpo e mente são integrados, exemplo disso é quando estamos alegres o nosso corpo corresponde a esses sentimentos, ou mesmo quando estamos agitados, nosso sistema responde por meio dos órgãos; lembranças e memórias de nosso corpo são guardadas quando passamos por momentos inesquecíveis. É essencial e considerável que a educação, seja ela informal ou formal, passe pela descoberta e transformação do corpo, para que os indivíduos possam entender o que são e como são esses corpos, para que servem, para que assim um trajeto de independência e autonomia possa ser criado, de modo que esses corpos e essas pessoas sejam protagonistas e militantes de suas histórias e suas causas.

O corpo possui diversas possibilidades de vivências, pelos jogos, brincadeiras, futebol, atletismo, lutas, teatro e, também, pela dança. Essas vivências podem acontecer em vários segmentos e lugares, sejam eles formais ou não, seja pelo ensino da dança ou não.

Especificamente dentro da temática dessa tese que traz a dança como ferramenta de maturidade para aqueles que a praticam, a dança é uma manifestação também das artes, não só da educação física. A nova Base Comum (BNCC) e o antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) citam que a dança é parte integral da educação física ou como parte extracurricular durante todo esse tempo, contudo devemos promover cada vez a dança também nos ambientes não formais, a fim de que possa ajudar na formação e na identidade do corpo e suas devidas manifestações.

Por fim, essa seção, para além da discussão de elementos que compõem esse estudo científico, tentou evidenciar um olhar para a importância da dança nos ambientes não formais,

ou seja, na academia, nos estúdios e nas práticas livres de dança, como os bailes dançantes. A formação da dança no ambiente não formal tem o intuito de contemplar dançarinos e dançarinas, intérpretes, não professores e amantes dessa atividade; parte dessas pessoas que aprendem nesse ambiente acaba se destacando com suas posturas e seus exemplos de independência e autonomia. As mulheres que dançam e contratam dançarinos é um exemplo para se diagnosticar e fazer a sociedade compreender suas referências por meio dessas experiências.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 Natureza e tipo de pesquisa

A presente pesquisa optou por uma abordagem qualitativo-descritiva, exploratória do tipo estudo de caso, com o uso das técnicas: observação direta (lócus da pesquisa), entrevistas (dirigentes e diretores dos clubes sociais) e levantamento estruturado (questionário aplicado com os sujeitos da pesquisa).

Reiteramos e enfatizamos que foram feitas estas opções, porque acreditamos que possibilitaria a realização de uma investigação sistemática sobre a prática da dança realizada por mulheres idosas, tendo em vista identificar a sua maturidade, participação e a escolha da dança de salão como forma de apresentar à sociedade a sua independência feminina nos clubes sociais da cidade de Fortaleza – Ceará.

Desse modo, as pesquisas exploratórias, segundo Gil (2017), possuem um propósito de proporcionar uma maior semelhança como a problemática, com objetivos de torná-la mais evidentes ou desenvolver hipóteses. Seu planejamento geralmente pretende ser flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fenômeno ou ao fato pesquisado. A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve uma sequência de um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática, ou seja, vivenciaram o assunto, e, por fim, uma análise de exemplos que estimulem a compreensão. O autor ainda afirma que a maioria das pesquisas com objetivos acadêmicos, a princípio, inicia com uma pesquisa de caráter exploratório.

A pesquisa qualitativa apresentou-se como a melhor opção para dar conta dos problemas que movem esta pesquisa, e pela ligação principalmente de dois importantes fatos, o primeiro em relação à subjetividade do pesquisador e suas vivências serem levadas em conta no processo de produção científica, pois a relação do pesquisador com a dança ao longo de sua trajetória não pode ser desconsiderada. Essa relação está fortemente presente há pelo menos vinte anos, quando aos dezessete anos emancipou-se justamente para responsabilizar-se administrativamente sobre o ensino e prática da dança de salão na cidade de Fortaleza- Ceará.

O segundo fato é em relação às pesquisadas, por terem uma vivência contínua e duradoura com a dança, e de praticarem há anos esse fenômeno, por meio dos bailes promovidos pelos clubes sociais da cidade de Fortaleza, portanto, a descrição dos fatos partiu da fala delas e com elas. Logo, entende-se que a vida do pesquisador e as

experiências vividas pelas pesquisadas no ambiente da pesquisa é alvo de uma reflexão permanente.

Minayo (2004) afirma, ainda, que as fases exploratória, trabalho de campo e análise e tratamento do material empírico e documental são importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

Os estudos de pesquisa qualitativa, segundo Neves (1996), possuem diferenças entre si em relação ao método, sendo necessário categorizar um conjunto de características necessárias, para que possa identificá-la, como: o caráter descritivo, a busca dos significados que as pessoas dão às coisas e à vida, a preocupação do pesquisador e o enfoque indutivo, o pesquisador como instrumento importante do processo, o ambiente natural como fonte primária dos dados, pois a pesquisa qualitativa parte dos princípios das evidências empíricas, suficientemente contadas para inferir uma verdade universal.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Segundo Gil (2017), o principal elemento que difere de outras formas de pesquisa e o que identifica uma pesquisa qualitativa é a adoção do enfoque interpretativo, que implica em perceber que o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam, o que permite considerar que o objeto de pesquisa é compreendido como sendo construído socialmente. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é importante para o estudo da experiência vivida, dos longos e complexos processos de interação social.

Segundo Oliveira (2012), a pesquisa descritiva está interessada em observar e descobrir fenômenos, procurando, classificá-los, detalhá-los, e interpretá-los, com base na forma como se apresentam esses fatos e fenômenos. Ela é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos econômicos, políticos e sociais, comunidade, percepções de diferentes grupos, entre outros aspectos.

Gil (2017, p. 42) complementa a citação anterior, descrevendo que as pesquisas descritivas

Salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem a estudar o nível de

atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Optamos por usar o método estudo de caso, como descreve Oliveira (2002, p. 50), como método suficiente para identificar e analisar as múltiplas ocorrências de um mesmo fenômeno, em vários casos.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2005, p. 19).

Yin (2005, p. 32) complementa dizendo que o estudo de caso “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Esta observação vai ao encontro do objetivo desta tese, que deseja entender a ligação entre a velhice, maturidade no contexto feminino e sua relação com o lazer nos clubes sociais, nas últimas décadas, em especial, na cidade de Fortaleza- Ceará.

5.2 Campo social da pesquisa

A pesquisa de campo foi desenvolvida em Clubes Sociais da cidade de Fortaleza- Ceará, que nos últimos 10 anos promoveram um circuito de bailes dançantes nas tardes de domingo.

Os bailes dançantes nas tardes de domingo já existem há mais de 20 anos, iniciaram-seno Clube dos Diários, em 1996, acontecendo nos últimos domingos de cada mês, com finalidade de comemoração dos aniversariantes ou com datas comemorativas e festivas do calendário civil, segundo relata Fonseca (2018). Os bailes ficaram no Clube dos Diários até o final do ano de 2002, quando a sede precisou ser vendida.

Fonseca (2018) relata que no início do ano de 2003 os bailes passam a funcionar no Clube Círculo Militar de Fortaleza, ainda hoje localizado na rua Canuto de Aguiar, 425 - Meireles, Fortaleza – CE; o mesmo já oferecia bailes noturnos, chamados Tempos das Brilhantinas, e durante todo aquele ano ofereceu um novo formato, sendo este em todas as tardes de domingo. No final deste mesmo ano, o clube precisou realizar uma grande reforma no salão nobre e os bailes passaram a funcionar durante o ano de 2004 no BNB

Clube, até retomar novamente, em 2005, para o Círculo Militar de Fortaleza e aí permaneceu durante 15 anos, funcionando todos os domingos à tarde.

No começo do ano de 2020, os bailes passaram a ser oferecidos no Clube do Náutico Atlético Cearense, localizado na Avenida da Abolição, 2727 - Meireles, Fortaleza – CE, no mesmo formato que funcionava no Círculo Militar de Fortaleza. Sendo esses dois últimos clubes citados os principais lócus da presente pesquisa, os quais ofereceram e oferecem bailes dançantes aos domingos diurnamente.

5.3 Participantes da pesquisa

Foram usados como critérios de inclusão dirigentes/diretores que nos últimos 10 anos participaram direta ou indiretamente das atividades do clube social que representavam, o músico que criou os bailes das tardes de domingo e que nesses últimos anos participou direta e indiretamente dessas atividades dançantes, e mulheres idosas que participaram frequentemente nos últimos 10 anos dos bailes oferecidos pelos clubes nas tardes de domingo, na cidade de Fortaleza - CE.

É importante destacar que os principais sujeitos das pesquisas foram escolhidos de forma aleatória, por meio de uma aproximação predefinida, baseada nas observações diretas, realizadas durante visita ao lócus da pesquisa.

Posteriormente, serão descritas de forma mais detalhada e analisadas as entrevistas realizadas com os dirigentes/diretores e com o músico, bem como as estruturas usadas, por meio dos diários de campo, desenvolvidas na técnica de observação e respostas das perguntas formuladas por meio do questionário com as senhoras que dançam, que são os principais sujeitos dessa tese.

5.4 Período de realização da pesquisa

A pesquisa teve início desde o ingresso no Doutorado Acadêmico em Educação, em agosto de 2016, com a definição do objeto de estudo, bibliografia, sistematização do percurso metodológico e a construção da base das análises.

A coleta de informações e de dados ocorreu no período de junho a novembro de 2018, com as observações diretas, fevereiro a julho de 2019, com as entrevistas e de março a julho de 2020, com aplicação dos questionários. Após essas fases de coletas foram iniciadas a parte de análise geral dos dados e sistematização final da presente pesquisa.

5.5 Base principal para interpretação dos discursos

O suporte do processo de interpretação das categorias de análise das falas foi desenvolvido nas seguintes referências teóricas: A Velhice (BEAVOIR, 2018); Corpo, Envelhecimento e Felicidade (GOLDENBERG, 2011); A cidade dos Clubes: Modernidade e “Glamour” na Fortaleza de 1950 a 1970 (FREITAS, 2005); Envelhecer: histórias, encontros, transformações (MONTEIRO, 2007); Memória e Sociedade lembrança dos velhos (BOSI, 1994); Envelhecimento e políticas sociais (CAPUCHA, 2005); A cama na varanda (LINS, 2017); Histórias de mulheres (CAVALCANTE; HOLANDA; QUEIROZ, 2015); Mulheres em movimento (MORAES, 2013); Dança de salão: história e evolução (MEIRA DE PAULA, 2008); Dança e sociabilidade (TONIAL, 2011).

5.6 Procedimentos e descrição da aplicação das técnicas de coleta de dados

A presente pesquisa foi desenvolvida em três etapas: observação direta no lócus da pesquisa, entrevistas com representantes dos clubes e com o músico, aplicação dos questionários com as senhoras que dançam. As técnicas e instrumentos da coleta de dados utilizados nesta pesquisa estão organizados no Quadro 3.

Quadro 3 – Técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa

Técnicas de campo	Procedimentos Operacionais	Instrumentos
Observação sistemática	Foram levantadas questões que orientaram o roteiro do Diário de Campo utilizado nos bailes dos clubes sociais que fizeram parte do lócus da pesquisa.	Ficha/Roteiro
Entrevistas Semiestruturadas	Foi feito um planejamento das ideias centrais que poderiam compor o roteiro das questões que construiriam a Entrevista.	Roteiro de Questões
Levantamento Estruturado	Foram identificados elementos para compor o questionário, a partir do objeto de pesquisa e os objetivos da pesquisa.	Questionário

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo Gil (2017), a observação como técnica de pesquisa pode ser desenvolvida de três formas: espontâneo, participante e sistemática. Na espontânea, o pesquisador não possui contato direto com a comunidade que pretende estudar, porém essa técnica ajuda nessa aproximação, na participante o observador assume o papel de condução do grupo a ser pesquisado, na sistemática, a escolhida para o desenvolvimento dessa tese, o pesquisador já sabe previamente aspectos da comunidade pesquisada, assim já se torna capaz de desenvolver um plano de observação para orientar a coleta.

Na presente pesquisa se optou pela observação sistemática ou conhecida como direta, com o propósito de facilitar o entendimento do comportamento dos indivíduos. Esse tipo de observação ocorre quando o pesquisador está presente fisicamente, monitorando os acontecimentos. Como vantagem, essa técnica se apresenta muito flexível, pois permite registrar os eventos assim que ocorrem. O pesquisador também é livre para trocar de lugar, mudar o foco das observações ou concentrar-se em fatos inesperados, além de permitir a comparação entre as informações recebidas das pessoas pesquisadas e a própria realidade (COOPER; SCHINDLER, 2003).

A técnica de observação sistemática usada na presente pesquisa e indicada para estudos descritivos possuiu um diário de campo para melhor categorizar e interpretar a coleta de dados desta pesquisa.

O diário de campo consiste em um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional à medida que através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. É um documento que apresenta um caráter descritivo – analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. O diário consiste em uma fonte inesgotável de construção e reconstrução do conhecimento profissional e do agir de registros quantitativos e qualitativos (LEWGOY; ARRUDA, 2004, p. 123).

O trabalho de observação que foi realizado para a redação deste trabalho foi efetivado durante cinco meses. Neste período, o pesquisador frequentou livremente os espaços que cercam o salão de dança dos clubes sociais participantes do lócus, como: portarias, próximos aos banheiros e os espaços de bar e restaurante do local, bem como espaços próprios do salão de dança, a fim de perceber o ambiente como um todo.

Durante esse período, o Clube promoveu 19 bailes dançantes, entre os meses de julho a novembro de 2019, sendo que desse total de bailes, 11 foram usados para contato do pesquisador/observador com o ambiente analisado, com média de 33 horas de observação. Os bailes observados nas tardes de domingo geralmente começavam

pontualmente às 12h00min e finalizavam às 17h00min horas, sendo que alguns eram promovidos de forma temática, como festas juninas, dia dos pais e comemorações natalinas, bem como geralmente no último domingo do mês se realizavam as festas em comemorações dos aniversariantes do mês dentre os frequentadores.

A observação foi utilizada para facilitar a obtenção de dados a respeito das manifestações sobre as quais os indivíduos não possuem a consciência, mas que, de certa forma, orientam seus comportamentos nos bailes. Neste estudo foi utilizado um roteiro (APÊNDICE A), no qual os principais elementos observados foram: entrada e saídas do local, se acompanhadas ou não, as roupas que vestiam, o porte de acessórios, comportamentos (carinho afeto, alegria etc.) durante todo o período do baile, relacionamentos, as músicas e as bandas que tocavam, o espaço físico, as ornamentações, a sociabilização e a frequência que iam aos bailes. O intuito maior foi identificar como se configuram os processos de independência entre as mulheres que frequentam os bailes de dança de salão no Círculo Militar de Fortaleza e no Náutico Atlético Cearense, lugares esses que ocorriam os bailes nas tardes de domingo na cidade de Fortaleza – CE.

No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com representantes dos principais clubes sociais da cidade de Fortaleza, que possuíam em sua programação os bailes aos domingos à tarde, bem como o músico proprietário da banda que também é o agente, criador e promotor dos bailes.

Segundo Minayo (2004), a entrevista tem por finalidade recolher informações por meio da fala dos atores sociais. Contudo, é necessário que seja observada a possibilidade do uso do silêncio como resposta. Nesse caso, o entrevistador deve estar atento para seu significado, pois o silêncio pode ser necessário para que o entrevistado ordene seus pensamentos e ideias.

Segundo Gil (2002), a realização de entrevistas em pesquisas é algo complexo, uma vez que o entrevistador é a única fonte de motivação para o entrevistado. Ademais, o entrevistador deverá ser bastante habilidoso ao registrar as respostas, com a preocupação de registrar exatamente o que foi dito e as reações do entrevistado.

Para melhor compreender sobre as formas de aplicar entrevistas elaborou-se um quadro que descreve os principais tipos de entrevistas, tipologias e características, em uma sequência de evolução conceitual.

Quadro 4 - Resumo dos tipos de entrevista

Autores	Tipos de entrevistas	Características
Queiroz (1991)	Rigorosamente orientada	Diálogo no qual o informante não tem a liberdade de conduzir a conversa.
	Com roteiro ou semiorientado	De tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que se pretende investigar.
	Realmente livre	O pesquisador depois de um breve diálogo limita ao máximo suas intervenções
Rubbin e Rubbin (1995)	Estruturada	Perguntas específicas
	Não estruturada	Um tema determinado
	Mista	Estruturada, mais não estruturada
	História oral	Verbaliza um acontecimento específico.
	História de vida	Instigado a dissertar assunto presente, atual da vida
Gauthier (1998)	Dirigida ou padronizada	Roteiro com perguntas fechadas e diretas, a fim de evitar desvios do entrevistado.
	Semiestruturada	Perguntas fechada e diretas, inclui um número pequeno de perguntas abertas, dando liberdade ao entrevistado.
	Guiada, centralizada ou focalizada	Usa um guia com temas a serem pesquisados
	Não diretiva ou não dirigida	No início é estimulada.
	Clínica	Objetiva interpretação sociopsicológica. Mais utilizada na psicologia e psiquiatria.
Boguchwal e Ferraz (1999)	Livre ou não estruturada	Discurso espontâneo
	Semidirigida ou semiestruturada	Especificação de assunto
	Fechada ou estruturada	Altamente padronizada.
Santos (2000)	Estruturada ou padronizada	As perguntas são as mesmas para todos os entrevistados, garantindo maior controle nas respostas.
	Não estruturada	Não obedece a qualquer tipo de roteiro preestabelecido
Lobiondo-Wood e Haber (2001)	Face a face	Destinada a obter informações mais pessoais
	Por telefone	Alcança número maior de pessoas.

Fonte: elaborada pelo autor.

Observa-se no quadro acima que cada um destes autores traz a sua contribuição quanto aos tipos e utilização de entrevista. Queiroz (1991), Rubbin e Rubbin (1995), Gauthier (1998), Boguchwal e Ferraz (1999) e Santos (2000) convergem quando relacionam os tipos de entrevista em estruturada, não estruturada ou semiestruturada. Para a presente pesquisa foi feito um planejamento das ideias centrais que poderiam compor o roteiro das questões que construiriam a entrevista, sendo considerada, assim, como semiestruturada.

As entrevistas foram realizadas no período de Outubro e Novembro de 2019, com o objetivo de contextualizar o histórico do clube social, sua função social em relação ao serviço oferecido diante das atividades dançantes para a sociedade e para o clube, na cidade de Fortaleza, período que ofereceu os bailes aos domingos à tarde para a sociedade,

seu principal público participante e qual relação tinha com o clube, todas essas questões foram elaboradas por meio de um roteiro (APÊNDICE B).

O contato com os participantes inicialmente aconteceu no período de observação do pesquisador nos bailes, após esse contato prévio, foram agendados encontros em períodos fora do horário dos bailes, no próprio clube do responsável escolhido, para a aplicação das entrevistas.

O registro dos dados aconteceu a partir da permissão para gravações por meio de instrumentos eletrônicos (gravador de celular e de voz), sendo estes descritos posteriormente para devidas análises. O pesquisador por meio desse registro conseguiu se dedicar mais a observar e interagir com o entrevistado, além de permitir o registro detalhado.

A terceira e última etapa ocorreu com aplicação de questionários, de forma estruturada, cujo roteiro está no Apêndice C, onde constam perguntas direcionadas aos sujeitos da pesquisa, a fim de que pudessem relatar suas vidas de forma natural, da forma que elas mesmas dessem destaques às lembranças que consideram mais importantes e que fossem essenciais para serem descritas, para que, assim, o objetivo geral deste estudo fosse atingido, e entender como um possível investimento na vida adulta e na velhice pode interferir em um estilo de vida nas relações sociais que as participantes possuem acerca do envelhecimento, bem como entender quando e como se deu a entrada ao longo da vida na dança até sua chegada aos salões na atualidade.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Antes de apresentar as técnicas de produção e criação das perguntas, é importante considerar a citação de Marconi e Lakatos (1999, p. 100), quando diz:

[...] junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

O questionário da presente tese possui perguntas que traz uma reflexão sobre a velhice e como nossos sujeitos se percebem nela. Nesse sentido, foi necessário entender as formas de pensar sobre o ser feminino, durante as fases da vida até os dias de hoje, como elas enxergam o envelhecimento hoje e a relação com a dança e seu estilo de vida.

O questionário foi dividido em quatro etapas, sendo a primeira com questões básicas e informações mais pessoais que identificassem melhor as senhoras pesquisadas, a segunda etapa com uma pergunta única para que relatassem seus percursos da vida, nascimento, escola, formação, família e formação, a terceira etapa composta por quatro perguntas sobre o percurso da vida e sua aproximação com a dança até os dias de hoje e a quarta e última etapa com seis questões relacionadas aos benefícios, dificuldades nesse percurso, relação com a dança e entendimento sobre o envelhecimento, e um espaço para que pudessem relatar mensagens como forma de estímulo para outras senhoras pela procura da prática da dança de salão como forma de estilo de vida e relevância social. O questionário foi organizado pelo pesquisador de uma forma em que pudessem escrever na forma que se sentissem à vontade.

O momento de formulação das questões é primordial. Gil (1999) destaca uma sequência de critérios que devem ser seguidos, entre eles: as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa; deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação; a pergunta deve possibilitar uma única interpretação; a pergunta não deve sugerir respostas; as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

Os sujeitos pesquisados foram senhoras que dançam nas tardes de domingo nos clubes sociais da cidade de Fortaleza. A primeira idosa ouvida foi escolhida por meio da observação, pela sua frequência e participação nos bailes no clube social, após a identificação, houve uma aproximação e a solicitação de contatos prévios para que o pesquisador, em outro momento, que não fosse o horário do baile, pudesse aplicar o questionário, a segunda coleta partiu da indicação da primeira e assim por diante, até chegarmos a saturação dos dados, tendo assim oito questionários respondidos.

Como dito inicialmente, o questionário pode buscar resposta a diversos aspectos da realidade. As perguntas, assim, poderão ter, segundo ensina Gil (1999, p. 132), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros. Um mesmo questionário poderá abordar diversos desses pontos.

A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a junho de 2020 e precisou passar por pequenos ajustes e adaptações, devido o momento pandêmico da Covid-19, que colocou os sujeitos da pesquisa num grupo de risco. O isolamento social aconteceu logo após o pesquisador ter coletado os dados para contato da primeira senhora a ser pesquisada.

Os questionários foram impressos e lacrados, resguardando os cuidados de isolamento e higienização com os instrumentos, deixados nas portarias das casas e prédios das senhoras pesquisadas, para que pudessem responder. O pesquisador ficou disponível para

tirarem dúvidas e serem orientadas por e-mail, conversas e áudios pelo *whatsapp*, bem como pelas plataformas *Google Meet* e *Zoon*. O recebimento aconteceu da mesma forma, ao finalizarem avisavam ao pesquisador, onde o mesmo retornou às suas residências para pegar os questionários respondidos e, em seguida, realizar a análise qualitativa.

5.7 Análise dos dados

As informações obtidas por meio da coleta de dados foram posteriormente analisadas de acordo com o método de análise de conteúdo de Bardin (2011), que se desenvolve em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados e, por fim, a inferência e a interpretação. Na fase de pré-análise organizam-se documentos considerando os objetivos traçados nos estudos e também o desenvolvimento de códigos iniciais que fundamentaram a fase posterior de interpretação.

Na primeira fase desta pesquisa fizemos a escolha do material em suas diversas formas de documentação, como: os registros do diário de campo por meio das observações diretas, as transcrições das entrevistas e do levantamento estruturado, com o objetivo de torná-lo operacional para a sistematização da análise de forma adequada.

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Na segunda fase foi feita a exploração do material com a finalidade de se definir as categorias mediante a seleção das unidades de análise, as quais foram escolhidas pela relação direta que tinham com o objeto do estudo investigativo. Nesse processo foram identificadas as seguintes categorias: envelhecimento, independência feminina, dedicação a danças e sua relação com as fases da vida, benefícios e contribuições da dança, estilo de vida, bailes e festas, percurso de vida. Nesse estudo, essas categorias citadas foram selecionadas para serem discutidas, tendo em vista a relação mais estreita com o objeto da pesquisa e com os seus objetivos propostos.

Bardin (2011) apresenta os critérios de categorização, ou seja, escolha de categorias (classificação e agregação). Categoria, em geral, é uma forma de pensamento e reflete a realidade, de forma resumida, em determinados momentos.

Na terceira e última fase foi realizado o tratamento dos resultados por meio das inferências e interpretações articulando-as ao referencial teórico do estudo investigativo e às nossas percepções, procurando dar conta da proposição do nosso objeto de estudo.

De acordo com Bardin (2011) e Santos (2012), as categorias são vistas como rubricas ou classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns. No processo de escolha de categorias adotam-se os critérios semântico (temas), sintático (verbos, adjetivos e pronomes), léxico (sentido e significado das palavras – antônimo ou sinônimo) e expressivo (variações na linguagem e na escrita). Este processo permite a junção de um número significativo de informações organizadas em duas etapas: inventário (onde se isolam os elementos comuns) e classificação onde se dividem os elementos e impõem-se organização.

Reiteramos a escolha por Tema como unidade de análise, por entender que permite a realização de análise e interpretação mais amplas, levando em conta as os seus sentidos e suas interpretações latentes e explícitas presentes nele, bem como, de proporcionar vários tipos de pesquisas, que, neste caso, o estudo requer. Contudo, como todo procedimento técnico, existem limitações, como o tempo demandado para a coleta de dados. Destaca-se aqui a importância de lembrar que a realização de uma análise minuciosa sobre cada um dos temas extraídos dos instrumentos desse estudo pode constituir-se em um importante roteiro para se fazer as inferências e interpretações dos conteúdos da pesquisa.

Por meio da leitura inicial do levantamento coletado, da proposta da técnica de análise de dados de Bardin (2011), a fim de alcançar os objetivos propostos neste estudo, com foco nas concepções extraídas das senhoras que dançam nas tardes de domingo nos clubes sociais na cidade de Fortaleza, identificaram-se as categorias iniciais, de onde posteriormente delinearão-se as categorias intermediárias, que compõem o Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Categorias intermediárias geradas de agrupamentos das categorias iniciais

Categorias iniciais	Categorias intermediárias
Infância	Percurso de vida
Formação acadêmica	
Família	
Filhos	
Experiências	Dança e vida
Participação	
Folclore	
Vaidade	Dança benefícios e contribuições
Perseverança	
Relação social	
Valorização pessoal	
Lazer	
Vestimenta	
Autoestima	
Satisfação	
Dançarino	Estilo de vida
Jovem	
Amigos	
Aulas	
Frequência	Aulas de dança
Tempo de dança	
Bailes	Bailes e Festas
Acompanhada	
Frequência festa	
Técnicas e performance	
Mulher	Feminino x masculino: dedicação e dependência
Homem	
Doação	
Dedicação	
Dependência	
Velhice	Envelhecimento e amadurecimento
Liberdade	
Corpo	
Estética	
Independência	
Amadurecimento	

Fonte: elaborada pelo autor.

O quadro acima apresenta as principais descrições retiradas das respostas referentes ao levantamento estruturado (questionário), que assim geraram as categorias iniciais. Essas

categorias foram as primeiras impressões obtidas e são importantes para se reconhecer o universo estudado, sendo assim fundamentais também para se chegar às categorias intermediárias e, conseqüentemente, às finais. Destaca-se que esse exercício de sistematização das categorias é significativo para se chegar à leitura maciça do material coletado, o que aproximou ainda mais o investigador do objeto estudado e permitiu aprofundar as reflexões, como apresentando no Quadro 6, onde encontram-se as intermediárias e finais, constituindo, assim, os temas finais desta pesquisa.

Quadro 6 - Categorias finais geradas como temas a partir das categorias intermediárias

Categorias intermediárias	Categorias Finais
Percurso de vida	Percurso de vida: Infância, Formação e Família
Dança e vida	Dança e suas contribuições ao logo da vida
Dança: benefícios e contribuições	Dança: benefícios e contribuições na vida social de quem a pratica
Estilo de vida	Independência: minhas conquistas, minhas escolhas e minha felicidade
Aulas de dança	Quanto mais danço, mais os males espanto
Bailes e Festas	Bailes dançantes: minha diversão e minha alegria
Feminino x masculino: dedicação e dependência	Trajetórias de vida feminina: “ser mulher” dependência e dedicação para a vida
Envelhecimento e amadurecimento	Corpos envelhecidos: Amadurecimento, Liberdade e Estética

Fonte: elaborada pelo autor.

Reiteramos que a classificação e organização em agrupamentos dos dados da pesquisa foram convertidas em quadros como aqui apresentados, observando-se a frequência das ocorrências obtidas pelas respostas e vinculadas a cada questão, proporcionando captar o significado subjacente às concepções das participantes deste estudo, gerando assim esse conjunto de indicadores que possibilitou o surgimento das temáticas a serem aprofundadas na discussão desta tese.

Em relação às categorias de análise de Bardin (2011), ou unidade de registro, como descreve Franco (2007), a palavra é considerada como a menor unidade de registro na análise de conteúdo, e o Tema como uma asserção sobre determinado assunto que pode ser desenvolvido em forma de um início de um subcapítulo ou parágrafo. A autora reforça que essas “unidades temáticas, envolvem não apenas componentes racionais, mas também ideológicos, afetivos e emocionais” (FRANCO, 2007, p. 43).

Considerando que o tema é a mais útil unidade de registro e porque permite vários tipos de estudo, optamos por utilizá-lo nesta pesquisa. A fase da discussão das categorias finais ou chamadas aqui de unidades temáticas, tendo em vista a interpretação dos dados, requereu-se

uma atenção aos significados das palavras e frases com o intuito de esclarecer as respostas, opiniões e reflexões geradas pelos sujeitos pesquisados, sobre as questões formuladas que trataram a respeito do envelhecimento, do feminino e a relação com a dança social nos bailes das tardes de domingo na cidade de Fortaleza - CE.

5.8 Aspectos éticos

A presente pesquisa seguiu com os aspectos éticos descritos pelo Conselho Nacional de Saúde – CNS, que atualmente recomenda que estudos envolvendo seres humanos devem ser regidos pela Resolução 466/12 do CNS, onde contém diretrizes e normas importantes e necessárias para o entendimento da presente tese.

Segundo a referida Resolução, pesquisas envolvendo seres humanos é aquela que “individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos”.

A matriz de avaliação da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil é predominantemente biomédica. Conceitos como riscos e benefícios, devolução dos resultados de pesquisa, benefícios compartilhados, termo de consentimento livre e esclarecido ou reparação por danos compõem o vocabulário compartilhado dos comitês de ética para avaliar projetos de pesquisa (GUILHEM; DINIZ; SCHÜKLENK, 2006, p. 421).

Diante da citação anterior e sem o intuito de exaurir o tema em questão, a pesquisa social neste tópico será conceituada como

Aquela que utiliza técnicas qualitativas de levantamento de dados, tais como observação participante, observação ordinária, entrevistas abertas ou fechadas, etnografia, auto-etnografia e grupo focal; ou como aquela que adota procedimentos analíticos qualitativos, tais como teoria fundamentada, perspectivas feministas, hermenêutica de profundidade e análise de conteúdo (DINIZ; GUERRIEIRO, 2008, p. 290).

Os instrumentos de coletas de dados do estudo em questão foram elaborados e executados com finalidade de não causar malefícios aos pesquisados, garantindo, assim, sua autonomia de participar ou não da pesquisa, utilizando-se de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D), como recomendado pela resolução citada anteriormente, tratando o indivíduo conforme o que é moralmente correto e adequado, garantindo, assim, o máximo de benefícios.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido usado neste estudo explica a justificativa, seus objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como os procedimentos de coleta de dados, propondo uma participação dos sujeitos da pesquisa de forma voluntária. É importante destacar que os riscos e os procedimentos da coleta de dados foram mínimos, sendo assim envolvidos todos os esforços para minimizar os mesmos.

Os nomes das oito senhoras que dançam, dos dois representantes dos clubes sociais e do músico/cantor foram mantidos em sigilo, sendo preservada a integridade e o anonimato, recebendo codinomes de deusas gregas (*Afrodite - Atenas – Demeter – Ártemis – Gaia – Perséfone – Hera – Eos*) para as senhoras que dançam, de Deuses do Olimpo (*Hermes e Dionísio*) para os representantes dos clubes sociais e (*Apolo*), considerado como “*Deus da música*”, para o cantor.

6 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Esta seção tem como propósito apresentar os resultados obtidos por meio da coleta dos dados que nos permitiram concluir a tese, intitulada *Belas tardes de domingo: maturidade e dança nos clubes sociais da cidade Fortaleza – Ceará*.

A análise e os resultados aqui apresentados começam pela história da criação dos bailes das tardes de domingo, segue com a entrevista com o músico precursor dessa atividade, depois aborda a presença dessas festas e sua permanência partindo da visão dos representantes dos clubes sociais, analisadas também por meio de entrevistas e, por fim, analisamos as questões trazidas pelas senhoras que dançam e frequentam as festas dos bailes, principais sujeitos da pesquisa, obtidas por meio de questionários.

6.1 Percurso histórico dos bailes nos clubes sociais da cidade de Fortaleza

Apresentaremos nessa subdivisão o percurso histórico das atividades, especificamente dos bailes que são ofertados nas tardes de domingo na cidade de Fortaleza-Ceará, dando uma ênfase na realização desta prática nos clubes sociais nos últimos 10 anos, entendendo um pouco sobre a história do clube, para quem é essa oferta, sua função social em relação ao serviço dos bailes para a comunidade, período de realização desses bailes, relação do clube com o público frequentador, bem como a percepção do músico que desenvolveu junto com os clubes essa promoção de lazer por meio das festas dançantes.

A partir do século XX é possível perceber um crescimento e desenvolvimento nas cidades brasileiras, principalmente em relação à expansão de redes de sociabilização, não considerando aqui as relações familiares ou mesmo de vizinhos. As cidades passaram a crescer por meio de novos espaços de lazer, desvinculados de suas casas, ambientes, antes de trabalho, decentralizando as áreas de comércio em áreas mais privadas. Atualmente, entendemos esses espaços, muitas vezes classificados como região metropolitana, centro, periferia etc. No ato constante de deslocamento entre esses ambientes de trabalho, lazer, viagens, o ser humano interage com lugares muitos desconhecidos, aumentando as possibilidades de desenvolvimento social, ampliando seu ciclo de contatos por meio das vivências do dia a dia.

Referente à cidade de Fortaleza, lugar onde se encontra o cenário e o lócus desta pesquisa, Pontes (1994) contribui com uma citação, onde apresenta o crescimento dos equipamentos urbanos na cidade.

Na virada do século, momento de instauração republicana no país, Fortaleza apresentava população em torno de 50 mil habitantes e já contava com equipamentos e serviços urbanos condizentes com uma cidade qualificada como de porte médio, tais como: bondes a tração animal (1880), iluminação a gás carbônico (1867), quatro fábricas têxteis, calçamento em algumas ruas centrais, rede de telégrafo para a Europa e para o sul do país, serviço de telefonia (1883), academias literárias e científicas, dois clubes elegantes, um asilo para alienados (1886) e um mercado público com estrutura metálica (1897) (PONTES, 1994, p. 37).

Em se tratando de evolução, estrutural e de equipamentos da cidade de Fortaleza relacionado também às mudanças na vida cotidiana, outra característica importante foi a evolução das atividades de sociabilidade por meio dos momentos de lazer. Segundo Pontes (1993), no começo do século XX surgiram ambientes que estimulavam as pessoas a se encontrarem para conversar, a se olharem observando os movimentos das ruas, como a criação de cinemas, teatros, parques, praças, cafés e os clubes sociais.

A adesão de clubes sociais possibilitou uma melhor estrutura para esses encontros e a utilização do lazer e de convivência como boa opção para a sociedade. Nas décadas entre 50 e 70 os clubes surgem em diferentes áreas da cidade e assim passam a ter seus adeptos de acordo com as questões socioeconômicas de seus frequentadores. No entanto, os clubes de lazer se constituem como equipamentos e espaços marcados por parte da sociedade privilegiada da população de Fortaleza, sinalizando novas configurações e indicadores de divisão social.

Uma cidade cuja “elite” se impregna do anseio de “modernização”, “progresso” e uma pretensa inserção em um mundo civilizado, mas que, paradoxalmente, ainda é provinciana e carente de infra-estrutura urbana e vai encontrar nos clubes sociais uma maneira de afirmação de poder, diferenciação e distinção social (PONTES, 2005, p. 69).

Essa divisão se dava pelos modelos estabelecidos aos seus frequentadores na época, que era o associativismo. Nesses moldes, não se permitia a livre entrada em diferentes classes populacionais, dificultando o acesso ao lazer, que durante essa revitalização eram poucas as formas de diversão na cidade, sendo apenas o rádio uma das únicas formas democráticas de acesso, uma vez que está também se constitui como prática de lazer.

Ainda em relação à citação acima, observa-se que os clubes tinham finalidades em suas criações, objetivos de encontros diversos e precisavam ser constituídos por um ambiente familiar. O controle social rígido da época abria exceção para as frequentadoras conhecidas como “moças de família”. Com isso, os clubes sociais representavam um espaço de presença das mulheres em relação à vida social nas grandes cidades, que muitas vezes era restrita apenas às atividades do lar.

Ainda pelo recorte histórico dos surgimentos dos clubes sociais na cidade de Fortaleza, iremos apresentar dois dos clubes, que nos últimos 10 anos ofereceram seus bailes diurnos, objeto de estudo desta pesquisa e que se tornaram relevantes para os frequentadores como opção de oferta de lazer por meio da realização destes bailes dançantes.

As opções de diversão entre 1950 e 1970 com a expansão dos clubes eram feitas por meio dos equipamentos esportivos que ainda não faziam parte do dia a dia e que eram encontrados nos clubes, contudo o “estilo de vida” por aqueles que frequentavam os bailes, nesta época era ligado ao consumo e a divisão de poderes por aqueles que possuíam a ação de sócio. Pontes (2005, p. 20) contribui acrescentando que essas atividades eram “formas mais superficiais e simples de entretenimento, ligadas às experiências imediatas e sensitivas, como: comer, beber, nadar, jogar e dançar”.

Conforme Pontes (2005), as mulheres e os homens encontravam-se e divertiam-se com a presença dos familiares ou responsáveis no ambiente do clube. Os valores preservados da década de 1950 como modelo de família adequada, faziam parte dos “Anos Dourados”, as indicações eram advindas, do conselho maternal, jornais, revistas, nos livros de romance, nas homilias dos padres, da educação dada pelas freiras e pelos clubes sociais.

As distinções entre as funções do feminino e o masculino eram intensificadas pelas relações públicas e privadas, como escolas, igrejas e pelos espaços de lazer.

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional (BASSANEZI, 2006, p. 608).

Os “padrões” implícitos pela sociedade e aqui apresentados, em se tratando principalmente de feminino traziam a ideia de que a mulher já tinha seu “destino” e que sua naturalidade e seus valores eram baseados no ser maternal, puro, meigo, de obediência à família e ao marido. Os valores morais e familiares empregados eram vivenciados pelos “clubes elegantes”, principalmente pelas festas temáticas promovidas, a família era símbolo de aprovação aos valores e costumes vividos nessa época.

Tamanha rigidez e controle social encontravam nos clubes o ambiente adequado para que a “moça de família”, sob os olhos vigilantes dos pais e dos demais frequentadores, aí travasse contatos com rapazes do seu nível, entabulasse conversas e iniciasse namoros que se transformariam em noivados e posteriores casamentos.

Com efeito, essas instituições constituíam uma maneira de inserção da mulher na vida social. Muito restrita à esfera doméstica e à execução de tarefas ligadas à família, representavam para o segmento feminino da época, uma oportunidade para exercitar a vaidade, dançar e cultivar amizades (PONTES, 2005, p. 58).

O feminino nesse período estava muito ligado a questões familiares, e os clubes sociais traziam essa característica, proporcionando mais do que oportunidades de diversão e lazer para as frequentadoras, ofereciam “condições”, de forma segura, desenvolverem seu “destino de ser”, possibilidades de encontrarem um companheiro para toda a vida ao “seu nível”, de valorização da família, de colocarem em prática a vaidade feminina, além de que foi nos clubes que as “moças de família” tinha suas primeiras apresentações à sociedade.

Pontes (2005) apresenta que, ao passar dos tempos, muitas rupturas aconteceram, diminuição de associados aos clubes, declínio econômico, contradições entre a “modernidade” e os “valores tradicionais”, evolução cultural, busca de status foram se modificando, outras possibilidades de lazer surgiram, ir ao clube deixou de ser um privilégio apenas para sócios, “outras pessoas”, desde que pagassem o ingresso, poderiam participar das atividades ofertadas, todas essas características fizeram parte dessa transição até os dias atuais, dando um outro caráter ao clube social.

Um aspecto muito importante dessa transição adveio também da transformação social em todo o mundo, a partir da década de 1960 e 70 com o aparecimento das causas feministas. Esses movimentos foram também responsáveis pela quebra de paradigmas estabelecidos por meio de padrões antigos, e assim foram surgindo novas formas de sociabilizar, outras formas de conduta, novos padrões relacionados aos laços familiares, à entrada da mulher no mercado de trabalho, nas universidades, de modo que o início de posturas mais igualitárias foi transformando a sociedade de hoje.

Os clubes sempre foram adeptos aos bailes noturnos, considerados como “bailes de Gala”, porém nos últimos vinte e cinco anos, novos bailes dançantes passaram a ser ofertados, aconteciam nas tardes de domingo em vários clubes. Nos últimos dez anos estiveram concentrados apenas no Círculo Militar de Fortaleza e no Clube do Náutico, conforme explica o músico entrevistado desta pesquisa:

Apollo – como músico e acostumado a tocar em bailes noturnos, me juntei com um dos únicos professores de dança de salão da época na cidade ai tivemos ideia em 1996, levamos uma proposta para o *Clube dos Diários* inicialmente a intenção era de ampliar os bailes dançantes na cidade, daí que surgiu os bailes nas tardes de domingo que passou depois por outros clubes e hoje concentre no *Clube do Círculo Militar* e *Clube do Náutico*. Na época os dirigentes gostaram e começamos, a proposta era apenas o último domingo de cada mês, que contava com a presença dos aniversariantes do mês, e em momentos de datas festivas o baile levava o nome das datas, por exemplo: festa

do dia dos pais, das mães, festejos juninos, natal, Páscoa e muitos outros. Todos e todas os frequentadores(as) vibraram com a ideia devido ao aumento das possibilidades de lazer e diversão e para alguns a possibilidade era ótima, devido às dificuldades de acesso a outros bailes que eram noturnos, as tardes de domingo na época começaram com muito entusiasmo e alegria.

Com isso, percebe-se que junto do professor de dança de salão na época, essa ideia gerou certa importância devido à ampliação dos bailes que tanto aumentaria as possibilidades de mais lugares para se tocar, como para se dançar, na perspectiva vinda do professor de dança, criando ali uma cultura de frequência mais ativa aos bailes, aumento de sociabilização, além de que tornaria uma alternativa excelente para a prática de lazer na cidade.

No período das entrevistas ouvimos dois principais representantes dos clubes sociais participantes do nosso estudo, por isso entendemos que é importante descrever o olhar do clube para os bailes e seus frequentadores, permitindo entender como se deu esse processo histórico de construção e de oferta das festas dançantes para os participantes.

Hermes - histórico relata que tudo começou com um grupo de oficiais, vindos de diversos lugares do Brasil, na década de 1940, que na época serviam ao Vigésimo Quinto Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, localizado na Avenida 13 de Maio, no Bairro de Fátima na cidade de Fortaleza; quartel esse inaugurado em 1941. Com a tentativa de construir momentos de lazer, eram realizados encontros entre oficiais de infantaria dentro do próprio quartel, em fins de semanas para momentos descontraídos, atividades como jogos de mesa, e churrascos, que eram os principais motivos para periodicamente acontecer esses momentos descontraídos. No período desses encontros tiveram a ideia de montar um clube, levaram a ideia para o comandante na época que, por sua vez, aceitou e resolveram alugar uma sala fora do quartel, ainda no início da década de 1950. Então, foram para o Edifício Progresso, no Centro da cidade de Fortaleza, os encontros passaram a dar continuidade já fora do ambiente de trabalho, contudo o espaço ainda não conseguia acomodar os familiares nesses momentos lúdicos, de modo que precisaram de um espaço maior. Desativaram a sala e foram para um espaço na praia de Iracema, até que em 1958 chegaram ao prédio atual de funcionamento do clube. De 1960 até 1990 foi subsidiado pelo Ministério do Exército, que disponibilizava uma verba destinada para o clube, como forma de manutenção das suas atividades e para incentivar a sociabilização dos militares com a sociedade civil, uma vez que esses militares sempre transitavam em regiões, muitas vezes longe da família e encontrava no clube uma forma de desenvolver as relações interpessoais e de lazer. A partir de 1990 o Ministério parou de financiar e o clube passou a ter que permanecer por suas condições próprias, ou seja, pela sua autogestão.

Dionísio - Náutico Atlético Cearense foi um clube social criado em julho de 1929, ganhou destaque na época devido em sua construção, oportunizando espaços que iriam para além dos encontros e festas, que foi a criação de espaços para práticas esportivas, nossa história conta que a fundação do clube teria partido da ideia de Raul Farias de Carvalho e Admísio Barreto V. de Castro, dois banhistas e frequentadores das praias na época conhecida como “Praia Megarefe”, ou “Vênus” que procuraram a adesão de outras 25 pessoas a mais e juntos idealizaram esse projeto. Com o passar do tempo foi sendo desenvolvido. Ao longo do tempo foram necessárias mudança de endereço da sede, por questões econômicas e ambientais, por exemplo, as ressacas do mar que invadiam esses espaços, não possibilitando a continuação dele naquela sede, com as transformações e mudança de local o clube NAC em meados da década de 50 chega a sua ocupação existente até os dias de hoje, e se tornando assim o primeiro

edifício de representatividade na Beira Mar, zona que viria se constituir na mais “nobre” e valorizada da cidade, sob a ótica da especulação imobiliária.

Pontes (2005) acrescenta no contexto histórico do Clube Atlético do Náutico que a sua primeira sede do clube foi implantada em um terreno alugado, localizado e conhecido na época como Praia Formosa, que fica bem próximo ao mar, visto que as finalidades iniciais eram para esportes náuticos, mais ou menos correspondente à Cadeia Pública e à Estação Ferroviária. Nesse período foram inseridas apenas duas guaritas de madeira, uma para as mulheres e outra maior para os homens. A ideia era para que as pessoas pudessem trocar de roupas, pois na época não se pensava em andar pela cidade em trajes de banho.

Diante dos expostos históricos e de desenvolvimento ao longo desse tempo na cidade de Fortaleza, percebe-se que os clubes sociais são frutos de uma remodelação e intervenção sócio-urbana e que, para além dessa evolução, produziram transformações políticas e econômicas, modificando as relações culturais na sociedade por meio de seus comportamentos e suas condutas.

Outra questão tratada com o objetivo de possibilidades de lazer para além das ofertas dos bailes era saber o que o clube ofertava e como esse segmento funcionava mediante o associativismo, seja ele legado a determinados seguimentos ou por iniciativa particular, conforme complementam os representantes dos clubes:

Hermes - O Clube do Círculo Militar de Fortaleza atualmente oferece atividades físicas e de lazer como natação, hidroginástica, tênis, atividades esportivas, futsal, vôlei, basquete e bailes dançantes nas noites de sábado e domingos à tarde, sendo esta última umas das atividades mais frequentadas e antigas do clube.

Dionísio – O clube do Náutico é uma das instituições mais antigas de nossa cidade com essas características, tanto os sócios como o público geral possui acesso as atividades físicas e esportivas oferecidas pelo clube como tênis, natação, polo aquático, jogos de quadra, oferecemos espaço para festas privadas e também oferecemos bailes temáticos em datas especiais e comemorativas assim como atualmente recebemos os bailes nas tardes de domingo com oferta de almoço para os frequentadores.

Como observamos, diante das inúmeras possibilidades de práticas esportivas e de lazer oferecidas pelos clubes sociais aqui estudados, as festas dançantes e/os bailes temáticos ganham um destaque nas falas dos nossos entrevistados, devido à constância dessa oferta e a fidelidade dos frequentadores em sua participação e vinda ao clube, para além das atividades econômicas geradas, como consumo nos restaurantes, o baixo custo para o clube nessa oferta, oferecendo assim uma atividade regular para esse público prioritariamente acima de 60 anos de idade.

Civilização do objeto foi substituída por uma economia da experiência, a dos lazeres e do espetáculo, do jogo, do turismo e da distração. Nesse contexto que o hiperconsumidor busca menos a posse das coisas por si mesmas que a multiplicação das experiências, o prazer da experiência pela experiência, a embriaguez das sensuais e das emoções novas: a felicidade das pequenas aventuras previamente estipuladas, sem risco nem inconveniente (LIPOVETSKY, 2007, p. 63).

Em relação à citação e a oferta dos clubes, como mais possibilidades de participação em atividades de lazer, principalmente em relação à dança de salão promovida, o autor complementa que o consumo da ida às festas dançantes pode intensificar as, como acontece nos parques de diversão, nas formas organizadas de turismo etc. Aqui incluímos as academias de dança e os bailes ofertados para os idosos como processos construídos pela indústria da experiência, sendo cada vez mais consumido com certa intensidade.

Diante do exposto, percebemos muitas transformações aconteceram nesse cenário de 1990, em relação aos clubes sociais, seus frequentadores, novas formas de trabalho, de lazer. Essa movimentação, com já trazida aqui na fala de *Apollo* e interpretada por nós, como um novo mercado se abriu trazendo de volta os bailes aos clubes sociais em novo formato, a maioria frequentados por senhoras dançarinas, trazendo possibilidades de trabalho para músicos e, agora, para jovens dançarinos que, por sua vez, acompanhavam as senhoras dançarinas.

Apollo - A ideia já na década de 1990 era que todos os dias da semana pudesse ter uma oportunidade de oferta de bailes em diferentes clubes na cidade de Fortaleza. Ele foi uma das pessoas que procurou o clube para que pudesse receber os bailes aos domingos à tarde, devido à reforma do Clube do Círculo Militar. O clube inicialmente aceitou a ideia e os bailes das tardes funcionaram durante um ano no clube.

Hermes - lembro que na época os sócios colocaram muitas dificuldades para aceitar, diziam que os domingos eram exclusivos para eles, e com a vinda do baile eles perdiam a privacidade. A direção ainda conseguiu permanecer com a oferta durante certo tempo, porém percebemos que precisávamos fazer um reforma para melhor receber essas frequentadoras fies ao nosso clube. Paramos por mais de um ano e em 2004, o Clube do Círculo Militar passa a ofertar novamente os bailes nos domingos à tarde, com seu salão renovado e com mais opções de espaços de convivências. São dezessete anos com estas modalidades oferecidas, em sistema de rodízios de bandas que a todo domingo revezam as belas tardes na cidade de fortaleza com muita música e dança oferecidas às suas frequentadoras, pois as mulheres sempre foram a maioria nesses bailes.

Dionísio – Fomos procurados por músicos e um professor de dança para ofertar esses bailes com público já estabelecidos, já acompanhávamos o sucesso que era esses bailes e sabendo que por motivos de paralização no Clube vizinho aceitamos prontamente e assim aqui começou a ser frequentado e disponibilizado esse formato de bailes diurnos. Sempre oferecíamos bailes noturnos aqui e grandes festas, muitos frequentadores considerava nosso clube como um grande espaço da alta sociedade fortalezense, nossos sócios no começo estranhou esse novo formato de oferta, porém aos poucos passou a também frequentar.

Como observamos nas descrições dos nossos entrevistados, essa iniciativa foi o início de um marco temporal da dança de salão de Fortaleza, bem como de possibilidade de novas oportunidades de lazer, formas novas de trabalho, como os dançarinos que eram contratados para dançar com as senhoras e o surgimento de novas orquestras e músicos, que tocavam nessas festas dançantes. O clube antes visto como salões frequentados por sócios da alta sociedade e promotores de grandes festas dançantes se abrem a um grupo novo que durante muito tempo passou a ser assíduo até mais do que o próprio sócio.

No universo dos clubes sociais, existiram os clubes chamados elegantes, que não apenas aqui construíram fama, mas também em outros Estados do Brasil. O formato arquitetado, em Fortaleza, era bem parecido com os clubes do Rio de Janeiro. Suas atividades eram os bailes, os desfiles de Misses, as grandes e luxuosas recepções, os jantares de negócios, os aniversários (PONTES, 2005, p. 28).

A partir dos anos 1990 começa uma nova fase desses bailes, com novos formatos de frequentadores e com uma maior frequência de festas, não só nos clubes aqui estudados, como em novos espaços que passaram a ofertar dança de salão em formato de baile na cidade de Fortaleza.

Quando perguntamos aos representantes dos clubes e ao músico sobre o tempo dessa oferta de bailes dançantes nas tardes de domingo e a relação que eles possuíam com os frequentadores, trouxeram informações importantes nesse cenário, com destaque para o fato de no começo ter recebido resistência pelos diretores e sócios em relação aos bailes serem prioritariamente frequentados por senhoras de meia idade e idosas acompanhadas por jovens que eram seus dançarinos, contudo como movimentavam a economia do clube, no início tiveram que aceitar, e aos poucos perceberam que eram tempos transformadores, como os entrevistados citaram.

Apollo – os bailes foram surgindo e novas transformações foram acontecendo, ideias advindas dos “dançarinos de aluguel” ou “personal dance” como eram conhecidos. A ideia veio junto com um dos únicos professores da época de dança de salão, que havia lançado recentemente um grupo com essa categoria, chamado “Baila Comigo”. A proposta era trazer dançarinos para dançar nos bailes em formato de contrato por tempo de dança que variavam de 15 minutos, trinta, uma hora e em alguns casos até o fim do baile. Esse fato merece destaque, devido essa proposta dos dançarinos ter virado matéria em um dos principais jornais de circulação do país na época. Além disso, tanto nos músicos, quanto os frequentadores tínhamos pouco contato com os diretores do clube, contudo era uma proposta nova que ainda na época não sabíamos que ia da tão certo como deu e até hoje nossos salões são lotados.

Hermes - Fomos procurados com essa nova oferta, onde disponibilizávamos o espaço e o consumo de bebidas e comidas era nosso e os ingressos eram dos músicos, nosso contato com as frequentadoras e frequentadores era restrito, porém nos deparamos com muitas mulheres acompanhadas por jovens dançarinos que lotavam o salão e a

diretoria foi muito questionada tanto por outros diretores como por sócios, que “aquilo” era uma “falta de vergonha” um monte de senhoras idosas acompanhada de pessoas mais jovens, outros diziam “aqui é um clube serio de militares” não podem deixar isso acontecer, mas mesmo resistimos era um início de augestão onde precisávamos encontrar formas para além das contribuições feitas pelos sócios e no acompanhar dos bailes percebemos que eram as mesmas frequentadoras antigas porem sem seus maridos muitos já falecidos e agora sendo aproveitada por essa nova forma de se divertir. Todos os frequentadores se comportavam muito bem nos espaços, no início surgiram muitas formas de preconceitos hoje superados, tanto que ainda ofertamos essa modalidade e até hoje temos senhoras idosas que frequentam desde quando fizemos isso pela primeira vez.

Dionísio - Aqui no clube do Náutico, já sabíamos como era o formato e já entendíamos a proposta quando fomos procurados pela primeira vez, muitas das frequentadoras já participavam de atividades em nosso clube, nossa relação com todos e todas foram muito tranquilas, contudo existia muita resistência por parte de alguns sócios e diretores, muito pelo fato de senhoras estarem sendo acompanhadas por jovens que eram dançarinos, aconteceram muitos rumores, críticas e preconceitos, porém era um novo momento que está surgindo, quando os bailes aconteciam gerava muita receita para o clube tanto nos ingressos quanto na venda de bebidas e comidas, não tínhamos como não aceitar e assim recebemos, ficamos durante todo o ano de 2003, depois passamos a ofertar no início de 2019 até os dias de hoje.

Percebe-se nos relatos dos informantes que os espaços são inventados de acordo com o acesso ao poder aquisitivo. Entende-se que a sociedade da época era de extrema valorização do belo e este era ligado à juventude e aos conceitos de “boa família”.

Apesar de estarmos vivendo momentos nos quais os olhares focam o envelhecimento, os idosos ainda não são tratados com a dignidade merecida, independentemente da idade e com os direitos assegurados.

Adiante, descreveremos melhor sobre a percepção da independência e autonomia feminina e a visão das senhoras que dançam sobre o envelhecimento e a dança em sua vida, por isso, foi necessário, primeiro entender o contexto histórico dos bailes, a relação com seus frequentadores, quem eram os agentes sociais que participavam desses bailes, como se organizavam os clubes e o significado dos bailes que eram exclusivamente oferecidos nas tardes de domingo nos principais clubes de Fortaleza.

6.2 Percursos de vida: infância, formação profissional e família

Baseado em uma análise e um bom e rico material empírico, aqui serão delineadas possibilidades de interpretações, sempre disponíveis a correções e revisões, que acreditamos compor formas, experiências de viver a velhice por meio das práticas e vivências sociais por um grupo de senhoras.

Os questionários foram aplicados com o objetivo de coletar dados aprofundados que indicaram quem são essas entrevistadas, suas categorias criadas por elas mesmas, suas identidades, representações, seus percursos de vida, estudos, família, profissão, ocupação e valores até os dias de hoje.

Afrodite – 73 anos

Hoje eu moro no bairro Centro de Fortaleza, cidade mesma que nasci, minha trajetória escolar toda foi na instituição pública de ensino, já na vida adulta, entrei na Universidade Estadual do Ceará –UECE para cursar administração pública, logo após me tornei professora da Universidade Federal do Ceará – UFC, onde passei boa parte da minha vida profissional lecionando, atualmente me encontro como aposentada, sou mãe de um filho e recém viúva onde perdi meu esposo no ano de 2019, meu filho hoje é casado e me trouxe dois netos, que sempre estão me visitando. Moro sozinha tem uma cuidadora para ajudar nas atividades de casa e algumas vezes me acompanha nas aulas de dança em que frequento em uma academia de Fortaleza. Fora essas atividades quando tenho disposição uma vez ou outra bate papo com as amigas na internet ou estou lendo livros de romance em que gosto muito.

Atena – 74 anos

Sou natural de Fortaleza – Ceará, atualmente resido no bairro de Fatima, comecei a estudar em casa com meus pais que eram professores, depois fui para escola particular onde percorri toda minha vida estudantil, entrei na Universidade para estudar Direito, fui morar em João Pessoa na Paraíba durante parte da minha vida profissional concursada pelo Poder Judiciário Estadual da Paraíba e pela Universidade Federal da Paraíba, ministrei aulas até eu me aposentar, seguindo a carreira dos meus pais professores, paralelo esse percurso, casei, tive filhos onde hoje todos estão formados e muito bem de vida por sinal, e só passei a começar a dançar, e frequentar as danças sociais ou seja de salão, quando fiquei viúva, retornei para minha cidade natal e nesse momento eu percebi que muitos ou pelo menos todos os meus compromissos estavam cumpridos na vida, senti um pouco de dificuldade no início devido à falta de vitalidade do corpo, mas por eu sempre gostar de músicas, não ficou tão difícil de acompanhar as aulas de dança nas academias que passei a conhecer por meio das minhas amigas e amigos onde os mesmo me apresentaram a dança de salão e assim resolvi aprender a dançar.

Demeter- 79

Eu nasci na cidade de Fortaleza, onde passei toda minha vida escolar em instituições públicas, estudei no ensino superior na Universidade Estadual do Ceará, cursei pedagogia e letras, casei, tive três filhos e atualmente sou separada, destaco que tive muitas divergências em relação as minhas escolhas de lazer, pois sempre gostei de dançar e não era acompanhada pelo meu ex-companheiro, quando me separei consegui melhorar muito meu estilo de vida saudável, pois encontro na dança parte de sua felicidade e da minha alegria, além dos meus filhos que ainda não me derem nenhum neto, mas que estão sempre se fazendo presentes no meu dia a dia. Ainda leciono em instituições particulares como professora Universitária.

Ártemis – 66 anos

Sou viúva e mãe de dois filhos, nasci na cidade de Fortaleza, hoje já avó de três netos. Resido em um apartamento no bairro do Meireles, além da minha aposentadoria mantenho-me também com a de viúva. Sempre estudei em escola particular de cunho religioso, onde passei toda minha infância sendo incentivada a atividades de arte, a dança já era presente bem antes do meu marido falecer, não gosto de ficar sozinha, tenho a companhia sempre dos meus filhos e netos e das esposas, que sempre que possível aproveito bem quanto estou com eles.

Gaia – 75 anos

Sou, natural de São Luís no Maranhão, onde passei toda minha infância e estudando em escola particular, vim morar em Fortaleza ainda na juventude com meus pais por motivo de trabalho deles, passei e estudar em escola pública onde segui durante todo o restante de sua vida escolar, passei no curso de Medicina na Universidade Federal do Ceará - UFC, logo após entrei no concurso público do Estado do Ceará, onde atuei com a especialidade em pediatria durante mais de trinta anos, nesse percurso profissional cheguei a casar, tive duas filhas que juntas me deram cinco netos. Tenho um personal trainer a mais de 5 anos que me acompanha na musculação e caminhadas na beira mar.

Perséfone – 75 anos

Nasci em Fortaleza, atualmente moro do bairro Centro, em minha vida escolar toda, foi em escola pública, das series iniciais até a universidade onde cursei serviço social, atuei durante toda a minha vida profissional no serviço público e privado, casei muito cedo, mas tão cedo também fiquei viúva e não possui filhos, moro sozinha, mas sempre na minha casa recebo visitas dos meus irmãos, fui a filha mais nova dos meus pais e meus irmãos sempre tem um cuidado comigo até os dias de hoje. A Dança e atividade física são minhas grandes companheiras.

Era – 79 anos

Nascida em Sergipe, e vim para a cidade de Fortaleza na minha adolescência, Estudei durante a minha infância em escolas religiosas e quando cheguei em Fortaleza mais ou menos com 12 a 13 anos de idade passei a estudar em escolas públicas aqui da cidade. Cursei pedagogia na Universidade Estadual, onde passei em um concurso público para trabalhar, casei já com certa idade, mas logo precisei me divorciar. Desse casamento tive dois filhos que estão cursando a Universidade Federal do Ceará e moram comigo, ainda não tenho netos.

Eos – 68 anos

Sou fruto da cidade de Juazeiro do Norte com muito orgulho, conclui o normal pedagógico na época em uma escola religiosa, durante a minha infância desenvolvi muitas as atividades artísticas e culturais como pintura, bordado, crochê, tricô e dançar. Moro sozinha, mas sempre que acompanhada pelas secretarias que me ajudam nas atividades domésticas, importante dizer que estou provisoriamente na companhia de uma netinha enquanto os pais dela estão resolvendo uns problemas em viagem. Moro em apartamento amplo na cidade dos funcionários, viúva recebendo aposentadoria do meu falecido marido que era desembargador do tribunal de justiça, tenho dois filhos e dois netos. Sempre divido seu tempo livre curtindo os netos, minhas aulas de dança particular e minhas idas aos bailes dançantes.

Nesse momento foram apresentados resumidamente os principais pontos durante o percurso de suas vidas, que em suas falas já se percebe uma proximidade em suas histórias, principalmente em relação à maioria estar viúva e/ou divorciada, todas com formação em nível superior, com famílias constituídas entre filhos e netos, ativas, independentes e autônomas que concentram boa parte do seu tempo investindo em dança, seja em escolas ou bailes, na busca por certa felicidade e uma qualidade de vida.

Na próxima subdivisão apresentaremos o percurso de vida e sua aproximação com a dança, a relação do ser feminino e o envelhecimento, aliada à maturidade, por meio dos relatos e conceitos relacionados a esse fenômeno.

6.3 Dança e percurso de vida

Iniciamos essa subseção com a perspectiva de apresentar a relação da dança no percurso de vida das nossas entrevistadas, quais influências, benefícios da prática da dança dessas senhoras dançarinas, perpassando pelas fases da vida até os dias atuais. Começaremos pela infância, depois pela adolescência, vida adulta e terceira idade.

Demeter - Na infância a dança passou a fazer parte da minha vida por meio das apresentações escolares, não perdia uma festa com dança, sempre fui muito ativa desde de cedo nessas atividades artísticas.

Gaia - A Dança em minha infância tenho poucas lembranças, mas as festas juninas escolares e o pastoril é algo bem marcante e que ainda está em minha lembrança, essas atividades vividas tanto na escola na vida religiosa acompanhadas dos meus pais

Perséfone - A dança faz parte da minha vida desde minha infância, sendo a mais nova da família meus irmãos gostavam muito de dançar e faziam festas familiares como chamavam (tertúlias) nessa época já com quase seis anos sempre estava entre eles olhando e admirando, uma vez ou outra me pegavam até para dançar, fui gostando a cada vez mais daqueles momentos e me aproximando mais ainda da dança, na escola com festas juninas, já desde pequena já era conhecida como “pé de valsa” não podia ter dança que estava perto ou participando.

Era- Desde que me entendo de gente que tenho lembranças das minhas participações com a dança nas festividades escolares, não perdia uma, participava de todas, gostava muito das festas religiosas no meu bairro e das festas que a comunidade preparava.

Eos - Participei de festas juninas, festas religiosas e escolares além de que sempre que tinha festa no sitio de amigos estava presente, sempre fui uma garota muito comunicativa e que gostava de dançar.

Diante das falas apresentadas, observamos que a dança fez parte da infância de parte das entrevistadas, seja pelo contexto escolar, pelo contexto familiar ou até mesmo pelas danças folclóricas, religiosas e festas com datas comemorativas e realizadas na comunidade.

Baseados nas primeiras manifestações da dança na vida de um ser humano, compreendemos que o corpo pode ser um importante instrumento de comunicação entre a criança com o meio. Para Richeter (2006) esse mesmo corpo não é neutro, mas se nutre das relações culturais e pessoais, desenvolvendo na criança seu principal instrumento, que é o diálogo com o mundo social, construindo e possibilitando uma aproximação cultural para uma evolução de pensamentos.

O corpo se move segundo um ritmo pessoal, mas em geral com crianças, escolhemos uma música ou acompanhamento rítmico externo para desenvolver o trabalho. Dessa maneira, podemos acentuar os componentes rítmicos do movimento corporal, possibilitando a descoberta da fusão entre o ritmo interno e externo, por meio da experimentação corpórea (GODOY, 2003, p. 123).

Diante das citações, é percebido que resta oportunizar a criança dançar durante sua infância, bem como em todas as fases da vida e que durante a fase escolar o professor possibilite essa prática. Para tanto, desenvolver e possibilitar essas práticas lúdicas corporais produzindo significados, seja pela comunicação com as outras demais crianças, seja pela improvisação, intuição, sem passos previamente estipulados pelo professor. Isso facilita o processo de criação e independência corporal da criança dando a ela uma liberdade de expressão.

Como descrito aqui pelas entrevistadas que a escola foi o começo desse contato, é importante destacar que dança na educação tem sido assunto de pesquisas com muita relevância, a exemplo do estudo de Saraiva Kunz (2003, p. 383) sobre a improvisação da dança durante a infância nas aulas de educação física escolar:

A improvisação em dança significa criar movimentos não treinados, espontâneos e sem preparação prévia dos mesmos, mas que carregam sentido a partir da iniciativa própria de cada pessoa. Nesse sentido, improvisar, além de ser um conteúdo da dança, é conteúdo de movimento, proposto na sua significação, pois depende de uma inspiração momentânea e, por isso, dependendo do nível da aprendizagem, os movimentos nem sempre são reproduzíveis.

Destacamos nesta pesquisa que o uso do termo improvisação está relacionado como parte de uma metodologia do ensino da dança. A descrição acima é a partir de uma possibilidade metodológica usada pelo professor para a dança na educação infantil, mesmo que tenhamos a compreensão de que a improvisação pode ser usada no instante da execução.

Por outro lado, parte de nossas entrevistadas apresentou não lembrar ou mesmo não ter tido contato com a dança no período de sua infância, seja pela falta de prática disponibilizada na escola, seja pela pouca motivação de participar, como podemos observar nos relatos a seguir:

Afrodite - A dança na infância não foi muito frequentada por mim, era sempre muito tímida e não gostava muito de participar das atividades com dança, não recordo de nada nesse período, nunca estava ou não participava.

Atenas - Nenhum valor familiar em relação à dança, quer na infância quer na adolescência, muito pelo contrário era "pecado" pela mãe extremamente religiosa. As apresentações nas escolas, festas religiosas e/ou juninas só envolviam declamação, teatro, nunca dança.

Artêmis - Poucas lembranças tenho de minha participação com dança, a escola pouco se organizava para momentos como esse, lembro-me de uma valsa dançada no fim da alfabetização e algumas atividades recreativas com música, mas com aspectos mais para a ginástica do que para a dança.

Pelas respostas apresentadas acima, entende-se que tanto a família como a escola não possibilitaram que a criança pudesse ter essa prática na infância.

Inúmeras podem ser as possibilidades da não oferta ou da falta da dança na infância da criança em se tratando de ambiente escolar e, conseqüentemente, pode ser o motivo pelo qual as senhoras desta pesquisa apresentaram a falta de contato com essa arte nos períodos iniciais de sua vida.

Diversos autores apontam motivos pelos quais a dança tem dificuldade de ser apresentada pelo profissional da área na escola. Porcher (1982) relata que está relacionado ao valor secundário atribuído pela escola como algo artístico e não pedagógico; Marques (1990) afirma que pode ser pela incompreensão do ensino da dança como área de conhecimento; Miranda (1994) já acredita ser pela falta de planejamento das aulas na escola, colocando o conteúdo dança como não prioridade nas aulas; Pacheco (1999) chama a atenção para as questões de gênero, conseqüentemente, de preconceito com esse conteúdo; Gaspari (2005) acredita ser pela pouca formação que o profissional tem para o desenvolvimento dessa prática na escola, onde muitas vezes a predominância da atividade esportiva é o foco nas aulas e no trabalho corporal usado na escola.

É importante ressaltar que o antigo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), bem como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC são documentos que fornecem subsídios para o ensino da dança ser aplicado na escola. Nestes documentos, tanto a Educação Física quanto a Arte podem oferecer esse conteúdo contemplando as crianças a possibilidade dessa prática corporal com qualidade no ambiente escolar. Tanto os PCN quanto a BNCC afirmam que o ensino de Dança na escola deve ser de responsabilidade do professor de Educação Física ou do professor de Artes.

Para além dos aspectos escolares, aqui apresentados como possibilidade de oferta de dança durante a infância, entende-se que a família pode incentivar de outras formas, para além da oferta da escola, para que, assim, a prática pudesse ser vivida e incentivada desde a infância, ocasionando possibilidades de vivenciar essa arte em todas as fases da vida.

Na adolescência, outra fase importante da vida, a dança pode estar presente em práticas escolares ou mesmo fora da escola. Nesse sentido, algumas de nossas pesquisadas apresentaram continuidade da prática da dança na juventude, em festas dançantes escolares e familiares, com significados importantes nessa fase da vida.

Demeter - Na juventude eu era carta carimbada nas discotecas e nas tertúlias sempre acompanhadas de amigas que tinha no meu bairro, muitas vezes fugidas dos meus pais, mas tentava não perder nenhuma porque amava aqueles momentos de alegria proporcionados pela dança.

Ártemis - Juventude foi um momento de boas lembranças, marcada pelas idas aos

bailes de dança, com belos vestidos, muitas vezes acompanhada dos meus pais, mas momentos que me marcaram pela relação social e as amizades construídas naquela época.

Perséfone - Na juventude surgiu uma paixão pelo ballet Clássico, onde fiz aulas que foi de suma importância para muitos aprendizados como a postura que foi muito importante pra mim. Frequentei muitos bailes, festas e tertúlias, tanto em bailes como em residências.

Era- Na juventude cheguei a fazer aulas de ballet, dançava ainda na escola, quando me mudei para Fortaleza passei a frequentar com meus pais os bailes nos clubes sociais, que sempre fazia amizades novas como meninas na época, que também gostavam da dança e me lembro de que me divertia muito nos bailes dançantes.

Eos - A dança foi uma consequência da música na minha juventude, estudei piano e adorava músicas francesas e Italianas, foi quando surgiu na década de 70 a vontade de dançar nos bailes, discotecas.

Como se observa, a dança teve importância em suas vidas na fase da juventude, seja por meio de aulas ou por frequentar bailes e festas da época, muitas vezes oferecidas por clubes sociais, e que hoje, mesmo como idosas, retornam ao ambiente pela dança, mas com outras perspectivas modernas e diferentes do passado. A música também foi um elemento apresentado que influenciou uma informante a se dedicar a dança.

Segunda Silva (2015), os adolescentes partem de uma sensibilização relacionada à confiança e autoestima, além de questões fisiológicas e comportamentais. Nesse sentido, Dias e Pereira (2016) mostram a importância da dança na juventude para a valorização do eu e diminuição da vulnerabilidade relacionada a aspectos psicossociais.

Referente à música, variável diferente apresentada pelas demais respostas das senhoras dançarinas, Deustsch (1997) informa que tanto a música ouvida quanto à movimentação realizada durante a dança têm o poder de influenciar psicologicamente os indivíduos, principalmente referente à comunicação não verbalizada, podendo até modificar seu estado de ânimo e afetivo.

Com isso, entende-se que seja na escola ou em grupos particulares, familiares, clubes, academias, escolas ou universidades, a dança pode interferir em muitas características relacionadas à personalidade de quem a prática, inclusive, nas suas emoções.

A dança de maneira geral e especial as de salão tem a finalidade também de aproximar as pessoas em sintonia direta com suas novas emoções, consequência do contato corporal com pessoas do sexo oposto durante a dança. Geralmente os objetivos do ser humano na vida é dominar a arte do relacionamento, importante na infância, juventude, vida adulta. A dança de salão, na escola ou fora dela, pode ajudar o jovem a enfrentar os problemas do relacionar-se, pois desafia suas aptidões físicas na procura de harmonia com a outra pessoa e o coloca em contato com a sensação e comunicação corporais, muito sutis e profundas nessa idade (VOLP, 1994, p. 234).

A prática da dança como aspecto importante nas atividades durante as fases da vida pode proporcionar um adulto com uma melhor capacidade de sociabilização. Da mesma forma, a ausência dessa atividade pode gerar frustração como o passar do tempo, pelo fato de não ter vivenciado a dança nas primeiras fases da vida, como aconteceu com três de nossas informantes, quando afirmam não ter tido essa oportunidade.

Gaia - Durante a minha juventude a dança teve momentos com pouca frequência, porém vividos em festas em tertúlias e festas familiares em datas comemorativas ou final de atividade escolar comemoradas com bailes que geralmente tinha música e dança, foram momentos pontuais em que mal pude estar como gostaria que estivesse, me arrependo muito de não ter dito mais oportunidades, só agora pude aproveitar mais essa arte de dançar.

Afrodite - Na juventude não mudou muito do que vivi na infância, raramente estava em ambientes com dança, as vezes precisava participar por questões escolares, mas meus pais não me obrigava muito sempre me deram a liberdade para querer ou não participar, contudo não fui muito incentivada, muito tímida, ficado com medo de participar e hoje eu vejo o tempo que perdi, por não ter vivido com mais intensidade..

Atenas - Um único Baile - festa de conclusão do Curso Ginásial, aos 16 anos, arremedando uma valsa com um Senhor amigo da família (casado com a irmã do meu cunhado). Festas sociais e tertúlias foram raras e sempre levadas por uma família amiga e de plena confiança de minha mãe (mas sem esta tomar conhecimento), então ficava com muito medo de ser descoberta e não aproveitava os poucos momentos que aparecia na época, acho que por isso que hoje eu dança muito para compensar o tempo que não pude.

Percebemos nas falas acima que hoje, por serem mulheres independentes e aproveitarem mais a dança como podem, conseguem pensar e lembrar o pouco que puderam participar da dança quando jovens. Quando recordam do passado, logo aproveitam para dizer que hoje na velhice dançam mais para poder aproveitar o tempo que passou.

Mesmo com o sentimento de não poder ter aproveitado o passado com a prática da dança em algumas fases da vida, Miranda (2011, p. 14) traz como necessário

Fazer a incorporações de atitudes proativas à prática cotidiana, de modo que, ao olharmos para o passado ou até mesmo aos problemas, consigamos ver no presente oportunidade e possibilidades; de forma a não esgotarmos nossas energias focando unicamente ao que passou, mas direcionarmos nossos esforços também para as oportunidades do presente.

Logo, entende-se que a promoção de atividades psíquicas e socioeducativas na fase da adolescência pode ser essencial para a prevenção e atenção integral do ser humano. Qualquer que seja a atividade, no caso aqui a dança como ferramenta de transformação social, passa também a ser fundamental a liberdade de expressão, por meio de suas práticas, vivências e dificuldades.

A fase adulta é outro período importante no percurso da vida, pelas obrigações que aumentam ou mesmo as funções sociais, obrigações familiares e profissionais. Sobre essa fase perguntamos às nossas participantes se elas deram continuidade à dança, para as que já praticavam na juventude ou se a maturidade propiciou a sua prática de uma forma mais ativa, para as que não tiveram muito contato no passado.

A minoria das entrevistadas pôde frequentar mais ativamente na fase adulta, inclusive diretamente nos clubes sociais.

Afrodite - No início da vida adulta, comecei a me aproximar de danças folclóricas e bailes dançantes já na companhia do meu marido, ele gostava muito de dançar e fui começando a gostar também e ficar mais frequente, festas juninas eram minhas prediletas sempre estava nas quadrilhas improvisadas montadas nas festas em que íamos.

Atena - Já aprovada em concurso público e com mais de 21 anos frequentei festas dançantes e bailes com orquestra no então Clube dos Diários com o namorado que veio a se tornar meu marido.

Demeter - A dança na vida adulta sempre ia nos bailes dançantes da época, eram bailes temáticos que as vezes meus pais me levavam quando eu era jovem também, as danças regionais sempre foi meu maior gosto pela dança e o motivo de sempre está frequentando.

Eos - Na vida adulta estava em constante transição entre a capital com danças nas boates e nas tertúlias e quando estava no interior participando de danças, juninas e grupos folclóricos.

Assim, como descrito por nossas informantes, oportunidades apareceram na fase adulta que fizeram com que elas participassem ativamente da prática da dança, seja acompanhada com o marido ou mesmo com familiares. Os clubes sociais, nesse momento, aparecem como oportunidade de praticarem a dança de uma forma segura e agradável de frequentar. As danças mais folclórica, regionais e as de salão se apresentaram como um importante motivo para a busca dessa prática dançante.

A dança de maneira geral e a de salão especificamente estão ligada e dialoga com a sociedade em que é praticada, e faz isso dentro de um intervalo da vida cotidiana, porém, não deixa de ser uma parte integrante da vida em geral. Tanto para as aulas quanto para os bailes, é requerido um lugar específico. A própria origem do nome “dança de salão” se refere a uma dança que é impreterivelmente praticada em um “salão” (TONIAL, 2011, p. 32).

As danças nos bailes muitas vezes eram vistas e usadas como uma prática lúdica e de lazer, com finalidade de diversão e não necessariamente de performance dançante. Muitas senhoras frequentam com o objetivo de se socializar, repor energias, combater o estresse e se

movimentar. No caso das nossas informantes, elas revelam que na vida adulta não tinham as pretensões como hoje, essa prática era vivida por meio da dança com finalidade de ir acompanhada ou promover encontros, bem como se divertir por meio do prazer que a dança ali apresentava.

Metade das informantes não apresentou respostas positivas para a continuidade desse contato com a dança. Algumas tiveram que se afastar um pouco devido as obrigações familiares e profissionais que não as permitiam a prática da dança de forma mais ativa na fase adulta.

Eos - Quando fui chegando a vida adulta, me afastei um pouco dessas diversões, me casei e me afastei muito devido ele não gostar muito de dançar e ao tempo proibir que eu pudesse continuar dançando, nunca quis brigar por esses motivo e quando assunto via sempre me calava, confesso que perdi muito tempo da minha vida deixando de viver o que gostava, por casa das decisões dele sobre mim, ai veio filhos e foi ficando mais difícil de voltar a dançar.

Perséfone - Na vida adulta não tinha muito conhecimento das academias de dança de salão não, sempre quis continuar fazendo aulas, mas não sabia da existência de nenhuma, comecei a frequentar pela primeira vez quando, certo dia passeando no shopping escutei uma bela música e quando fui ver era aulas gratuitas oferecidas pelos shoppings, aos poucos fui me aproximando e frequentando essas aulas até conseguir aproximar da academia e das festas promovidas pela academia, foi a melhor coisa que conheci na minha vida.

Gaia - Na vida adulta devido ao trabalho intenso e início da vida familiar a dança apareceu em momentos pontuais com bailes em casais e amigos e festas com datas comemorativas que era convidada.

Artêmis - Pouco vivenciei a dança na vida adulta, mas sempre que podia estava em festas com amigos que geralmente tinha música e dança, a região que morava na época não tinha muito a cultura das festas frequentes, mas sempre que acontecia arrumava um tempo para poder participar.

Como já apresentado e diferente das demais questionadas sobre a participação da dança na vida adulta, parte dessas entrevistadas não pôde praticar a dança por muitos motivos, sendo os principais o trabalho, as questões familiares, seja pelos filhos ou pelo companheiro que não gostava de ir para esses momentos dançantes. Perséfone observou a dança sendo praticada fora do ambiente que era considerado comum para essa prática, no shopping e assim pôde se aproximar dessa prática. Artêmis também, mesmo com a correria do trabalho, quando podia ia uma vez ou outra. Ambas enfrentaram dificuldades diversas, mas quando conseguiam vencê-las, se esforçaram para não deixar de dançar.

Especificamente, uma das informantes traz em sua resposta que o marido muitas vezes não permitia que ela entrasse nos ambientes que ofereciam dança. Mesmo não sendo a maioria das respostas com essas características, é importante destacar a independência e

autonomia alcançadas por meio da dança, e que relatos como esse fazem parte de resquícios machistas que são trazidos por meio das estatísticas descritas por Melo (2002, p. 19), quando afirma:

O século XIX, segundo a visão de alguns historiadores, foi insistentemente tratado como sendo o século de esposas sexualmente anestesiadas, obedientes, dedicadas; vida doméstica e educação dos filhos; e de maridos de classe média promíscuos, na busca de prostíbulo ou de depravação com outras mulheres e que também mantinham amantes.

O fato é que as meninas são educadas por mulheres e, desse modo, acabam por reproduzir o comportamento e as regras de conduta de uma época quando adultas. Beauvoir (1970) diz que a menina é estimulada por outras mulheres a valorizar a beleza física e a entender que a feminilidade está ligada à passividade. Exemplo disso é o relato da informante Era, quando diz não gostar de discutir com o marido e que preferia ficar calada, como foi descrito acima.

Seguindo esse diálogo dos benefícios da dança para as diferentes fases da vida com a análise das respostas das participantes da pesquisa, chegamos ao período da meia idade e do início da terceira idade, onde vamos perceber aspectos e características que facilitaram esse contato com mais frequência com a dança, a fim de ser um estilo de vida pelas inúmeras vivências, o sentimento de liberdade, independência e autonomia. Todas as nossas informantes relataram uma participação maior e um contato mais próximo e contínuo com a dança nessa fase da vida, como descritos abaixo:

Eos - Já na meia idade e no envelhecimento virou meu Hobby frequentar festas e bailes dançantes, antes desse período pandêmico sempre estava acompanhado do meu dançarino, principalmente nas festas nas tardes de domingo que são bem divertidas. Fato que no passado não tive muita liberdade para fazer, hoje não deixo por nada e nem por ninguém esse momento que tenho de muita felicidade.

Afrodite - Posso afirmar que na meia idade e no início do envelhecimento que costumo dizer que tudo começou ficar mais sério meu gosto pela dança, já com menos obrigações profissionais e o filho bem encaminhado na vida, minha dedicação e a ida as festas noturnas e diurnas ficou mais frequente acompanhada de aulas e idas a escolas de dança e aos bailes. Essa de ser só vovó ficou para trás, gosto de ser mais porque amo meus netos mas a prioridade hoje é a dança.

Ártemis - A dança a partir da meia idade e o envelhecimento já foi bem mais marcante nesse percurso, mesmo acreditando que a dança é para todas as idades, já se aproximando do envelhecimento fica mais gostoso e atraente esses momentos, muito devido da diminuição das obrigações e responsabilidades familiares, ou certas proibições advindas da família. A independência e a autonomia que conquisei nessa fase da vida me ajudou muito nas minhas escolhas. Sempre dancei um pouco de tudo, mas minha paixão é o tango tenho o sonho de ir à Argentina e em março de 2020 quase que realizo quando fui surpreendida com o início da pandemia no mundo.

Gaia - O grande marco temporal da dança em minha vida se deu a partir da meia idade e o envelhecimento quando conheci aulas de dança de salão e os bailes com propostas de poder contratar alguém para dançar comigo, antes era um pouco difícil devido às funções e as obrigações familiares, mas ai fu percebendo que tinha que começar a ser mais independente e tomar melhor minhas decisões em prol de minha felicidade, então passei a frequentar mais os bailes sempre com duas amigas em minha companhia essa vivência foi crescendo a cada dia até os dias de hoje.

Perséfone - Já aproximando da meia idade e do envelhecimento, só fez aumentar minha frequência nas academias com aulas e nos bailes diurnos e noturnos, danço todos os ritmos quase que todos os dias, mas ultimamente me apaixonei mais pelo tango onde atualmente também frequento muitas milongas e bailes de todas as danças.

Analisando as falas descritas encontramos certo entusiasmo quando falam sobre esse contato com a dança na meia idade e início da fase do envelhecimento; os bailes são citados como uma atividade frequente, a seletividade por determinadas danças, que muitas vezes se dá pela diversidade em que se pratica a dança de salão, a consciência de o ser avó é bom, mas não é a única coisa que pode ser feita na fase do envelhecimento, a presença de dançarinos e acompanhantes, para que possam ter uma autonomia sobre a dança e não depender de convites para dançar nos bailes e a descobertas de viajar para outros lugares pelo motivo da dança. Todos esses aspectos se mostram importantes nessa fase da vida, não só pelas descobertas que a dança vai proporcionando, mas pelo poder de escolha, sem precisar questionar ou depender de alguém para fazê-la.

Pelos relatos podemos afirmar que, mesmo não sendo o eixo principal dessa pesquisa, encontramos certa autogestão da velhice, e para aprofundar nesse assunto seria necessário comparar as modificações relacionadas ao seio familiar com esses novos modelos de envelhecer. Por isso, é importante a reflexão dos benefícios que essa dança proporcionou para essas senhoras, por destacarem com tanta ênfase essa relação da dança com a felicidade, a independência e autonomia delas mesmo.

O propósito de tratar o envelhecimento como processo e fazendo essa relação com a dança nessa fase da vida, desperta uma possibilidade de desenvolvimento mediante as modificações culturais e sociais da forma de pensar e gerenciar as experiências do dia-a-dia no percurso da vida, assim percebemos que nem todas as experiências vividas são da mesma maneira (PEIXOTO, 2004, p. 19).

Diante da citação e em comparação com as falas das participantes, percebe-se na passagem da meia idade para a terceira idade não sendo uma regra, pois todas vivem de maneira diferente, contudo, os sinais de independência e autonomia são semelhantes, ocasionadas pelas escolhas de dançar, frequentar os bailes e poder ter o direito de levar seu próprio dançarino para não depender de ninguém para dançar e que essas escolhas nos levam a compreender que esse

processo pode ser considerado amadurecimento ou mesmo maturidade, como pode ser percebido nas entrevistas a seguir:

Atena - A partir da meia idade (marido e filhos) tivemos raros momentos de dança, talvez em casa em ocasião descontraída. Só que chegando ao envelhecimento que pude me oportunizar e me dedicar mais as atividades de dança como faço hoje, sinto que cheguei um pouco tarde, mas em tempo suficiente para aproveitar todos os momentos que não pude aproveitar ao longo da minha vida. Sinto-me hoje mais livre, ao tempo que me considero mais madura para tomada de minhas decisões.

Demeter - Já na meia idade e no envelhecimento não mudou muito os ambientes pois continuo frequentando os bailes nos clubes sociais, antes no que era sócia, hoje em todos que oferecem bailes dançantes seja de dia seja de noite, passei a frequentar muito mais do que a vida adulta. Tem momentos na vida como esse momento atual que nos sentimos mais livres para sermos felizes, e eu sei que isso me faz bem acredito ser reflexo de minha maturidade conquistada pela minha independência.

Era- Já chegando da meia idade que me reencontrei, fruto de minha maturidade, que me levou a decidir em me divorciar e assim consegui voltar para a dança que é o que mais gosto nessa vida, conheci academias de dança e os bailes que pude reviver alguns momentos da minha vida do passado, agora em outro formato contratando uma pessoa para ficar a minha disposição para dançar e não depender de ninguém para me divertir, movimentar e ficar feliz.

Em razão das respostas aqui apresentadas, analisamos que as participantes se percebem mais maduras na terceira idade; essa maturidade como processo é importante na discussão desta tese.

A dança é uma dessas escolhas feitas por elas mediante as adversidades encontradas do passado e que hoje, em novo momento da vida, com mais experiências, autonomia e independência optam por praticar.

As fases da vida não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica. Os períodos da vida se configuram como um processo biológico, mas que é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades, e a maturidade é uma forma de perceber esses avanços aliados a uma consciência crítica da vida e que facilita no poder das suas decisões, assim afirma (FALCÃO; SARAIVA, 2007, p. 55).

Ainda diante dos sentidos que a maturidade ocasiona na fase do envelhecimento, percebemos autonomia no ato dessas senhoras, uma vez que não precisarem mais competir com mais ninguém, tudo o que foi conquistado até o momento na sua vida ninguém mais opina, mexe ou lhes tira, o espaço já é delas, fruto da conquista de sua independência, considerada tardia por parte delas, mas compensador por terem ao menos conseguido conquistar.

6.4 Dança de salão, seus benefícios e contribuições na vida social de quem a pratica

Nesta subseção referente às contribuições e benefícios advindos da prática da dança de salão para as senhoras dançantes, traremos, por meio de suas falas, motivos, consequências, conquistas, perseverança, relação social, valorização pessoal, lazer e autoestima como principais variáveis, relacionados à prática dançante.

Demeter - A dança me ensinou estar mais alegre e de bem com a vida, contribuiu na diminuição da minha timidez, melhorou meu humor quando estou dançando, sem falar nas contribuições sadias que a dança traz para o corpo e a mente.

Afrodite - Principais benefícios que a dança me trouxe foi minha valorização pessoal e os benefícios físicos ganhei mais coordenação e equilíbrio, para continuar dançando e fazendo aulas, contribuiu para melhorar minha timidez e minha boa relação com meu marido que sempre me acompanhou e juntos até os últimos dias de sua vida dançávamos.

Era - São muitos os benefícios e contribuições eu tive com a dança ao longo da minha vida até os dias de hoje, melhorei a forma de me vestir, hoje tenho a dança como um lazer que me faz bem, me sinto mais valorizada porque dança e porque sou independente, melhorei até nas relações com meus filhos e com amigos que aprendi a fazer nas minhas relações sociais por causa da dança.

Referente às falas citadas acima, percebemos que autoestima e diminuição da timidez foram benefícios adquiridos e conquistados por essas mulheres por meio da prática da dança de salão. Assim, entende-se que a dança de salão não se restringe apenas em aprender passos e movimentos ritmados. O cenário da dança, por trazer uma série de gêneros diferentes de dança e uma convivência contínua de novos aprendizados, propicia e traz novos incentivos para uma continuidade nesta prática, bem como os relacionamentos interpessoais que se proporcionam e assim com eles benefícios como os citados por nossas entrevistadas.

Para Fonseca (2008, p. 11), “Dançar desperta emoções positivas, prazer e socialização. São esses fatores que motivam o indivíduo a dançar e os mantém empenhados na atividade”. A autora considera que para além dos benefícios na melhora da condição física e do aprendizado relacionado à performance em execução de movimentos dançantes, o que promove a permanência nas aulas e a busca constante dessa atividade é justamente a sociabilização. “A dança de salão proporciona contato com o próprio corpo e com o corpo do parceiro permitindo que ambos vivenciem diferentes estímulos sensório-motores (*sic*) no espaço e no tempo” (FONSECA, 2008, p. 11).

Essa relação difere de outras formas de se dançar a dois ao se caracterizar, obrigatoriamente, por uma díade formada por indivíduos de sexos opostos, por ter

como modelo o casal heterossexual. Apoiando-se nesse modelo, a dança de salão reproduz ideais relacionados ao amor romântico (MASSENA, 2006, p. 90).

Ainda considerando as falas aqui citadas, entende-se que aprender a dançar contribui também como uma atividade de demonstração ou mesmo de exibição, da qual se extrai a satisfação e o prazer de ser observado e admirado durante a prática dançante em público. Essa relação muitas vezes justifica momentos duradouros e desgastantes de inúmeras aulas de dança. Isso explica também por que as pessoas vão às aulas, aos bailes nas academias, aos clubes sociais, e pagam por elas, se colocam em uma relação inicial de possíveis desconfortos frente a uma pessoa que não conhece, várias vezes se for o caso.

Atena – Benefícios... posso dizer quase tudo, um círculo de amigas maravilhosas; parceiros de dança respeitosos sejam os contratados (ficheiros) sejam os voluntários; mais saúde; mais leveza, mais concentração; libertação do corpo e da alma; prazer em me produzir e me vestir bem, enfim me sentir mais viva! Diante das contribuições também posso citar diversas, como já não tinha mais prestação de contas com o casamento e os filhos criados e independentes que sempre me apoiaram, os amigos que me incentivaram, as dificuldades enfrentadas foram apenas em relação ao corpo já com 70 anos e sem muita mais flexibilidade, retardando bem mais que os/as jovens a aquisição de uma memória corporal. Na musicalidade não tive problemas pois sempre gostei muito de música e tive um bom ouvido o que ajuda na marcação dos passos do tango, mas por uma questão de tensão muscular e de timidez que ainda espero superar sinto dificuldades com a leveza e postura do "abraço" Até o final de 2019 (sem a pandemia) tivemos muitas Milongas (denominação dada ao baile de tango) excepcionais, muitos encontros, muitos shows e dancei muito mesmo!

Eos - A dança me trouxe muitos benefícios e contribuições ao longo da minha vida o principal deles foram as amigas que conquistei com a dança e minha autoestima, principalmente nesse período do envelhecimento que a gente as vezes se ver mais cansada da vida e só a dança faz de mim um pessoa melhor hoje, além de ser um exercício físico e mental.

Perséfone - A dança me trouxe muitos benefícios e contribuições, principalmente quando aumentei a frequência de participação neles, me senti mais leve, com mais equilíbrio, flexibilidade, aumentou meu ciclo de amigas, deixei de ser tímida, a dança é muito bom para a alma, mente e espírito, fico mais alegre, melhora tudo e o bom está no alcance de todos e todas. Você pode começar a qualquer hora sem distinção de sexo, cor e idade me ajudou muito a melhorar minha autoestima.

Ártemis - A dança me ensinou a ter uma valorização melhor da minha vida e me ensinou a ser uma pessoa melhor. Os benefícios foram muitos dentre eles os amigos que fiz nos bailes, e um que destaco bastante como legado da dança em minha vida, foi a autoestima devido ter ficado mais vaidosa, mais bonita, mais amorosa, com o próximo, dei uma grande melhorada na minha alma.

Gaia - A dança é uma atividade prazerosa, aeróbica com coordenação motora e um excelente reforço da memória, com leveza nos passos e graciosidade nos gestos, sociabiliza bastante, melhora a timidez tudo isso nesse tempo que dancei a dança me ensinou e me ajudou a ser uma pessoa melhor.

Nas falas de nossas entrevistadas, outros benefícios se apresentaram com variáveis importantes na evolução delas, por meio da prática da dança de salão: o aumento do ciclo de

amizades, vaidade, capacidades físicas, como flexibilidade, leveza nos movimentos diários e equilíbrio. Fatores físicos, psicológicos e sociais são percebidos como um dos maiores benefícios e contribuições para essas senhoras dançantes.

Corroborando com as falas antes aqui apresentadas, Caldas (1999) aponta que a dança de salão, vista como propósito de atividade física, pode melhorar e até mesmo garantir a independência funcional do indivíduo, melhorar a sustentação muscular, aquisição do equilíbrio e sustentação corporal, melhor resistência aeróbica, conseqüentemente, modificação no estilo de vida saudável e aprimoramento da sua qualidade de vida.

Percebe-se também a partir das falas das entrevistadas que a dança de salão é uma atividade importante e considerável para a contribuição da autonomia e da independência de pessoas idosas, para a manutenção de uma vida ativa e participativa socialmente.

As etapas do envelhecimento é um processo na vida com perdas e ganhos em diversas áreas de qualquer atividade física, por exemplo, a dança de salão, pode ser um mecanismo de contribuição para o equilíbrio ou minimizar o impacto dessas perdas biológicas e maximizar os ganhos psicológicos e sociais desta etapa. O estilo de vida saudável e ativo deve ser visto como uma forma de parar o círculo vicioso do avanço da idade, sedentarismo, doenças e incapacidade. O importante é manter o movimento como parte constante do dia-a-dia das pessoas, pois, o sedentarismo é a condenação a uma vida mais curta e com menos felicidade, dignidade e qualidade (MATSUDO, 2001, p. 89).

Portanto, compreende-se que a prática da dança de salão contribui em diferentes frentes em algo considerável, como a mudança e melhoria do humor, a sensação de relaxamento e de bem-estar, conseqüentemente, diminui reflexos depressivos, como resultado positivo advindos das aulas de dança de salão que geralmente acontece em grupo, facilitando a interação e o fortalecimento de novas amizades, superando limites sociais, psicológicos e físicos.

6.5 Independência: minhas conquistas, minhas escolhas e minha felicidade

A questão que norteia esse excerto é saber quais os desafios enfrentados na prática da dança, seja na academia, no baile ou na companhia de um dançarino. As respostas dessa pergunta podem nos levar ao entendimento das possíveis mudanças no olhar para o feminino e para o envelhecimento com o alcance da independência.

Atenas - Considero ser bem aceita pelas minhas decisões, amigos e familiares me deram uma maior força para começar na dança e ir aos bailes, uma vez ou outra sou questionada pelo fato de ser acompanhada por um dançarino, mas particularmente não sou muito de da respostas e nem satisfação, pra mim o que

me importa é a minha felicidade. Quanto aos familiares, nunca houve resistência, pelo contrário os familiares me têm como dançarina da família.

Artêmis - meus filhos nunca opinam em minhas decisões principalmente em relação ao lazer que foi escolhido por mim e que me faz bem. Um dos meus filhos ainda mora comigo uma vez ou outra comenta algo negativo e sou bem sincera que não permito, principalmente morando dentro do meu próprio teto, as vezes prefiro pensar que é por preocupação e cuidado, e não deixo de contratar meu dançarino por nada.

Gaia - As minhas filhas nunca intervirem nas minhas escolhas, tenho um apoio delas, porém sempre deixo claro que sou independente e eu faço as minhas escolhas de lazer e que está para além das intervenções familiares, mas eu sei que uma amiga e outro familiar me criticam saindo com uma pessoa que é dançarino mais jovem, eles não entendem que isso é uma forma de trabalho e não tenho muita paciência para explicar e nem perder meu tempo nesse discurso de entendimento, vou e faço e quem achar ruim que se vire.

Era - Não tenho interferência dos filhos, pois já estão bem criados e assumindo suas próprias responsabilidades, sempre aconselham para que possa aproveitar melhor a vida, no começo foi difícil fazer eles entenderem, hoje meu dançarino é até amigo das pessoas da minha família, o fato de sair com alguém mais jovem foi a maior dificuldade de fazer as pessoas entenderem, depois eu vi que não precisava fazer ninguém entender, o que vale é eu entender e saber o que estou fazendo apenas.

Segundo as descrições citadas acima, percebe-se que os filhos, amigos e parentes pouco opinam nas decisões relacionadas às idas para os bailes e sobre a relação com os acompanhantes; boa parte até apoia e aconselha essas escolhas, reconhecendo que a atividade transforma a praticante numa pessoa mais alegre, algumas dessas senhoras passam a ser consideradas “a alegria da casa” ou “a dançarina da família”. Acreditamos que o apoio da família encoraja cada vez mais as senhoras dançantes, ajudando em seu processo de independência e de autonomia em sua relação com as diversas ações da vida.

Sobre o aspecto família, Dias e Reinheimer (2013) contribuem quando destacam a importância da formação da família, sendo boa parte das vezes constituída por indivíduos unidos por meio de afeto, que vivem no mesmo ambiente, gerando ações de cuidado, atenção, proteção e intimidade, sendo esses aspectos importantes no contexto em que vivem, gerando harmonia durante as fases da vida. Azevedo e Modesto (2016) acrescentam dizendo que com a pessoa idosa não é muito diferente, o papel da família no processo de envelhecimento é fundamental; mesmo que o idoso não dependa de sua família, nas escolhas da vida, nem nas atividades diárias, o apoio, conforto e o incentivo dos demais membros familiares podem interferir consideravelmente nos aspectos psicológicos e sociais das idosas e dos idosos.

Afrodite - Assim, nem meu recente falecido marido nem meu filho e nem ninguém da minha família interfere nas minhas decisões, no começo meu falecido marido até tentou, mas aos poucos fui mostrando que não funcionava como ele imaginava, até sei que falam mal de mim, mas eu não me importo sou

independente e não devo satisfação a ninguém principalmente em relação a minha companhia ao dançarino que eu contrato, ele sempre veio as confraternizações familiares, realizados por mim e pela minha família.

Demeter - Os meus filhos uma vez ou outra fazem algumas intervenções de preocupação aqui na minha casa, mas sempre deixo claro para eles, que a dança é o que eu mais gosto de fazer e que preciso aproveitar o tempo em que perdi, portanto não permito que falem ou mesmo tenham dúvidas sobre minhas escolhas, sou independente e eles meus filhos já estão todos criados e se alto sustentam então não tem o porquê falarem. Destaco também que a dança transformou minha vida e foi a melhor escolha que fiz participando dela e não pretendo deixar tão cedo e vou seguir até o dia em que Deus me der forças para continuar e de preferência sempre com uma boa companhia dançante.

Perséfone - Como já disse não tenho filhos, minha dedicação a dança e uma prioridade minha, às vezes escuto uma coisa ou outra das amigas da academia que não tenho mais idade para fazer apresentações de dança, mas não me importo, elas não me sustentam e nem sabem da causa pelo qual eu danço e me apresento, considero não ter tido dificuldade alguma sempre me dei muito bem com a minha independência e com minhas escolhas de contratar um dançarino, onde o mesmo já frequenta minhas festas familiares e conhece toda minha família.

Eos - Minha família sempre deu forças para continuar dançando ao contrário dos relatos que minhas amigas sempre me contam que não são apoiadas pela família. Meu filho mais velho foi que me aconselhou a começar a dançar e que já tinha visto nos bailes essa prática que aparentemente era divertida e que de fato é, algumas dificuldades no deslocamento até as festas, mas hoje consigo o contratar o dançarino, que já considero membro da minha família para pegar em casa antes e me deixar depois das festas

Três das entrevistadas relataram pontos importantes a respeito do que entendem por família. Percebe-se que *Eos*, *Perséfone* e *Afrodite* se estendem em suas falas para além dos laços de sangue. Quando citam a presença dos dançarinos nas confraternizações familiares, a presença deles nos encontros familiares, em festas de aniversários e datas temáticas. Essas senhoras dançarinas trazem para o meio da família aqueles a quem elas escolhem como um membro novo e a família aceita sem relação de conflito.

A família é a uma das principais fonte de cuidados para pessoas que estão na fase do envelhecimento, contudo mudanças ocorridas por causa da modernização nas relações familiares estão se modificando. Normalmente as pessoas idosas não recebem os cuidados adequados que esperam da família, principalmente porque os familiares têm de trabalhar e cuidar de suas próprias necessidades (NERI, 1993, p. 59).

A autonomia e a independência nas escolhas é algo que as entrevistadas têm em comum. Fatos como esse citado anteriormente, em uma família tradicional de modelo patriarcal, pouco aceitaria uma mulher sendo ela ainda senhora, avó, que tivesse liberdade de escolha e tamanha independência e autonomia. Essa realidade atual pode ser entendida se percebermos que no interior dessas famílias ocorreram significativas mudanças; fato este que só poderia ter ocorrido das mudanças advindas da relação que essas mulheres construíram ao

longo do tempo, como: a conciliação da vida profissional com as responsabilidades familiares, a inserção de maneira progressiva e democrática da mulher no mercado de trabalho. Segundo Single (2007, p. 11), este é um dos principais fatores, relacionado às mudanças ocorridas nos formatos familiares.

Com base nas falas das entrevistadas, percebemos que as relações familiares, assim como as amizades e as construídas nesses clubes sociais que oferecem dança de salão como prática de lazer na sociedade são importantes para o empoderamento feminino e enfrentamento das situações do dia a dia, afastando essas idosas da inatividade, do abandono e da solidão, que acometem a muitas mulheres dessa faixa etária.

6.6 Quanto mais danço mais os males espanto

Perguntamos às senhoras idosas participantes sobre a relação que tinham com a dança, como foi o primeiro contato, por meio de quem esse processo se iniciou e com qual frequência vão às escolas de dança, e se fazem aulas de dança, além da frequência nos bailes.

Nesse contexto, é importante trazer para essa questão como se dá a ocupação de espaços e de equipamentos de atividade física e de lazer por parte dos idosos na cidade de Fortaleza. Atualmente se ampliaram os espaços para que não só os idosos, mas a população em geral, pudessem escolher esses lugares dentro do que é disponibilizado pelo poder público. Ao observar os arredores da cidade de Fortaleza ainda encontramos pessoas idosas sentadas nas praças, principalmente na Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade. Não é difícil ver também idosos pedintes nos sinais de trânsito nos bairros onde o custo de vida é maior; na periferia ainda encontramos muitos idosos em suas caminhadas nas pracinhas. Na reformada Avenida Beira Mar, espaço considerado nobre, encontramos idosos tanto no amanhecer como no entardecer realizando suas caminhadas e corridas ao entorno.

Nos bailes dançantes oferecidos pelos clubes sociais cresce cada vez mais o número de frequentadores acima de sessenta anos. É comum a presença de academias de dança de salão, além do crescimento de espaços que oferecem aulas alternativas, como acontece em diversos shoppings da cidade de Fortaleza. Os asilos também são equipamentos ocupados por idosos, local onde muitos são deixados por familiares por questões econômicas ou até mesmo abandonados. Nesses locais também costumam realizar atividades que promovem a interação dos residentes, e uma delas é a dança.

A disposição do espaço da sala de aula como espaço de exposição serve também como

“amostra grátis” do que as academias de dança têm a oferecer. Atrai a atenção de possíveis alunos, assim como incentiva alunos iniciantes a permanecerem e se dedicarem cada vez mais, com o objetivo de dançar tão bem quanto aqueles a quem observam (MASSENA, 2006, p. 116).

Percebemos na descrição acima várias formas de convivência realizadas pelos idosos, pedintes, ocupantes de asilos, que mesmo com poucas condições econômicas adotam alternativas em espaços públicos, e idosos e idosas que com melhores condições econômicas procuram se matricular em escolas de dança de salão e investir na busca do prazer por meio da dança, como podemos observar nas descrições abaixo em relação às senhoras informantes desta pesquisa.

Afrodite - Desde que comecei a fazer aulas na academia pelo menos 3 vezes por semana, logo comecei a fazer aulas particulares em casa com meu professor e as vezes quando não dava em casa fazia aulas particulares na academia a frequência disso era duas vezes na semana em dias alternados as aulas em grupo.

Atenas - Faço aulas frequente na academia, sou matriculada em turmas de vários estilos e em turmas de apenas um estilo (tango) com isso administro meu tempo indo todos os dias para a academia de segunda a sexta, já aulas particulares, mas com pouca frequência de maneira bem pontual.

Demeter - Faço aulas de dança de salão na academia segundas, quartas e sextas, o professor algumas vezes também é contratado por mim para dar aulas particulares na minha casa em média quatro aulas por mês, pacotes que adquiro também na academia.

Ártemis - Comecei com aulas particulares com um pacote pela academia de oito aulas mensais que dava em média, duas vezes por semana, só depois que aprendi algo, que passei a ir academia fazendo aulas três vezes por semana em turmas que ensinava vários estilos.

Observa-se mediante as descrições que, para além da frequência nas aulas de grupo nas academias, se tem uma participação efetiva em outra modalidade, que são aulas particulares, em espaços e pacotes oferecidos por equipamentos de dança ou mesmo nas casas dessas senhoras, tornado assim aparente mais um espaço de atividade relacionado à dança e sua prática na rotina de nossas informantes.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 09).

Diante da descrição da autora, ao analisar o contexto feminino em diferentes situações, faz-se necessário uma identificação pela evolução da identidade, mediante a realidade social e política na qual se encontram inseridas. As diversas configurações femininas se divergem porque passam por uma questão de classe, uma vez que, de um lado temos

mulheres que tiveram um acesso maior à educação, de situação econômica estável, e de outro, temos mulheres que tiveram o mínimo de acesso à educação e situação financeira e social vulnerável.

Desse modo, entende-se que fatores sociais e econômicos contribuem para que as mulheres idosas pesquisadas ocupem os espaços dos clubes sociais. Mesmo que a participação nos bailes tenha sido apontada em suas falas como “escolha”, entendemos que essa escolha acontece dentro das possibilidades que a sociedade apresenta que, por sua vez, não são as mesmas para todas as pessoas.

Gaia - Comecei a procurar a dança desde que fiquei viúva, a mais ou menos entre 2004 e 2005 com aulas particulares entre uma a duas vezes por semana e em grupo na própria academia fazendo duas turmas uma segunda, quarta e sexta e outra de terça quinta, além dos cursos de férias que são ofertadas que sempre estou presente.

Perséfone - Faço aulas de dança particular três vezes por semana, na própria academia em um espaço reservado e após as aulas já entro nas aulas em grupo, as segundas quartas e sextas fico pelo menos duas horas em aula intercaladas entre aulas particulares e aulas em grupo.

Era - Aulas particulares eu sempre fiz com frequência com o intuito de melhorar a performance para idas aos bailes, geralmente faço em média de doze a dezesseis aulas na minha casa sempre acompanhada com uma amiga que também ficou inclusa no pacote das aulas que chamam de semi-personalizadas. Já frequentei academias com aulas frequentes, mas hoje não frequento mais.

Eos - Frequento a academia de dança quase que diariamente, sempre fui muito bem quista por todos que trabalham na academia, acho que pela minha alegria e animação. Já fiz aulas particulares, mas hoje não faço mais, prefiro as aulas em grupo.

As informantes apresentam também outra variável importante neste cenário da busca pela academia de dança de salão, para além do aprendizado dos passos. Nesse âmbito, a variável performance se destaca como uma característica necessária a ser discutida, uma vez que a possibilidade de apresentações de dança ou mesmo de apresentações no salão pode se mostrar também como aspecto de empoderamento diante das demais senhoras dançarinas que participam nos bailes, por meio da difusão performática e elaboração dos passos de diversas danças.

A dança, de um modo geral, é extremamente importante como meio de diálogo, de reflexão e de possibilidades de revisão de conceitos, pois o respeito a si próprio e ao outro está presente em sua prática, que traz aprendizados que podem levar a transformações, reafirmações, concepções e princípios, na busca de uma construção mais significativa de nosso código de valores (ABRÃO; PEDRÃO, 2005, p. 2).

Diante das trajetórias de vida relatadas pelas pesquisadas, elas poderiam ter tomado outras atitudes em suas vidas, se não fossem às mudanças que ocorridas ao longo dos anos na

sociedade, tais como a criação da pílula do dia seguinte, o direito ao voto, a inserção da mulher no mercado de trabalho etc. Ao contrário, em vez de se aproximarem as conquistas da independência feminina, decidiram renunciar boa parte das vezes.

No envelhecimento, no entanto, acontecem fenômenos como algo ligado ao renunciar, desfazer, desapegar, ao mesmo tempo em que acontece uma construção interpessoal de querer merecer e recompensar. Quando decidem mudar o percurso de suas trajetórias, elas o fazem, mesmo em condições estruturadas, mas também é observada a utilização do “eu” que está mais aflorado, mesmo que seguindo “regras relacionadas a individualização”, mais ou menos aparentes (VELHO, 2004).

Neste sentido, importante lembrar o papel da mulher, na sociedade atual, já não se restringe apenas aos cuidados do lar e dos filhos e, diferentemente do homem, quando esta parte para o mercado de trabalho, não substitui suas funções, mas sim, acrescenta. Vale salientar que a mulher, assim como todos os cidadãos de direitos, necessita ser vista como ser humano e, não só como “chefe de família (PAIVA, 2017, p. 06).

Velho (2004) completa dizendo que deve haver uma aproximação do individualismo como os subgrupos sociais mais amplos. Podemos, no entanto, entender que a escolha de dançar é o reflexo de uma atitude individual que não dissocia de atividades e representações mais amplas, como o fato de ser avó ou mesmo estar no mercado de trabalho, por exemplo.

Entendemos assim que, mesmo sendo senhoras dançarinas, são também, boa parte delas, mães, avós e matriarcas de suas famílias. A relação com a cultura institucional é predominantemente mais rígida e reflete na forma em que traçam seus projetos, muitas vezes delimitados por ações em que elas mesmas definem. Isso ficará mais bem explicitado quando tratarmos do entendimento de nossas entrevistadas em relação ao se feminino e ao envelhecimento. As vontades individuais e os desafios vividos nas fronteiras de suas experiências de vida são fatores protuberantes para suas tomadas de decisões, tornando-se assim mulheres independentes, autônomas e empoderadas.

Diante da trajetória de vida de nossas pesquisadas senhoras dançantes, foram vistas diversas semelhanças, em especial no que se refere ao momento em que saem das escolas regulares, pois a maioria se casou. Algumas relatam que chegaram a dançar com os maridos, outras só dançaram depois que se separaram, e algumas só passaram a dançar com frequência com a viuvez. Com isso, diante das semelhanças e diferenças entre elas no que se refere à prática da dança em suas vidas, observamos também mudanças no padrão de comportamento de uma sociedade.

Mesmo que as senhoras participantes desta pesquisa tenham perfis diversos e diferentes em determinadas características, chamamos a atenção para o fato de que elas comungam do mesmo desejo de frequentar e se dedicar à dança, principalmente nas academias de dança, as vestimentas, o gosto musical, a preferência por determinados professores e dançarinos, assim como critérios morais, comparando-se a outras dançarinas que não se “comportam” como elas.

Os relatos de vida apresentados pelas participantes mostram muitas características com padrões de moralidade adquiridos no passado e que ainda fazem parte de suas vivências diárias, mesmo que diminuídos, equiparados as suas opções e suas escolhas na atualidade, onde a dança está incluída, nas aulas das academias e nos bailes. São senhoras cujas trajetórias de vida apresentam semelhanças e divergências, o que não significa ausência de padrões. No geral essas mulheres possuem uma positividade em sua autoimagem pela capacidade de que cada uma tem de dançar e por se sentirem independentes e autônomas.

6.7 Festas e bailes dançantes: minha diversão, minha alegria

Nas observações diretas e na questão abordada e respondida pelas pesquisadas, buscamos levantar essa questão da importância dos bailes e festas na rotina das entrevistadas, como era construída essa prática, o acompanhamento dela entre amigos, dançarinos, familiares, percepção e sentimentos enquanto frequenta as festas dançantes na cidade de Fortaleza.

Era - Frequento sempre bailes noturnos e diurnos acompanhada com um trio de amigas, às vezes promovo festas em casa mesmo e contrato dançarinos para aquelas que estão mais disponíveis para serem acompanhadas, sempre saio de casa já acompanhada do dançarino no pacote que eu contrato incluo me pegar e me deixar em casa após os bailes. Além das minhas amigas os filhos algumas vezes também me acompanham, mas é mais não é tão frequente.

Ártemis - Frequentei muitos bailes com meu falecido marido, depois de um tempo percebi que poderia reiniciar, e agora sempre acompanhada de um dançarino, para aproveitar melhor o meu tempo com a dança, frequento os bailes mais pelas tardes de domingo, os noturnos só algumas vezes quando convidada pelas amigas da academia ou em datas comemorativas, sempre estou nos bailes fichas promovidos pela escola de dança que eu frequento, Sempre gosto de comemora seu aniversário com algum baile e aproveito para levar a família toda e os meus amigos. Os bailes da tarde é um ambiente bem familiar e agradável, por isso sempre que possível estou neles.

Gaia - Há 20 anos que frequento bailes noturnos e diurnos, sendo esse último o que eu destaco, o melhor e mais seguro para ir, por acontecer durante o dia e achar mais animado para ir dançar, além dos bailes em que eu frequento sempre vou acompanhada de uma amiga em que divido o dançarino que nos acompanha sendo esse o mesmo que nos dá aulas. A coisa mais legal foi a criação desses personal dance assim eu não dependo da minha família e de mais de ninguém para poder se divertir e dança

As senhoras aqui pesquisadas, em determinado momento, se desconectam ou mesmo rompem com suas dificuldades impostas a ela durante toda sua vida, o fato de tomarem a decisão de saírem à noite ou mesmo de dia para se divertirem sozinhas, ou acompanhadas com quem elas quisessem, sendo essa decisão mais simples e comum que pareça para a modernidade, na era do divertimento e do lazer, para elas é uma ruptura, porque têm sua educação e formação moral fincadas num passado patriarcal.

Diante das respostas apresentadas, podemos observar que a figura dos dançarinos contratados, o tempo que frequentam os bailes, a companhia de amigas e de pessoas da família são variantes comuns à maioria das entrevistadas, e que fazem parte de suas rotinas nas idas aos bailes dançantes na cidade de Fortaleza. A decisão de dançar contratando um dançarino bem mais novo com diferença média de quarenta, cinquenta anos de diferença, pode ser considerada como uma atitude “empoderada”, “independente” e “avançada”, que se encaixa com a visão que elas possuem do ser feminino e do entendimento sobre o envelhecimento, como veremos mais adiante.

Na análise anterior vimos a decisão destas senhoras de começar a frequentar uma academia de dança, que por meio dessa atividade puderam entender melhor a dança como instrumento de valorização e prazer de si e agora saem desse espaço fechado que é academia, ambiente esse que se sentiam mais resguardadas, para frequentar o circuito de bailes dançantes e de contratar acompanhantes dançarinos.

Decidir frequentar bailes dançantes significaria uma maior exposição ao meio social vivido ali por elas. Os relatos apresentados nessa questão abordada mostram características importantes nessa transição de academias ao baile, considerada muitas vezes como uma mudança significativa para uma “vida nova”.

Analisar e entender o significado do baile pode até nos apresentar o ponto de partida da legitimidade da velhice feminina ligada exclusivamente ao papel do ser “vovozinha”. A nossa cultura ainda pensa o envelhecimento como dependência de familiares, por isso, muitos estranham quando se deparam com senhoras idosas, como as deste estudo, independentes, autônomas e ativas.

Atena - Minha primeira experiência de baile foi no conhecido “Baile de Fichas” na própria academia e quando percebi que minha qualidade de vida estava melhorando, bem como fui ampliando meu convívio social, passei a frequentar os bailes nas noites sempre quando podia, mas se tornei assídua nos bailes diurnos nas tardes de domingo. Sempre que estou nos bailões vou acompanhado de um dançarino, não gosto de depender de ninguém para dançar, minhas amigas às vezes dormem aqui em casa principalmente as que moravam longe, gosto de acolher os amigos da dança na minha casa.

Demeter - O Mesmo professor que me dá aulas particulares e na academia é o mesmo que também me acompanha nos bailes noturnamente e quando vou também ao baile que mais gosto que é o das tardes de domingo inclusive já chego para almoçar no baile e fico direto para dançar, vez ou outra alguma amiga que convido vai comigo para os bailes da tarde para elas verem como é legal esses momentos, não deixo minha família se intrometer nem dada do que se refere a minha decisão de dançar, dependendo única e exclusivamente de mim mesma.

Afrodite - Sempre vou aos bailes seja ele noturno ou nas tardes de domingo, seja esse último algo que nunca falto, quando vou sempre estou acompanhado de um dançarino, que também é meu professor, faço isso para garantir que vou dançar na hora que eu quiser. Minha família algumas vezes tentou intervir, quando comecei, mas logo deixei claro de minha escolha,

Perséfone - Vou aos Bailes todos os domingos à tarde e alguns noturnamente sempre acompanhado do meu companheiro amigo, professor e dançarino. Como deve perceber todo o meu tempo é reservado para a dança e o fato de não ter tido filhos, as responsabilidades foram menores, não tive interesse para casamentos. A dança faz com que me sinta renovada e melhor como dançarina e ser humana. Minha dedicação é tanta que sou convidada sempre para apresentações de diferentes ritmos, assim também me sinto importante para de motivar mais pessoas a prática da dança, meu comprometimento com a técnica são levadas muito a sério, por isso me dedica a momentos performáticos.

Eos - Antes eu frequentava atividades físicas em academia, hidroginástica e caminhadas, mas que não me sentia bem comigo mesma nessas atividades. A dança é o melhor remédio para a solidão, que dá uma sensação de liberdade, sempre vou ao baile com dançarinos que são também meus professores da academia que eu frequento. Gosto muito desses bailes nos domingos à tarde por ser menos lotado e conseguir mais espaços no salão para dançar. Não sei ser contrariada das minhas decisões em relação à família mesmo que sempre deixo elas ciente de minhas idas ao baile e o porquê que gosto de ir.

As escritas das senhoras pesquisadas apresentam uma espécie de saída de um mundo fechado e o começo de novas descobertas novas oportunidades de sociabilidade. Esse entendimento é representado, quando se fala “sensação de liberdade”. Essa liberdade pode ser compreendida, segundo Alves (2001), como as configurações das instituições sociais, seu surgimento e seu funcionamento, interferem na coletividade e na mudança de comportamento dos indivíduos, tais como amigos, família, religião, considerando, assim, a vida coletiva não como a multiplicação de indivíduos, mas um ser distinto, complexo e irredutível das partes que o formam. Os clubes sociais com a oferta de bailes têm apresentado reconfigurações que permitem a essas senhoras dançantes aproximarem suas relações tradicionais com o “ser dançarina”.

As dançarinas aqui estudadas apresentam também em suas escritas histórias vividas pelo que lhe foi imposto, muitas vezes, precisando explicar e reafirmar à família sua emancipação, independência e seu empoderamento nos dias de hoje, ao passo em que se converteram vovós dançarinas. A família e as relações sociais que essas mulheres representam,

apesar de elas não serem reflexos do que suas mães a ensinaram, elas foram se reinventando e se modificando por meio das transformações desse mundo moderno, quebrando paradigmas e configurando novas culturas e formas de ser feliz por meio da arte de dança.

Quando as mulheres possuem mais de cinquenta, mais de sessenta, elas se sentem muito mais livres e também mais felizes. As mulheres querem liberdade e felicidade, mas para terem felicidade elas precisam conquistar a liberdade e a independência. Nem todas conseguem. Em geral, a gente consegue ter mais liberdade, não só a liberdade financeira, mas liberdade psicológica, autonomia, com a maturidade (GOLDENBERG, 2019, p. 54).

Carbonari (2001) diz que a família é necessária para a saúde dos indivíduos, mas o modelo dessa instituição não deve ser o de uma família tradicional e, sim, de um grupo de pessoas comprometidas em apoiar os demais compartilhando suas experiências e expectativas. As cobranças não podem ser entendidas do ponto de vista da obediência. Essa realização aqui descrita por essas mulheres dançarinas é uma reafirmação de suas escolhas, principalmente quando citam suas famílias, são mudanças aqui apresentadas por elas por meio da prática da dança de salão, para além de ser mãe, amiga, avó e, agora, com muito orgulho, de ser uma dançarina.

A presença da família na descrição desta tese aparece de maneira notória e fundamental na vida destas senhoras, mas não como dificuldade ou barreiras em seus projetos pessoais de autonomia e independência. O poder aquisitivo que a maioria dessas senhoras possui influencia diretamente na relação com os netos e filhos diante da liberdade de suas escolhas e também reflete no direito de suas decisões em relação à própria vida. O exemplo disso é a percepção positiva aliada à inversão de posição em relação aos homens, principalmente na ação de contratar os serviços de dança dos dançarinos.

Modelo de família parece surgir entre as classes médias que indicam a combinação transformada de elementos dos dois modelos: tradicional, pois que percebe a família como uma unidade de investimentos coletivos, e moderno, na medida em que este investimento deve ser compartilhado tanto pelas mulheres quanto pelos homens (SORJ; GOLDENBERG, 2019, p. 10).

As senhoras dançarinas aqui analisadas vivem de acordo com suas escolhas e sua autonomia, mesmo sabendo que, muitas delas, têm o amparo familiar nos momentos mais difíceis, mas é inegável que quando decidem ser dançarinas rompem com os antigos costumes que a mantinham presas e fora da sua “liberdade”. A motivação na busca pela dança é reflexo de suas histórias de vida em relação à autorregulação diante da representação do masculino,

rompendo com o predeterminado de ter responsabilidade de cuidar do marido, dos filhos e da casa.

Toscano e Goldenberg (1992) apresentam que o cenário do movimento feminista foi primordial para os dias de hoje, sem ele, certamente, na atualidade não seria comum, por exemplo, ver uma mulher num bar na companhia de um homem, tomando cerveja. Da mesma forma, seria inviável pensar em senhoras divorciadas ou viúvas praticando dança em bailes na companhia de homens mais jovens, e ainda mais, pagos por elas. A independência e emancipação do feminino defendidas pelo movimento feminista se estendem para todas as idades, de modo que essas senhoras participantes desta pesquisa são também consideradas resultados destas conquistas emancipatórias.

6.8 Trajetórias de vida feminina: “ser mulher”, (in)dependência e dedicação para a vida

Ainda por meio dos questionários buscamos captar o entendimento delas sobre o ser mulher ontem e hoje, e observamos que as mulheres pesquisadas somam uma combinação de costumes mais atualizados para o público de idosas da contemporaneidade, mas ainda com as tradições e marcas da velhice em suas trajetórias da vida.

Atenas - Bom! Pergunta difícil essa, mas penso que muita coisa mudou dos tempo para hoje, a mulher antes tinha uma trajetória ou de ser escrava ou besta, e a minha percepção é que a mulher comia na mão dos homens, ainda hoje eu vejo muitas assim também, então não é muito fácil ser mulher como por exemplo, ninguém diz nada quando um homem chega bêbado, mas se for mulher é feio, eu mesmo acho que não fica muito legal. Mulher pra mim tem que saber se comportar dou muito a conselho para a minha filha e as amigas dela, olhe fique no seu canto, não se de fácil a ninguém não.

Ártemis - Mulher pra mim é um ser que é muito cobrada pela sociedade, é um ser de muito sofrimento pelos pré-conceitos da sociedade, no trabalho a gente faz tudo que pode e o que não pode, mas se errar logo dizem que a mulher é emotiva por isso erra, se a gente resolve dirigir e anda com calma, já dizem que a gente é lenta, penso que a uma perseguição muito forte nas mulheres. Muito complicado, tem que saber se vestir, o que vai falar, como vai se comportar por que se não todo mundo fala.

Perséfone - Não sei se vou ajudar muito na resposta se caso for trazer algo do feminino para seu trabalho, mas pode ser que se decepcione com a minha resposta. Apesar de ter tido uma vida livre de um casamento, às vezes não me sinto muito como as mulheres de hoje que já são emancipadas, não. A dança pra mim na verdade é o meu casamento e minha liberdade das obrigações às vezes que a família acha que a gente precisa ter. Cuido da minha casa, verifico se a secretária está fazendo tudo direitinho, Verifico a dispensa e a geladeira todo dia pra ver se não está faltando nada para quando recebo minhas visitas e meus irmãos. Então o ser feminino hoje é bem diferente do que vi e vivi, as coisas são bem mais diferentes hoje, e o enfrentamento que as mulheres fazem às vezes da sensação que elas estão sofrendo é mais.

Afrodite - O ser feminino o ser mulher, hoje é muito diferente do que eu vivi e aprendi.

Até penso que na medida em que o tempo muda e a gente precisa ir mudando também, e confesso ter acompanhado e visto muita coisa na vida e ter percebido as dificuldades que a mulher vive, vi muitas amigas com o tempo se separando e sendo muito mal vista pela sociedade. Sabia até os motivos da separação que era porque o homem tinha aprontado. Confesso que até admirava a coragem delas, mas “eu mesma não tive essa coragem. Como disse meu marido faleceu recente e confesso ter perdido um pouco de tempo então ser mulher é algo difícil.

Tais relatos um discurso de dependência durante boa parte da vida dessas mulheres, um pouco de inferioridade, relatos que mostram traços e marcas de uma cultura ou mesmo uma tendência para assumir o masculino como único modelo de repressão coletiva, sendo os modelos ou experiências relacionados apenas ao sexo masculino. Nas falas observa-se que a liberdade de “hoje”, a independência de “hoje” foi como um presente e não se deram conta que o passado se deu também pela ajuda delas na construção dessa dependência, o exemplo maior é quando relatam aconselhar as netas ou filhas mais novas (mulheres) e nunca para os mais novos (homens), como netos e filhos.

Convergindo com os aspectos e a realidade percebida nas entrevistas sobre o ser feminino na relação de família e envelhecimento, os autores Vera e Dutra (1993) apontam que 68% da população idosa feminina no Brasil em situação conjugal vive sem seu parceiro, seja por ser viúva, solteira ou separada. Por fatores culturais, a tendência da mulher é casar mais cedo. Como sua expectativa de vida tende a ser maior, principalmente no Brasil, ela se acha mais sujeita à solidão quando chegar o envelhecimento, por isso as mulheres casam cedo para ter a companhia do marido e, principalmente, o cuidado dos filhos.

O panorama fica mais cinza diante da constatação de que, na maioria das vezes, a solidão vem acompanhada da pobreza e de doenças crônicas. O tripé solidão, pobreza e doença atinge boa parte das mulheres no final da vida, estas características se mostram presentes na maioria das idosas brasileiras, aliás de modo semelhante aquelas dos países de primeiro mundo.

Dias, Carvalho e Araújo (2013) verificaram que uma vida social de classe média ou rica é importantíssima para a qualidade de vida no processo de envelhecimento. Segundo eles, as idosas que tinham um suporte social adequado as seus anseios e necessidades e estavam felizes com suas relações sociais com amigos e familiares apresentavam melhor percepção da sua qualidade de vida. Ainda nesse estudo foi verificado que a espiritualidade foi um recurso utilizado para lidar ou até mesmo evitar a solidão.

Segundo Beauvoir (1949), libertar a mulher não é negar a sua relação com o homem, mas apresentá-la outras relações que podem ser estabelecidas. Até hoje é comum ver mulheres que vivem em torno de um relacionamento, e as que não têm relacionamento também

são criticadas socialmente, chamadas de “solteironas”, “mal-amadas” ou “títias”. Tal fato se alimenta da sociedade patriarcal, que controlava tudo o que a mulher fazia, seus relacionamentos, suas leituras, até mesmo seus corpos. Demorou muito para que isso se rompesse, mas sua herança ainda está cristalizada na nossa sociedade, e as mulheres seguem na luta por se tornarem cada vez mais agentes de suas próprias histórias, livres para ser o quiserem e dançar a música que quiserem e com quem quiserem.

Beauvoir (1949) complementa dizendo que essa “opressão”, que muitas das mulheres vivem ou viveram em seu confinamento são fatores que geram conflitos nas relações entre gêneros. “A sociedade interpretada pelo masculino define a mulher como inferior e que ela só pode se livrar dessa inferioridade, destruindo a superioridade viril”.

Percebemos que boa parte de nossas informantes teve dificuldade de conceituar o significado do que é feminino, acredita-se que parte dessa dificuldade se dá pela comparação entre o passado e o presente, mediante as mudanças ocorridas na atualidade e ao reconhecimento de sua independência e sua autonomia, conquistadas a partir da influência da dança de salão na vida de cada uma delas.

Azeredo e Afonso (2016, p. 78) consideram importante que se perceba

O mundo está em constante transformação, e não são todas as pessoas que são capazes de gerir e se adaptar as mudanças com que se encontram, especificamente quando muito idosos(as). As modificações referentes a qualidade de vida e o estilo de vida nas grandes cidades do Brasil, onde se tem uma certa predominância a e preocupação com a produtividade e ganhos econômicos, além das mudanças familiares, ocorridas nas últimas décadas, tem sido observado como uma importante causa para a depressão e solidão em pessoas idosas.

Percebe-se que isso tudo influencia nas representações relacionadas ao comportamento da mulher idosa; sendo a mulher jovem não pode se comportar como o masculino, para as que estão acima de sessenta e cinco anos a cobrança das regras impostas pela sociedade é ainda maior. A mulher sendo ela a única com a possibilidade de renunciar seus conflitos, essa ação está diretamente relacionada com a postura de abrir mão da sua sexualidade para não ficar “mal falada”, ou mesmo, difamada. Frases prontas e estabelecidas, como “mulher deve sempre saber se comportar”, nos remetem ao zelo que têm com a postura nas festas dançantes, onde sempre devem estar bem paramentadas, arrumadas, maquiadas, não deixando aparente marcas consideradas feias socialmente, além da preocupação com a reputação, cuidando para que não pensem que os dançarinos são seus companheiros ou namorados.

Demeter - Minha percepção do ser feminino e do ser mulher é se doar, se entregar, pelo menos na minha vida toda foi dessa forma. A mulher hoje tá emancipada, fica independente mais cedo e confesso achar muito bom tudo isso, mas não concordo

muito com a ideia dessa competição a toda hora com o homem não, isso não pode. Por que se ela for competir ela vai ficar mal falada, vai sofrer, eu vejo muito nas noites de baile o homem só faz o que não presta, Aí vai uma mulher fazer, algo próximo pra ver. A sociedade é muito cruel com o ser feminino, sofri bastante e sei que é difícil ser mulher.

Gaia - Eu passei muito tempo pensando que mulher nasceu para ser mãe, cuidar e se dedicar a família e ao marido, hoje vejo a mulher bem diferente as vezes até acho que não quer mais fazer nada na vida, vai muito a festas e as vezes se expõe de mais, no meu caso eu já fiz tudo que é para uma mulher fazer na vida, agora eu vou aproveitar minha vida, já fiz minha parte. Penso que a mulher tem que saber ser livre e liberdade é para quem tem maturidade que só a velhice pode lhe proporcionar.

Eos - Ser mulher hoje é bem diferente do que vivi na década de 50 e 60 acho que tem muita coisa diferente, tive que desenvolver minha vida muito rápido eu saí de casa com sete, fui pra colégio de freiras, depois casei cedo e pelo que vivi mulher é um ser que se doa muito por tudo e para todos, mesmo que essa dedicação pelo marido por exemplo não foi algo que foi valorizado, mas acho que mulher é um ser que se doa muito e que pouco se enxerga seus sentimentos, suas qualidades e suas virtudes. Hoje é bem mais diferente a mulher consegue ser mais independente cedo, mesmo que não concorde muito, mas pelo que passei é tudo bem mais fácil hoje.

As entrevistadas relatam suas concepções a partir das suas histórias de vida, destacadas como, por onde e por quem foram educadas e como elas entendem o significado do ser mulher e suas relações familiares, de casamento, de vida profissional, solidão, liberdade, e é por essas relações que se pode justificar e compreender melhor a forma que elas se enxergam, na condição de sempre ter que renunciar algo ou não poderem se comportar como homens e muitas vezes precisarem sempre se comportar bem para não serem mal interpretadas pela sociedade.

Era- Para mim a mulher nasceu para ser tratada bem e cultivada, nasceu para ser amada, mulher é ter características de valente ao mesmo tempo em que delicada, mulher é viver em opostos a todo o momento precisa ser brava com os homens. A mulher hoje tem até mais possibilidades na profissão penso que isso é uma grande conquista e importante para o desenvolvimento das mulheres, coisa que na minha época não foi tão fácil assim. Pra mim a mulher também tem o papel de cuidar dos filhos, saber ser mãe para dar bons exemplos para os filhos, cuidar dos familiares, eu sou uma mulher mãe, que procuro cuidar bem de tudo sem perder a compostura e quando estou nas minhas festas dançar sempre direitinho para ninguém falar nada de mim.

A autocobrança e um rigor moral nas questões do comportamento são tão fortes que as idosas dançarinas não aprovam atitudes fora dos modos julgados por elas adequados para uma idosa. No oitavo baile observado pelo pesquisador aconteceu algo inusitado, o pesquisador estava próximo a duas mesas onde estavam três senhoras em cada uma delas, e todas apontavam gesticulando, visivelmente desapontadas com certa dançarina (que não faz parte desta pesquisa), que estava dançando de forma mais sensual com um dançarino bem mais novo; as

senhoras que observavam e gesticulavam queriam ser notadas por outras pessoas, a fim de que vissem a indignação pelo comportamento julgado por elas inadequado.

A atitude observada pelas senhoras que estavam nas mesas scandalizou, porque fugiu das regras do sistema do bom comportamento, o que para elas é imperdoável, pois a dançarina observada rompia duplamente o sistema, primeiro, por ser mulher, e depois, por ser idosa.

Nas questões posteriores desta pesquisa no que se refere ao pensamento da velhice vai ficar mais claro o entendimento que a idade é um fator que se enquadra em um padrão rigoroso em relação aos gestos, vestimenta e corpo.

Apresentamos no referencial teórico alguns fatos e histórias marcantes do feminino no Brasil, para justamente relacionar com as falas das senhoras pesquisadas, a fim de que se entenda e perceba que apesar de fazerem críticas, mesmo que discretamente, a muitos desses movimentos e a mulheres que tentaram ser livres como os homens eram, foram exercem direitos pelos quais lutaram as mulheres e o movimento feminista, mas, a maioria dessas senhoras participantes não se percebem como feministas, mesmo também rompendo com certos padrões patriarcais e não sendo a vovozinha esperada pelos mesmos; elas são isso, mas não só isso, elas dançam e se divertem por meio da arte.

Com isso, analisamos que as depoentes são mulheres e senhoras fortes e determinadas, uma vez que quebraram paradigmas e rótulos de senhoras vovozinhas que apenas eram solicitadas para cuidar dos netos, e agora agem, boa parte das vezes, de forma independente. Suas histórias de vida podem servir como exemplos para melhor explicar como se tornaram mulheres mais autônomas.

Durante a pesquisa de campo, na etapa de observação dos bailes, observando as dançarinas e seus acompanhantes, outro fato chamou atenção. Nesse dia fui abordado por um dos garçons que já trabalha há mais de vinte anos em um dos clubes, e aproveitei para perguntar sobre o que ele achava das senhoras- que se tornaram participantes dessa pesquisa- e como ele observava a relação das mesmas com seus acompanhantes. Nesse momento, o funcionário apontou para algo que ainda não tínhamos observado, que no salão havia muitos homens idosos rodando sem dançar e sendo dispensados por várias senhoras, quando recebiam o convite para dançar.

Algumas informantes revelaram em suas respostas aspectos importantes a respeito desses homens desprezados nos bailes. Elas têm o entendimento que eles vivem o que elas viveriam se não tivessem os dançarinos. *“Nós não queremos porque sabemos que ele certamente não vai querer só uma dança, portanto, é mais seguro contratar um dançarino para*

não precisar passar por esses possíveis constrangimentos” (Afrodite). “Nós não queremos dançar com homens velhos, nem os próprios velhos” (Gaia). Na nossa observação da situação no salão, percebemos que existe certa revolta por parte desses homens idosos, pois, certamente, se desrespeitados com a recusa.

O garçom em sua conversa espontânea comentava que elas sempre escapam desses convites e que já ouviu desses senhores que elas também sempre fogem, porque elas têm medo de ouvir o que eles vão dizer. Nas respostas dos questionários foi percebido que elas não querem ser confundidas como pessoas solteiras ou mesmo viúvas que estão ali atrás de um “passatempo”.

Eos comenta que em seu modo de ver existem dançarinas e dançarinas

[...] Existem aquelas que nos deixam constrangidas porque agarram o dançarino de uma maneira em que só falta beijar em no meio do salão da festa, como tem as que vão dançar e se mantem de forma seria educada, sem muitas insinuações, sem muita exposição. Sou muito do ditado “me diga quem tu andas que digo quem tu és”, portanto não deixo nem chegar perto de mim essas mulheres que se expõem de mais no salão, tenho medo de que me chamem de viúva alegre.

Ártemis relata que

[...] sou muito alegre enquanto danço porque a dança me faz muito feliz, mas não sou de estar sorrindo para todos em minha volta não, tenho anseio de que algum dia algum da minha família diga ou comente que estão me chamando de “viúva negra” por ai, sou uma pessoa que sempre esbanja felicidade principalmente por meio da dança, será raro me ver de cara amarrada, porem uma felicidade contida para não acharem que estou e excedendo.

Perséfone, com um discurso bem próximo das demais, relata que

[...] tem uma diferença grande entre se divertir indo a um baile para dançar, do que sair de casa para procurar um namorado ou algo similar. Não estou procurando marido apenas gosto de sair para dançar e me diverti, porém nos bailes vez ou outra aparece sim alguém com segundas intenções e que vai ao baile por outros motivos, além de dançar e que às vezes me preocupa ser confundida com essas pessoas mesmo que eu não tenha intenção de julga-las.

Os relatos das mesmas coadunam com o que compartilhou o simpático garçom, em relação aos homens que rodeiam e procuram mulheres para dançar. Na fala delas é perceptível certo conservadorismo, ao não quererem se comparar com outras mulheres, que têm algum relacionamento com um homem mais novo ou até mesmo mais velho, o que revela também a

preocupação e o medo do julgamento social, em relação as suas escolhas de se divertirem por meio da dança.

As categorias de gênero a partir das questões biológicas sempre foram estabelecidas pela sociedade ocidental, fazendo sempre uma integração entre sexualidade, gênero e sexo. Segundo Buther (2003), as identidades de gênero foram reforçadas e criadas dessa forma ao longo dos anos. A diferenciação biológica entre mulheres e homens determinou a classificação e a formação efetiva das funções que os homens e mulheres exercem.

A formação e a classificação entre homes e mulheres geraram ônus elevado para o sexo feminino, pois a falta de entendimento sobre essa relação impedia até as mulheres de circular em espaços públicos, que eram exclusivos de homens, nada acessíveis para o feminino. Com exceção das mulheres que lutavam para ter acesso à esfera pública ou conquistavam o direito de serem independentes; a maioria era refém das imposições advindas do seu próprio cotidiano.

Os relatos feitos pelas próprias entrevistadas ilustram bem o pouco entendimento sobre as diferenças de gênero e o quanto isso dificulta que elas próprias avaliem o entendimento de sua própria velhice. As diferenças ordenadas entre mulheres e homens, inexistindo quaisquer semelhanças ou igualdades nos refletem ao contexto dos corpos biológicos como descrito nos parágrafos anteriores onde eram muitas vezes usados como uma escala de poder hierárquico. O desenvolvimento cultural em torno do masculino e do feminino legitimaram as concepções políticas, a representação social e a sua própria identidade, no que diz respeito a cada um dos sexos, eram modelos estereotipados nos quais o homem era entendido como dominante e racional, enquanto a mulher fraca e emotiva. Daí vem a dificuldade das informantes conseguirem sintetizarem esses conceitos vividos por elas em boa parte de suas vidas.

6.9 Corpos envelhecidos: amadurecimento, liberdade e estética

Nos depoimentos coletados por essas dançarinas foi percebido que elas estão satisfeitas com o corpo que têm hoje. Para elas essa questão de considerar-se bonita é mais para as mulheres mais jovens, se preocupam muito mais em ter um corpo saudável para poder praticar o que gostam, como a dança. Tal fato mesmo que de forma discreta mostra até onde os padrões estéticos atuais podem afetar.

Afrodite- Eu sempre me sinto muito bem de aparência quando eu estou maquiada,

perfumada e arrumada é assim que eu converso com meu envelhecimento, eu acredito que o ser velha é uma fase natural da vida e que tem muita coisa boa para se aproveitar, eu considero ter muito mais amor nessa minha fase hoje do que antigamente, boa parte da minha vida do passado foi convivendo com um marido que muitas vezes não era Cortez, sendo mãe, não que eu achasse ruim ser mãe, mas era devido a muitas responsabilidades que as vezes assumia sozinha, além do meu trabalho que era ser professora, por isso hoje eu me dou muito bem com essa minha fase da vida, sempre tentando aproveitar o que de bom ela tem para me dar, principalmente o que se refere a minha liberdade, não tem coisa melhor nessa vida que é poder ser livre.

Era – A velhice pra mim é perceber que por um lado você ver o corpo engelhando, e por isso não dá mais para usar todo tipo de roupa e nem de tudo em que eu acho bonito e por isso não se pode fazer parte mais de tudo e por outro lado posso fazer coisas que durante toda minha vida tive poucas oportunidades de fazer, como por exemplos passos de dança bonitos, que aprendi na academia, mas que mesmo assim às vezes eu peço para meu dançarino não fazer muito no baile, porque tenho medo de achar que estou me exibindo muito, e acharem que seja uma pessoa que não sou, não me acho bonita e me acho muito velha, deixo essas encantamentos da beleza para o povo mais novo, como não tenho pretensões, mas para casar então não me preocupa tanto em chamar uma certa atenção então minha sexualidade já está ultrapassada. Então pra mim a velhice de certa forma é isso, de um lado me vejo certo acabada e do outro ainda podendo fazer uma coisa ou outra para continuar vivendo. Meus filhos moram comigo, e eu aproveitando, dançando e fazendo aula de dança todo dia então está bom demais.

As depoentes em seus discursos quase sempre usam a dança como uma forma de explicar sua independência e sua autonomia, ao tempo que vão disfarçando a sua velhice.

O relato da importância e do olhar para o corpo são reflexos das relações internas na visão da sociedade, e é por esse caminho que se busca a felicidade plena. Palco privilegiado dos conflitos e paradoxos, o corpo que busca sua identidade é o mesmo que tenta negar as diferenças e a alteridade (NOVAES, 2006, p. 76).

O discurso da Afrodite e de Era revelam a preocupação com a beleza e com o que os outros vão pensar. Aparentemente isso se dá cada vez mais pelos padrões midiáticos, disseminados por meio de revistas, televisão, cinema, dentre outros. Os corpos que se apresentam nesses meios de comunicação, muitas vezes, são desejados pelos os que os veem. Mesmo não entrando no mérito da questão, parte destas pessoas, principalmente as mulheres, recorre a procedimentos estéticos com a perspectiva de aparentar ser mais novas, fazendo, assim, investimentos no corpo em curto prazo por meio de cirurgias estéticas. É importante destacar que parte das respostas aos questionários relata que nunca fez procedimentos estéticos, por acreditar que o corpo tem que ficar como Deus projetou, mas que se pudesse escolher teria seu corpo como os das artistas e atrizes que a mídia apresenta.

Ficou perceptível, no entanto, que, embora não se importem com a beleza estética, pois esta ficou “para as pessoas mais novas”, que essas senhoras dançarinas preocupam-se em aparecer bem, maquiadas e arrumadas.

O que se percebe pelos relatos das senhoras é que relacionam beleza à juventude, mulher bonita é jovem, magra, sedutoras. Por conta disso, não conseguem pensar na beleza que têm, mesmo idosas, muitas vezes com um excesso de peso, um caminhar mais lento e muitas rugas.

Na sociedade atual há uma tendência para o culto ao corpo e que deve estar pronto sempre para ser admirado e observado.

A palavra público, contraposta a povo, remete-nos a espectadores, interativos ou não, espetáculos, festas, enfim, a teatralização. Consequentemente, remete-nos, igualmente, a atores, personagens, modelos e ídolos. Olhar implica também ser olhado, ver, ser visto: construir uma imagem é também ser afetado por ela (NOVAES, 2006, p. 78).

O autor acima citado compreende e descreve o entendimento que nosso corpo recebe muitas influências e capta com certa velocidade essas sensações, que muitas vezes se perde até o controle emocional dessas transformações advindas dessas percepções que transformam nosso corpo. Esse olhar do autor nos aproxima das falas das mulheres entrevistadas, quando muitas vezes descrevem seus corpos como diferentes ou feios.

Perséfone- A liberdade, responsabilidade e a desobrigação são fatores que diminuem ao passar do tempo em que vamos envelhecendo, melhorando como pessoa e assim chegando ao que chamamos de amadurecimento. A grande questão é que me sinto desprezada e livre em muitas coisas na velhice, mas ao contrário também sinto que a fim da vida vai chegando, a vitalidade ela vai diminuindo, o corpo não responde mais a todos os comandos de quando era mais jovem. Você não consegue mais seduzir ninguém, nem sei mesmo, como deixei meu corpo ficar assim? quer dizer até sei, muito trabalho, a falta de tempo que não me dava para me cuidar, ir uma academia e até mesmo um salão de beleza. Então hoje eu me escondo nas roupas mais folgadas, para que os traços da velhice não apareçam.

Atenas - O envelhecimento é quando não se usa mais nada que usava na juventude, e tenho consciência disso, vou sempre me adequando a minha realidade, sei que o corpo não volta mais o que era antes e por não ser da área da saúde é que não entendo como isso se manifesta, depois de filhos e netos seria natural que a juventude passaria rápido, apesar de me sentir ainda com muita vitalidade e maturidade para as atividades que me proponho, sei que a beleza não mais a mesma, nem a juventude, nem a magreza e assim vou levando a vida, o importante é que a saúde anda bem e que danço.

O tempo que não foi suficiente, o corpo que não corresponde mais como antes e as comparações entre juventude e a velhice são questões em comum nos discursos e nas entrevistas aqui apresentadas. A estética em ênfase sobre as questões intelectuais e o como serei vista frente à sociedade são indagações que precisam ser constantemente confrontadas na busca pela experiência de vida, pela maturidade e, acima de tudo, pelo entendimento sobre essa fase da vida que é o envelhecimento.

A questão básica e prioritária é perceber a velhice como uma etapa final natural da existência e, o velho, o protagonista principal, não necessariamente como coitado, um miserável, gerando sentimento de pena e de paternalismo por parte das pessoas. Não se trata também de supervalorizar e louvar o velho e a velhice trata-se apenas, da sensibilidade de uma sociedade e, de uma ética de solidariedade em reconhecer que os valores singulares humanos não se encontram na potência, no vigor e na beleza física, mas sim, na dignidade humana (MENEZES, 1999, p. 273).

A descrição das entrevistas e a citação são complementares para uma contraposição de ideias, no que se refere aos conceitos de que a idade de forma cronológica é um fator natural. As categorias “infância”, “juventude” e a “velhice” devem ser compreendidas para além das características biológicas.

Com efeito, a divisão das idades e as definições das práticas legítimas que lhe estão associadas têm a ver com o aparecimento de instituições e agentes especializados – como foi estabelecido, por exemplo, a propósito da distinção das primeiras idades da vida, ligada ao desenvolvimento do sistema escolar. A invenção da “infância”, da “adolescência” e, mais recentemente, da “primeira infância”, resultam, em grande parte, do prolongamento da duração dos estudos e da difusão da escola maternal. Da mesma forma, atualmente, a invenção da “terceira idade”, essa nova etapa do ciclo da vida que tende a se intercalar entre aposentadoria e velhice, é, no essencial, o produto da generalização dos sistemas de aposentadoria e da intervenção correlativa das instituições e agentes que, ao se especializarem no tratamento da velhice, contribuem para o processo de autonomização da categoria e, ao mesmo tempo, da população designada por ela (LENOIR, 1996, p. 76).

A citação e a reflexão citada acima nos trazem um fato que deve ser observado, diante das contradições no campo das ideias relacionadas à categorização das idades frente às relações sociais. Mesmo as categorias de idade sendo passíveis de mudança, sendo elas construídas socialmente com o passar dos anos, não há impedimentos para que estas não possuam legitimidade em nossa sociedade. A partir do momento em que as divisões são feitas, diversos e diferentes deveres e direitos são construídos e direcionados para cada segmento. Privilégio e poder em forma diversificada podem ser compreendidos em nossa sociedade como uma definição de idade para o início da vida escolar, para chegar à maioridade, a chegada da permissão para começar a trabalhar, idade para votar, ou seja, essas possibilidades se apresentam como necessárias para uma organização da sociedade.

Gaia - O envelhecimento para mim é uma fase nova na vida, onde aprendo e descubro coisas novas. Percebo que me desafia muito e me sinto bem por esses desafios. Às vezes me decepciono com uma coisa ou outra, por um esquecimento ou outro, porém o que me proponho a fazer é dançar, estudar nessa fase não tenho mais disposição para reforçar o cérebro por meio dos estudos. A velhice me apresentou a liberdade de muitas coisas e sinto que muitas dessas liberdades foram por causa da dança, por ela me sinto até mais jovem, não mais como uma dessas atrizes famosas, mas jovem por

fazer tudo aqui que antes não podia fazer mais hoje eu me disponho a me desafiar, pois vou lá e faço. Até achava que os ir aos bailes ia ser uma barreira, mas sempre estou participando e isso me faz bem.

Segundo Rodrigues e Soares (2006), é necessário desenvolver a cultura da percepção sobre a velhice como uma fase natural e desenvolvida do ser humano, no qual a pessoa pode perceber ganhos e perdas. Os ganhos, nem sempre realçados nesta etapa, podem permitir que as perdas não fiquem tão evidentes, mobilizando o sujeito em processo de envelhecimento a buscar um novo sentido nesta etapa do curso da vida.

A descrição conceitual da questão respondida sobre a velhice e a citação corrobora com a ideia da necessidade do amadurecimento ser consequência advinda com o passar das fases da vida, mas que muito depende do percurso da vida, das barreiras e do tempo que se foi aproveitado ao longo dos anos.

Contudo, enquanto nas palavras de Rodrigues e Soares (2006) o amadurecimento parece ser um processo fácil, as falas das entrevistadas revelam o grande desafio da chegada da maturidade em paralelo ao envelhecimento.

Ártemis - A velhice para mim, às vezes me lembra de algumas dores ali, dores acola e muito por esse motivo que não tenho boas considerações a fazer, durante toda a vida sempre fui muito ativa com trabalho e fazeres de casa, depois que os filhos ficaram independentes e o falecimento do marido, ai me senti um pouco mais livre e independente para enfrentar as adversidades da idade e a diminuir um pouco da vitalidade de quanto eu era jovem, porém ao fato de muitas responsabilidades terem sumido da minha mão, com a independência e minha maturidade eu senti que não precisava ficar dando satisfação a mais ninguém e agora eu posso dançar quanto e quando eu quiser, uma vez certo sobrinho sabendo das minhas idas constantes aos bailes me perguntou se eu sabia dançar forro e eu logo respondi é mais fácil perguntar se você serve para ser meu par, pois eu coloco é qualquer um na roda. Meu forró não o que vocês fazem hoje no salão não o meu é dança de verdade.

Eos - A velhice meu filho, é eu me arrumar toda para o baile e quando vou no banheiro só para dar um último retoque e esquecer pra que fui mesmo que me arrumei (risos), aconteceu comigo isso, como já aconteceu eu voltar de taxi do baile e não ter me lembrado que tinha ido de carro. A memória está começando a ficar ruim, muito ruim, mas eu não me deixo se perder não, se não fosse a dança seria muito pior tenho certeza disso, só tenho sessenta e oito anos e sei que posso ainda chegar a viver mais uns 20 anos com qualidade, por isso que tudo que faço hoje faço apenas, coisas que me dão prazer, percebo que nos anos que já venho vivendo a velhice devo fazer e viver esse momento pra mim mesma, acredito que isso seja fruto do amadurecimento. Quero dançar por mais 20 anos pelo menos meu filho, isso foi a coisa melhor que já inventaram na vida, eu me renovo a cada festa e baile dançante em que eu vou.

Segundo Beauvoir (1980), em torno dos 50 a 55 anos a mulher está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências pelos acontecimentos da vida. No entanto, durante seu percurso de vida só lhe ensinaram a ter dedicação, mas chegando a essa idade ninguém

reclama mais sua dedicação, e inútil, injustificada, contempla os anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: “Ninguém precisa de mim”.

Memória, o meio pelo qual mantemos e acessamos nossas experiências passadas para usar a informação no presente (...) como processo, a memória se refere aos mecanismos dinâmicos associados com armazenagem, retenção e acesso à informação sobre a experiência passada (STERNBERG, 2008 p. 78).

Com isso, observamos que o momento de reflexão sobre tudo da mulher que começa a enxergar parte de sua independência e sua liberdade nos traz a percepção de conquista, que antes perpassa pela decepção, às vezes de se achar inútil para a família, ao tempo que tem a ideia de também não se achar com a obrigação de antes para o desenvolvimento das atividades e obrigações familiares; esse momento revela a verdadeira simbologia da felicidade, de uma mudança de fase e de um planejamento para novas atividades que a vida não havia lhe proporcionado. A dança é uma dessas redescobertas para todas as entrevistadas aqui apresentadas e que se mostra útil para o seguimento da vida e de sua vitalidade.

Atenas - O envelhecimento é quando não se usa mais nada que usava na juventude, e tenho consciência disso, vou sempre me adequando a minha realidade, sei que o corpo não volta mais o que era antes e por não ser da área da saúde é que não entendo como isso se manifesta, depois de filhos e netos seria natural que a juventude passaria rápido, apesar de me sentir ainda com muita vitalidade e maturidade para as atividades que me proponho, sei que a beleza não mais a mesma, nem a juventude, nem a magreza e assim vou levando a vida, o importante é que a saúde anda bem e que danço.

A presente descrição ilustra bem uma constante comparação da velhice com sua juventude presente no discurso das entrevistadas, mas com falas afirmativas, analisando que estão lidando com as adversidades e que o que resta é viver o novo, onde a dança sempre se apresenta como algo que ajudou a transitar as mudanças para melhorar a vida, vencer essas adversidades e ganhar a tão falada “liberdade” e “independência” nessa fase da vida.

Porpino (2009, p. 56) diz que o ser humano nem sempre se apresenta a verdades edificadas pela nossa cultura, e a dança é uma das formas que o ser humano, em especial, as mulheres encontraram para se opor aos determinismos da cultura, fazendo com se aproxime da sua essência. Contraditoriamente, ao mesmo tempo veem seus corpos como diferentes e feios, também veem em condições de demonstração no baile, e que fazem parte desse espetáculo com seus corpos ativos.

As entrevistas aqui apresentadas se renovam com seus corpos como pode ser percebido quando descrevem que ainda conseguem fazer algo com ele. A dança renova e modifica a percepção que elas têm de seus corpos, deixando eles mais fortalecidos do que os

preconceitos acerca da velhice feminina. A presença de muitos dos homens que circulam os bailes sem aproximação alguma sobre suas intenções com a dança acaba sendo insignificante para as entrevistadas. Durante os bailes é perceptível os cavalheiros que rondam o salão quase que o baile todo sem parceria alguma, enquanto elas se divertem e dançam. O corpo, segundo elas, diferente e feio, é coberto com belas roupas e se enfeitam com uma encantadora maquiagem, minimizando, assim, as marcas da velhice.

A velhice feminina que se apresenta nos tempos atuais causa certo incômodo, pois aparentemente não seguem os possíveis padrões da velhice da “mulher idosa”. Durante a aplicação do questionário, as entrevistadas entravam em contato para conversas, buscando saber se deu certo, preocupadas sobre o que as pessoas iriam pensar delas. Apesar de que se apresentaram como empoderadas e independentes, evitam roupas decotadas, e vestindo o que consideram apropriado para a idade. A impressão que dá é que para seguirem com o direito de dançar, elas devem seguir determinadas condutas morais para uma mulher idosa, evitando excessos, roupas inapropriadas, sensualidade relacionamentos, paixões. Aparentam viver em certa margem de segurança entre viver os padrões e concordar com as regras enquanto praticam a dança.

Uma das respondentes diz “você pode conversar com a velhice e adiar”. Acaba que traduz esse diálogo com ela mesmo, no sentido de que depende se si própria em adiar cada vez mais o envelhecimento, para aproveitar mais um pouco da vida com mais vitalidade e assim poder viver mais e melhor.

Goldenberg e Toscano (1992, p. 26) mostram que, do início até a metade do século XX, as mulheres eram vistas como criaturas que Deus pusera no mundo para servir ao homem.

A visão androcêntrica é exatamente essa: tanto na lei quanto na moral e nos costumes, ela tem como paradigma modelos masculinos. O código civil brasileiro, de 1917, reservava à mulher casada um estatuto de total submisso à autoridade marital, que lhe proibia, por exemplo, ter conta bancária em seu próprio nome ou ter qualquer vínculo de emprego sem autorização do marido.

As reflexões acima nos fazem refletir que somente as pesquisadas podem explicar por que transparecem aspectos de submissão a “alguém”, no caso das mulheres separadas e das viúvas; mas até mesmo as casadas relataram não precisar mais se preocupar com a estética nem com a beleza por que já casaram. Lipovetsky (2000, p. 47) diz que, hoje, época em que a individualidade se manifesta de forma mais expressiva, a mulher tem uma relação diferente quanto à paixão e ao romance, destacando que o culto feminino do amor deve ser interpretado como um impulso dos valores modernos, fiel, porém, à lógica da divisão tradicional dos sexos.

Goldenberg e Toscano (2013) complementam o discurso mostrando as configurações com caráter de repressão como, por exemplo, “a mulher participativa”, “muito enfeitada”, aparentemente era confundida com a “mulher da rua”, “O desejo feminino não era para existir, e se fosse acontecer deveria ser reprimido”, “A mulher caseira é para ser “assexuada, ou melhor, de preferência santa”. É do estereótipo de mulher da rua, agora na velhice chamado de “viúva alegre”, que essas mulheres fogem. Seus desejos não podem aparecer, porque estão reservados ao marido ou mesmo ao ex-marido, em alguns casos, ao falecido marido. A religião católica, por sua vez, tem um papel significativo, sendo a principal formadora de opinião e da base moral dessas mulheres.

O significado da velhice como liberdade se dá geralmente pelo fato dos filhos já criados não precisarem mais de seus cuidados, pode ser um resultado de trajetórias de vidas, relacionadas a uma dominância para o desenvolvimento das tarefas do ser mãe e esposa.

O significado da velhice como liberdade, entretanto não as libera dos jargões de comedimento, cuidado com o que os outros vão falar porque, mesmo estando numa sociedade que nega a feminilidade à mulher velha, ainda assim delas são cobrados comportamentos adequados a sua idade (NASCIMENTO, 2011, p. 88).

Por fim, entende-se as perspectivas de dominância nas respostas das entrevistadas devido certas influências da época vivida por elas ou ensinadas pelos pais e avós das pesquisadas, corroborando com a relação na qual se configura o olhar da construção dos desejos masculinos, estando aí incluso o quando e como ser admirada e bela. Para que se tenha uma melhor compreensão sobre a velhice dessas mulheres que sofrem influências sobre as questões de gênero, é importante que se apresente discriminações intrínsecas na sociedade até os dias de hoje, que muitas vezes definem que o espaço da mulher não é apenas diferente, mais inferior ao do homem.

A dança de salão e suas contribuições, a independência e a autonomia feminina vividas na fase do envelhecimento refletem uma conquista não só individual, mas também coletiva, servindo como exemplo para inúmeras possibilidades para outras mulheres chegarem até onde nossas entrevistadas chegaram, não deixando de considerar a individualidade de cada uma delas, nem a forma e as adversidades que tiveram que enfrentar, mas que hoje podemos considerar que essas ações geraram um protagonismo que pode ser visto como inovador pela busca dessas senhoras dançarinas viverem mais e melhor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem vai na frente, não vê caminho, cai no buraco, pisa no espinho. Pés machucados, olhar dolente, mãos calejadas: quem vai na frente. Quem vai na frente, não vê estrada, em plena mata, abre picada. Cavando a terra, joga a semente, não colhe flores, quem vai na frente. Quem vai na frente, não tem asfalto, não tem conforto, só sobressalto. Planta e não colhe, luta e não vence, sofre e não canta, quem vai na frente, mas abre estradas, planta caminhos, buracos tapa, arranca espinhos e deixa flores, quem sempre faz, feliz e alegre, quem vem atrás (Poema “Vanguarda”, Luiz Oswaldo Santiago).

No exercício de analisar a autonomia no contexto feminino diante do masculino entre grupos etários e sociais distintos, tomamos as festas dançantes promovidas pelos clubes sociais como espaço de sociabilização, de construção de experiências e, conseqüentemente, de maturidade acerca do envelhecimento, da afetividade no processo de construção entre pares no momento de lazer, por meio da dança e dos resultados alcançados em relação à independência feminina, em especial das senhoras que dançam.

Ao pesquisar sobre as representações dos idosos por meio de suas práticas dançantes no tocante ao feminino, percebemos que são inúmeras as mudanças, em relação às transformações culturais da atualidade. Na presente descrição e nas vivências dessas senhoras dançarinas encontramos evidências em relação ao movimento de desconstrução, muitas vezes, imposta por parte da sociedade do “ser velha”, incorporados e impostos sob uma determinada ação do tempo, para projetar uma fase diferente e que não deixa de lado o fato de saber aproveitar com prazer as coisas boas da vida.

Uma das contribuições deste estudo é a afirmação sobre um movimento de novas configurações em relação ao espaço inerente a diversas formas de viver a fase no envelhecimento, a partir do fato de investir, economicamente nos indivíduos idosos. A fase da terceira idade supõe-se a inserção de um novo estilo de envelhecer que está ligado diretamente com outras possibilidades de sociabilização, como a inserção em grupos que possibilitem romper com preconceitos de gênero e de idade, e por meio de ações para além dos espaços de suas casas e sem o acompanhamento de perto de suas famílias. Essas modificações se projetam pela existência de nova forma de trabalho, voltada para suprir as necessidades de um determinado público, os chamados grupos da “melhor idade” ou “da idade especial”.

A tese reafirma seu objetivo principal que é analisar a relação entre dança, maturidade e universo feminino na dança de salão das tardes de domingo nos clubes sociais na cidade de Fortaleza na atualidade, por meio da figura de senhoras dançarinas ao encontrarem, por meio dos bailes dançantes nos clubes sociais, uma porta de acesso a novas possibilidades de viverem bem com sua atual idade. A concepção da maturidade e/ou da velhice como “ser velho”

passa a ser uma opção, ou seja, so é velho quem quer. As dificuldades que circulam em torno do processo de envelhecimento estão relacionadas às condições físicas, econômicas e/ou sociais para estar nesse novo mundo do envelhecer.

Outros objetivos desse estudo (compreender a dança no processo de independência feminina na sociedade atual, a situação dos clubes sociais no contexto sociocultural e recreativo da cidade de Fortaleza e a contextualização da dança das “tardes de domingo” como prática de lazer e sociabilização dos sujeitos da pesquisa e sua relação com o poder socioeconômico dos sujeitos pesquisados) se confirmam a partir dos resultados apresentados pelo tempo de permanência nesses bailes na cidade de Fortaleza, que ultrapassa vinte cinco anos, assim com a frequência, majoritária, por idosas que escolhem a dança como lazer e os clubes sociais como espaço de sociabilização entre os participantes.

Apesar da necessidade de certo poder aquisitivo para se manter nesta zona “melhor idade”, o mais difícil é se livrar dos apelos oriundos da tradicionalidade e depois alinhar com as características da atualidade. Suas descrições apresentam que parte de seu trajeto de vida foi marcada por submissões. Compreender o ser feminino de uma forma que vai para além das características sexuais determinadas biologicamente é prejudicado significativamente pela moral cristã e familiar patriacal, suprema até meados do século passado.

Além disso, é válido analisar que essas informantes passaram pelo período da ditadura militar no Brasil, quando a premissa “era não poder fazer quase que mais nada na vida, quando estivesse se aproximando da velhice”. Nesse período chegar ao envelhecimento era para se libertar ou não, conseqüentemente havia ali um desejo retraído; por outro lado, havia um desejo que se renovava. Quando estavam diminuídas às representações sociais de mãe, esposa e avó dedicavam-se exclusivamente as tarefas domésticas, e quando passavam dos sessenta anos não restavam muitas opções a não ser de serem avós. Essas senhoras que acordavam para fazer as tarefas dos outros, hoje acordam e decidem o que vão fazer para si. Muitas ainda são avós, mas hoje elas são as avós que dançam.

Ampliando essas considerações e fazendo uma comparação com as relações sociais vividas por essas senhoras no passado, foi possível perceber que nos famosos “anos dourados” ou “período da jovem guarda” o masculino tinha certa autoridade sobre o feminino e os homens eram os patriarcas responsáveis pelo sustento da família, onde o papel se restringia ao lar – atividades domésticas, cuidar do marido e dos filhos. O clube era o ambiente onde encontravam certa liberdade, ainda que sob os olhares atentos da sociedade, somente na década de 1990 que começaram os primeiros sinais de mudanças no tocante às experiências femininas advindas no “novo formato de bailes” e a inserção do “contrato”, baile de “fichas”.

Isto posto, percebeu-se senhoras pagando para dançar com pessoas mais jovens, ou seja, colocando em prática a sexualidade, o empoderamento e a independência. Tal atividade vivenciada por essas senhoras dançarinas em prol da maturidade adquirida por suas experiências promove uma relocação dos modelos antigos impostos pela sociedade e agora na atualidade se apresentam como uma verdadeira independência e autonomia feminina.

No decorrer deste estudo a relação de contratar um dançarino se justificou pela falta de “homem para dançar” nos clubes da cidade de Fortaleza. Percebe-se que essa é uma das justificativas, dentre outras existentes, que fazem parte de uma nova percepção de sociabilização dentro dos bailes da cidade. Assim, tais anseios femininos ocasionaram o surgimento de um novo mercado: o mercado dos jovens dançarinos acompanhantes de senhoras nos bailes dos clubes sociais. Esse processo mercadológico veio ao encontro das necessidades da mulher com mais de sessenta anos, solteiras, viúvas ou divorciadas, que buscam a prática da dança. São novas vivências sociais interligadas com novas formas de pensar o envelhecimento, a qualidade de vida, a saúde mental e corporal.

A descrição acima responde às perguntas que norteiam esta tese, afirmado que a dança de salão é, de fato, uma atividade importante como prática de lazer para senhoras que buscam autonomia e sua maturidade, bem como promove por meio de sua independência um espaço de trabalho para os dançarinos, além de apresentar a dança de salão de mulheres maduras como um espaço de sociabilidade possível por meio do lazer e da independência feminina, transcendendo assim o significado de “belo” como algo, harmonioso, significativo, convidativo e admirável.

O estudo confirma que a dança de salão passa a ser também um aspecto responsável por essas novas formas de sociabilizar, considerando, assim, essa dança como uma importante incentivadora da prática social e da valorização do corpo destas mulheres, por meio da busca pela performance, atualmente atribuído aos aspectos positivos oriundos da flexibilidade, da beleza nos passos e movimentos corporais e um certo vigor físico exigido no salão, onde o corpo da mulher de mais de sessenta e cinco anos na maioria das vezes ganha mais visibilidade do que as das jovens, e quando observadas sentem fazer parte de um “mundo novo”.

No processo inicial de observação nos bailes percebeu-se que tal fato se confirma, pois para serem bem vistas nas tardes de domingo, elas se preparavam para esses momentos. Quando elas se arrumam melhoram a autoestima. Quando adentram a esse ambiente dos clubes sociais passaram a enxergar melhor ao outro e a si mesmas, uma vez que perceberam que sair de casa para comprar acessórios e roupas novas não era o mesmo que sair para comprar brinquedos e roupas para os netos; sair de casa para se embelezar nos salões não era o mesmo

que pegar a filha no salão de beleza; sair de casa para um baile não era o mesmo que pegar as filhas e netas no fim de uma festa. Os olhares se voltaram para essas senhoras dançarinas, e isso de certa forma modificou a forma delas mesmo se perceberem e se valorizarem.

Esta tese apresenta a dança como um novo e importante campo para a Educação, por meio da Educação Física, quando se trata do sujeito mulher. O trabalho aponta uma nova postura, quando essas senhoras rompem com esses estereótipos de que não é possível lidar com seu corpo e assumir sua sensualidade e sexualidade, que aparentemente as senhoras parecem estar ali por uma carência afetiva, porque precisam de um acompanhante. A tese apresenta que elas assumem que, de fato, precisam de uma pessoa que esteja com ela, um dançarino, e com ele estabelecem uma relação que as conduzem à liberdade através da dança de salão e do bem-estar causado por essa atividade. A partir daí pode fluir sua sensualidade que é uma característica importante do feminino. As imposições advindas da sociedade são quebradas nesse momento por essas senhoras que dançam.

A Educação Física como espaço de ciência não está apenas nas atividades escolares mas também na formação do corpo para toda a vida, ou seja durante a fase escolar, juventude, a vida adulta e no envelhecimento como aqui representado por essas senhoras dançantes que por meio do movimento e do corpo se pode romper com preconceitos e assim quebrar paradigmas em relação a sua independência feminina.

Esta pesquisa apresenta dentre seus achados que entre a vovó que não dança e a que dança tem uma quebra de paradigma de maior importância a ser compreendido pela sociedade de hoje, sobretudo em relação ao feminino, as barreiras a serem enfrentadas por elas, a coragem de assumirem perante à família, perante aos maridos, filhos e, acima de tudo, conseguirem sair desse espaço de controle. Essas mulheres que fazem parte de uma determinada classe social quebram as barreiras do preconceito, estabelecendo novos conceitos sobre diferentes formas de envelhecimento, por meio de sua independência financeira e autonomia de decisão do que querem e como querem que seja seu envelhecimento, mediante a uma sociedade capitalista segmentada por classes.

Um dos principais achados desta tese está relacionado à existência de espaços de sociabilização que advêm de uma série de discursos sobre a “melhor idade” e de uma determinada construção do envelhecimento no contexto da atualidade. Na cidade de Fortaleza, entre as senhoras que frequentam as festas dançantes promovidas pelos clubes sociais e investem em seu lazer, pagando dançarinos para dançar, é de costume atribuir essas escolhas pela dança de salão devido os inúmeros benefícios proporcionados por essa atividade, principalmente em relação à saúde mental e corporal, como uma atividade de lazer, ou seja, a

tese é a apresentação de um comportamento novo de mulheres que dançam, mulheres de vanguarda e protagonismo como citado no poema que abre essa seção.

Por fim, diante das contribuições aqui apresentadas a respeito de mulheres idosas dançarinas participantes da dança de salão nos clubes sociais de Fortaleza nas tardes de domingo, analisamos que as mesmas fazem parte de um processo emancipatório iniciado com o movimento feminista, mas que, pela formação patriarcal de cada uma e herança cultural brasileira ainda defendem em seus discursos preceitos que elas mesmas já romperam na prática, como sair à noite, participar de bailes, administrar o próprio dinheiro, pagar dançarinos, etc.; rompimentos esses realizados por meio da prática da dança de salão. Logo, conclui-se que a prática da dança de salão por essas mulheres nos clubes sociais de Fortaleza contribui para um envelhecimento mais saudável de suas participantes, tanto no aspecto físico, como mental; além de torná-las mais maduras, independentes e felizes.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, A. C. P.; PEDRÃO, L. J. A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo: 2005 março-abril; 13(2): 243. Disponível em: v13n2a17 (scielo.br). Acesso em: 22 mar. 2021.
- ABREU, M. C. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: Ágora, 2017.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMORAS, F. C. A entrevista reflexiva na pesquisa em educação. **Revista virtual Partes**. São Paulo, SP. Maio, 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/entrevistareflexiva.asp>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- ARAÚJO LOIOLA, N. N. L. *et al.* Trabalhando a educação popular em saúde com a dança. **Gestão e Saúde**, Brasília, n. 1, p. 817-823, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BARROS, M. L. de. "Os deuses não ficarão escandalizados": ascendências e reminiscências de femininos subversivos no sagrado. **Rev. Estud. Fem.** v. 21, n. 2, Florianópolis, maio/ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000200005. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do geróntolo. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2014; 17(3): 647-657. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v17n3/1809-9823-rbagg-17-03-00647.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1976.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKMAN, K. B; AMES, B. N. The Free Radical Theory of Aging Matures. **Physiological Reviews**, 1998.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- BOTELHO, M. **Autonomia Funcional em Idosos**: Caracterização multidimensional em idosos utentes de um centro de saúde urbano, 1. ed., Porto: Laboratórios Bial, 2000.
- BRASIL. Plano Mais Brasil. PPA 2012-2015: **Agendas transversais — monitoramento participativo. Pessoa idosa, ano base 2012**. Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão/SPI. Brasília, 2013.
- BRASIL. **Estatuto do idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- BREGOLATO, R. **A Cultura Corporal da Dança**. São Paulo: Editora Ícone. Vol.1, 2000.
- BURT, R. **The male dancer**: bodies, spectacle, sexualities. London: Routledge, 1995.
- CAPUCHA, L. **Envelhecimento e políticas sociais**: novos desafios aos sistemas de proteção. Proteção contra o risco de velhice: que risco? Lisboa: Cies/Iscte, 2013.

- CAVALCANTE, M. J. M. **História Educacional de Portugal**: discurso, cronologia e comparação- um ensaio de crítica histórica. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CARADEC, V. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. Tradução de C. Marques. *In*: GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 21-44.
- CARVALHO, A. M. A. de. **Sistemas de poupança complementar para a reforma em Portugal**. Fundação para a Ciência e Tecnologia- FCT. Évora: Universidade de Évora, 2010.
- CAVALCANTE, M. J. M.; HOLANDA, P. H. C.; QUEIRÓZ, Z. F. **Histórias de mulheres**: amor, violência e educação. Fortaleza: Edições UFC, 2015.
- COOPER, D.; SCHINDLER, P. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- COSTA, A. O. LIMA, V. R.; MARZOLA, **Memórias (das mulheres) do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COSTA, A.; BARROSO, C. S.; CYNTHIA, A. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? **Cadernos de Pesquisa**, n. 54, p. 5-15, ago. 1985.
- CUPERTINO APFB, R. F. H. M.; RIBEIRO, P. C. C. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicol. Reflex. Crítica**. 20(1):81-6
2007.
- DESMOND, J. C. Embodying Difference: issues in dance and cultural studies. *In*: **Meaning in Motion**: new cultural studies of dance. Durham: Duke University Press, 1997.
- DEUTSCH, S. **Música e dança de salão**: interferências da audição e da dança nos estados de ânimo. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 1997.
- DUARTE JR., João Francisco Fundamentos estéticos da educação. Campinas SP: Papyrus, 1995.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIOT, T. S. “**Notas para a definição de cultura**”. Trad. Wolf, Eduardo. São Paulo: Ed. Realizações, 2011.
- ELLMERICH, L. **História da Dança**. 3. ed. São Paulo: Ricordi, 1987.
- FERNANDES, A. **Questões Demográficas**: Demografia e Sociologia da População. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- FREUD, S. Uma lembrança de Infância Leonardo da Vinci. **ESB**. V. XVI, 1910.
- GALON, V. S.; MATOS, F. M.; MANTOVANELI JUNIOR, O. Bem viver, envelhecimento, meio ambiente. Congresso Internacional Envelhecimento Humano. **Anais...** 2017. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD2_SA15_ID1796_08092017223610.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.
- GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODINEAU, D. **Les femmes dans la société française**, 16 -1 8 siècle. Paris: Armand Colin, 2003.
- GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

- GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. RJ: Editora Record LTDA. 2009.
- GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2011.
- GOMES, J. V. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil**. [200?]. Disponível em: <http://www.danceadois.com.br/portal/content/view/23/9/>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- GONZAGA, Luiz. **Técnicas de danças de salão**. Rio de Janeiro: Editora SPRINT, 1996.
- GUILHEM, D.; DINIZ, D., SCHÜKLENK, U. **Ética na Pesquisa: experiência de treinamento em países sul-africanos** Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2006.
- HANNA, J.L. **To Dance is Human: A Theory of Nonverbal Communication**. U.S.A: University of Texas Press, 1979.
- HERMANN, G; LANA, L. D. **A influência da dança na qualidade de vida dos idosos**. Biblioteca Lascasas, 2016; 12 (1). Disponível em: <http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0884.php>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- HUNT, L. Revolução francesa e vida privada. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges (org.). **História da vida privada**. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LAGELÉE, G.; MANCERON, G. **La conquête mondiale des droits de rhomme**. Paris: UNESCO, 1993.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LANGENDONCK, R.V. **História da dança**. 2. ed. São Paulo: edição da autora, 2008.
- LINS, R. N. **A cama na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporaneo**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: SP: Manole, 2005.
- MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. 2002. Disponível em: http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.
- MASSENA, Mariana. **A sedução do brasileiro: um estudo antropológico sobre a dança de salão**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARAND-FOUQUET, C. **A mulher no tempo da revolução**. Tradução de Maria Mello. Portugal: Inquérito, 1993.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing, uma Orientação Aplicada**. 4. ed. Bookman, Porto Alegre, Brasil, 2006.

- MAZURSKY, D. Past experience and future Tourism decisions. **Annals of Tourism Research**, vol. 16(3), p. 333-344, 1989.
- MCROBBIE, A. Dance Narratives and Fantasies of Achievement. *In*: DESMOND, Jane C. (org.). **Meaning in Motion: new cultural studies of dance**. Durham: Duke University Press, 1997.
- MEIRA DE PAULA, D. A. **Dança de salão: história e evolução**. 2008. 23 f. Trabalho de conclusão (Licenciatura – Educação Física) – UNESP, Rio Claro, 2008.
- MENDES, M. **A dança**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MINAYO, M. C. S. (org.) *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MIRANDA, L. C; BANHATO, E. F. C. **Rev. Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora-MG, vol. 2, n. 1, p. 69-80, jan/jun. 2008.
- MONTEIRO, P. P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MORAES, M. L. **Mulheres em movimento**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- NANNI, D. **Dança e educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- NÓVOA, A. Modelos de análise em educação comparada: o campo e a carta. **LesSciences de l' education pour l' èrenouvelle**, n. 2-3, 1995.
- OLIVEIRA, R. Em nome da Mãe: O arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Ártemis**, Paraíba, v. 3, dez, 2005.
- PINSKY, C.B. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PORTINARI, M. **Nos passos da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PORTINARI, M. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- PONTES, R. N. **Mediação e serviço social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RIED, B. **Fundamentos de dança de salão: programa internacional de dança de salão; programa básico competitivo internacional**. São Paulo: Phorte, 2002.
- ROLNIK, S. Toxicômanos da identidade: Subjetividade em tempo de globalização. *In*: LIN, D. (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 19-24.
- ROCHA, M. D. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 7, n. 10, jan./jun. 2007.
- ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de casos**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. (Clássicos Garnier).
- SALGADO, Marcelo Antonio. Políticas Sociais na Perspectiva da Sociedade Civil. **Anais do I Seminário Internacional sobre o Envelhecimento Populacional**, Brasília, 1996.
- SALLES, A. C. T. C.; CECCARELLI, P. R. A invenção da sexualidade. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 32, n. 60, p. 15 – 24, Set. 2010. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/39714640-A-invencao-da-sexualidade.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

SALZER, J. **A expressão corporal**. Trad. J. D. Marchese. São Paulo: Difel, 1983.

SARTI, C. A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, 2001: p.31-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia I**, Campinas I 25(4), outubro – dezembro, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

SCHWARTZ, A. Gênero e Cultura. *In*: HABSBERG, **H-Net Comentários**. Fevereiro de 2011.

SCHWARTZ, G. M. A arte no contexto da Educação Física. **Revista Motriz**, v.5, n.1, p. 49-51, 1999.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Revista Dae UFLA**, Organ. Rurais Agroind. 2005.

SILVA, M. R. F. E. Políticas públicas na área do envelhecimento: possibilidades e limites da atuação do Serviço Social. **Revistas de Políticas Públicas**, São Luís, volume especial, p. 205-210, out. 2012.

SILVA, M. R. F. E. Envelhecimento e proteção social: aproximações entre Brasil, América Latina e Portugal, **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 126, p. 215-234, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282016000200215&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 set. 2019.

SILVA, M. G. M. S; SCHWARTZ, G. M. A expressividade na dança: visão do profissional. **Revista Motriz**, v.5, n.2, p. 186-177, 1999.

SINEAU, M. Direito e democracia. *In*: DUBY, G.; PERROT, M. (Dir.). **História das mulheres no ocidente**. Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho *et al.* Porto: Afrontamento, 1995.

SOBOUL, A. **História da revolução francesa**. Tradução Hélio Pólvora. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONIAL, T. **Dança e sociabilidade**: o Dois-um em Rondonópolis. 2007. Monografia (Graduação em História) – ICHS/CUR, UFMT, Rondonópolis, 2007.

TONIAL, T. **Dança de salão e lazer na sociedade contemporânea**: um estudo sobre academias de Belo Horizonte. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Lazer)- Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

TOSCANO, Moema e GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres**: um balanço do feminismo no Brasil. RJ: Revan, 1992.

TULARD, J.; FAYARD, J-F.; FIERRO, A. **Histoire et dictionnaire de la révolution française**: 1789-1799. Paris: Robert Laffon, 1987.

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VOLP, C. M. **Vivenciando a dança de salão na escola**. São Paulo: USP, 1994.
Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
Instituto de Psicologia USP, 1994.

VOVELLE, M. (Dir.). **L'ÉTAT de la France**: 1789-1799. Paris: La Découverte, 1988.

WOLLTONECRAFT, M. **Vindicación de los Derechos de la Mujer**. Tradução de Carmen
Martinez Gimeno. Madri: Cátedra, 2000.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Emmanuel Alves Carneiro

Orientadora: Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda

- Entrada e Saída dos bailes
- Indumentárias e acessórios
- Comportamentos (Manifestão de alegria, afeto etc)
- Relacionamentos e acompanhantes
- Música
- Sociabilização e aspectos de independência

**APÊNDICE B- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS APLICADO AOS
REPRESENTANTES E MÚSICO DOS CLUBES SOCIAIS ENVOLVIDOS NA
PESQUISA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Discente: Emmanuel Alves Carneiro

Orientadora: Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda

- Principais características históricas do clube social
- Função social do clube em relação ao serviço oferecido diante das atividades dançantes para a sociedade na cidade de Fortaleza
- Período que ofereceu os bailes nas tardes de domingo na cidade de Fortaleza.
- Principal público participante nos bailes nas tardes de domingo
- Qual a relação do público com o clube social?

APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Emmanuel Alves Carneiro

Orientadora: Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda

Nome do entrevistado(a): _____

Profissão: _____

Idade: _____

Possui filhos () sim () não se sim, quantos ()

Estado Civil – Casada () Solteira() Viúva() Divorciada() outros()

Bairro que mora atualmete _____

Cidade onde nasceu _____

A - Descreva uma breve apresentação no percurso da sua vida, onde estudou, família, filhos, netos percurso da profissão e ocupação até os dias de hoje?

B – Dança e Vida no percurso da vida.

- 1- Com a dança entrou na sua vida no decorrer da infância e dos seus valores familiares? (apresentações na escola, festas religiosas, festas juninas e etc)?
- 2- Dança e Vida na (Juventude): Bailes, tertúlias, festas sociais. ?
- 3- Dança e vida (Adulta): festas dançantes, grandes bailes com orquestras?
- 4- Dança e Vida (a partir da meia idade e do envelhecimento)?

C – Benefícios e dificuldades no percurso da Dança em sua vida.

- 1- O que a Dança lhe ensinou e quais os benefícios nesse tempo dedicado à dança?
- 2- Quais os desafios, superações ou mesmo dificuldades foram enfrentados sua participação com a dança em relação aos familiares e amigos? (**importante destacar antes do período de isolamento social**).
- 3- Frequentava bailes e aulas em academias ou particular antes de isomamento social? Com que frequencia se dava essa rotina?
- 4- A frequência nos bailes antes do período de isolamento social era feita por algum acompanhamento? se sim, relate esse acompanhamentos seja com amigas ou amigos, familiares ou dançarinos (personal dance). Como se dava essa interação?
- 5- Discorra sobre suas crenças e percepções sobre o ser feminino
- 6- Discorra sobre suas crenças e percepções sobre o envelhecimento
- 7- Deixe um recado ou comentario para as mulheres que dançam ou pretendem dançar.

OBS: As perguntas podem ser respondidas com descrições sem limites de linhas de respostas, podem ser manuscritas, digitadas ou da maneira que se sentir vontade de responder elas.

APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****Discente:** Emmanuel Alves Carneiro**Orientadora:** Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A senhora está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa referente a uma tese de doutorado intitulada **BELAS TARDES DE DOMINGO: MATURIDADE E DANÇA NO CEARÁ**, orientada pela professora Dra. Patrícia Helena de Carvalho Holanda. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo, se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A presente pesquisa se justifica pela relação que a mulher tem com a dança de salão, por meio de sua independência. É nosso interesse as questões da contribuição da mulher por meio de sua subjetividade e independência na prática das danças sociais. Vale destacar a relevância social deste trabalho, que consiste em contribuir para divulgar a importância que a mulher tem na sociedade atual e sua relação de independência e fortalecimento da prática das danças sociais na cidade de Fortaleza, Ceará. Portanto, o objetivo deste estudo é compreender a relação entre dança, maturidade e universo feminino na dança de salão.

Procedimentos:

Os procedimentos serão realizados pelo preenchimento do questionado abaixo com respostas subjetivas que traçam lembranças sobre o percurso na dança nas diferentes partes da vida e sua contribuição nos dias atuais por meio de sua prática. As respostas podem ser digitadas ou manuscritas, na melhor forma que achar adequado.

Desconfortos e riscos:

A senhora **não** deve participar deste estudo, caso não se sinta à vontade para responder ao questionário, há um risco mínimo de constrangimento ao participante, por isso será marcado com antecedência uma data, horário e local que melhor se adequem à disponibilidade da entrevistada para responder aos questionários.

Benefícios:

Acreditamos que os resultados podem contribuir com o nosso estudo com o enfoques inovadores que as interações entre a dança de salão, a promoção da mulher em destaque as mulheres de meia idade e idosas por meio de sua independência, considerando sua subjetividade possam trazer para a compreensão dos fenômenos do desenvolvimento feminista e sua contribuição para a prática da dança de salão.

Acompanhamento e assistência:

Durante a aplicação do questionário poderão solicitar nova data, caso não estejam confortáveis durante as etapas da pesquisa. Após encerrada a pesquisa, os participantes poderão entrar em contato a qualquer momento com o pesquisador para esclarecimento de dúvidas. Em casos de detecção de algum problema, mesmo que mínimo, os participantes serão encaminhados aos profissionais pertinentes dos Serviços de Saúde Pública, sem custos.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

Você terá direito ao ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa e à indenização pelos danos resultantes desta, nos termos da Lei.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras: Emmanuel Alves Carneiro - 85 9 87241261 emmanuelcarneiro@ifce.edu.br. Residente Av. Presidente Castelo Branco, 4758 Jacarecanga – Fortaleza Ceará CEP 60312060. Orientadora Dra Patricia Helena Carvalho Holanda – 85 9 86449445 profa.patriciaholanda@gmail.com

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

Contato telefônico (opcional): _____

E-mail (opcional): _____

(Assinatura do participante LEGAL) Data: ____/____/____.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Emmanuel Alves Carneiro

Assinatura do (a) pesquisador (a)